

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS CAICÓ - CaC
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO**

SUENY NÓBREGA SOARES DE BRITO

**A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

**CAICÓ, RN
2019**

SUENY NÓBREGA SOARES DE BRITO

**A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Pólo (Núcleo) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Caicó/CaC, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

**CAICÓ, RN
2019**

SUENY NÓBREGA SOARES DE BRITO

**A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN:
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Pólo (Núcleo) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Caicó/CaC, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em ____/____/____.

Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Orientadora

Profa. Dra. Elisete Medianeira Tomazetti
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Examinadora Externa

Prof. Dr. José Teixeira Neto
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Examinador Interno

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

B862e Brito, Sueny Nóbrega Soares de
A experiência do PIBID-Filosofia Caicó-RN na
construção de metodologias para o ensino de Filosofia. /
Sueny Nóbrega Soares de Brito. - Caicó, RN, 2019.
137p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
graduação Mestrado Profissional em Filosofia).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Filosofia. 2. PIBID. 3. Experiência. 4. Metodologia. I.
Cirino, Maria Reilta Dantas. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

*Dedico esse trabalho, a todos/as educadores/as,
que buscam nas incertezas de suas experiências, o inesperado,
e nele faz e refaz o fazer docente.*

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Maria Reilta Dantas Cirino, que além de acreditar nesta pesquisa, incentivou e contribuiu com sua orientação e conhecimentos, e respeitosamente, com sua leveza e rigor, sempre atenta as minhas inquietações me instigou à investigação da referida pesquisa.

Ao professor Dr. José Teixeira Neto, que muito tem me inspirado para exercer a docência, à professora Dra. Waldênia Leão de Carvalho, que carinhosamente, aceitou o convite para participar da banca da qualificação e à professora Dra. Elisete Medianeira Tomazetti que de forma solícita nos presenteou com sua presença na defesa da referida pesquisa, agradeço aos três pelas contribuições com as considerações e sugestões evidenciadas na Qualificação e na Defesa.

A todos aqueles que representam o Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, em especial, os que fazem parte do Pólo Caicó/Campus Caicó – CAC/UERN.

Aos mestrandos do PROF-FILO/2016/UERN, pelas discussões e experiências compartilhadas nas disciplinas, além do incentivo e da colaboração nos momentos inquietantes da pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, pelo apoio com bolsa de estudos, contribuindo para realização da pesquisa e participação em eventos acadêmicos, os quais instigaram o percurso teórico e prático da pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa Ensinar e Aprender na Educação Básica – GPEAEB/UERN/CNPq, que com suas leituras reflexivas sobre a docência contribuiu para a referida investigação.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, pela oportunidade que me foi proporcionada a participar do programa, instigando minha pesquisa.

Ao admirável professor Dr. José Francisco das Chagas Souza, primeiro coordenador do PIBID/Filosofia/CAMPUS CAICÓ/UERN, pelo apoio em produções que excitaram a referida pesquisa.

À Escola Estadual Teônia Amaral - EETA, Florânia/RN e ao Colégio Diocesano Seridoense - CDS, Caicó/RN, pela disponibilidade de contribuir com dados para o enriquecimento da pesquisa.

À Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim – EECCAM, pelo apoio e incentivo, em especial ao professor Suédson Relva Nogueira, pelo companheirismo profissional, como também à professora Iaponira Costa, pela correção ortográfica.

Aos meus amigos e amigas, pela colaboração e incentivo.

Ao meu esposo, Belchior de Brito Farias, pelo incentivo e apoio, cuidando dos filhos e muitas vezes sendo compreensivo com minhas ausências domiciliares.

Aos meus filhos, Danylo Matheus, Darlan Moisés e David Marcos, pelo incentivo e apoio, por acreditar no meu esforço e respeitar os momentos das necessárias distâncias.

Aos meus pais, Miguel Soares Neto (*In memorian*) e Luzia Nóbrega Soares (*In memorian*), pela compreensão e apoio. Especialmente, a minha mãe, que quando presente em nossas vidas acreditava no meu potencial e torcia pela minha caminhada acadêmica.

As minhas irmãs, Suely Nóbrega e Suenyra Nóbrega, pelo apoio, compreensão e incentivo.

A todos os meus familiares, pelo apoio e incentivo, em especial, a minha avó, Maria José (*In memorian*), pela sua perseverança, apoio e desejo que seguíssemos o caminho da pesquisa.

*Tomar a formação pelo viés da experiência-pesquisa
é abrir-se ao processo de esvaziamento das certezas estabelecidas
e buscar na experiência e a partir da experiência abrir trilhas na expectativa de
encontrar possibilidades de formação e de transformação.
(CIRINO, 2015, p. 03)*

RESUMO¹

O desafio de pensar a prática no ensino de Filosofia tem viabilizado pertinentes debates sobre a formação docente para o referido ensino e a nossa pesquisa intenciona contribuir para esses debates. A pesquisa se propõe a investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes, este se apresenta como objetivo geral de nossa pesquisa. Sendo o PIBID/UERN/Filosofia/Caicó um projeto formativo de iniciação à docência que tem o potencial de possibilitar a experiência formativa na relação entre instituição formadora e o contexto real da escola, percebemos a necessidade de discutir a formação docente filosófica para o Ensino Médio e seus desafios; o conceito de experiência em Larrosa (2014), entrelaçando com a perspectiva de Filosofia relacionada à vida em Ortega y Gasset (2016). Continuando nosso propósito investigamos a experiência do PIBID na formação dos/as egressos/as (ex-pibidianos/as) com relação à construção de metodologias que possam aproximar os/as estudantes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia, apresentando recomendações que contribuam para pensar a metodologia no ensino de Filosofia no Ensino Médio que contemplem a atividade da Filosofia, na relação/desejo de filosofar dos/das estudantes, considerando as metodologias identificadas no processo de coleta de dados da referida pesquisa. Participam da investigação através de uma pesquisa semiestruturada um professor da rede pública e uma professora da instituição privada, ambos egressos do Curso de Filosofia (Caicó/UERN), ex-pibianos do subprojeto de Filosofia (2010-2013), Campus Caicó – CAC. Por fim, desejamos que essa investigação contribua para a construção do conhecimento que considere a formação na docência filosófica necessariamente inseparável do conhecimento específico da Filosofia da área de ensino de Filosofia e fomenta discussões acadêmicas sobre metodologias do ensino filosófico na Educação Básica.

Palavras-chave: Filosofia. PIBID. Experiência. Metodologia.

¹ Resumo da dissertação A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN: NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA, de Sueny Nóbrega Soares de Brito, defendida em abril de 2019 no Curso de Filosofia da UERN no Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia – PROF-FILO, Polo Caicó, Campus Caicó/UERN.

ABSTRACT²

The challenge of thinking about the practice of teaching Philosophy has succeeded in creating relevant debates about the teacher training in teaching and our research intends to contribute for those debates. The main goal of our research is to investigate the subproject PIBID/UERN/Filosofia/Caicó for the development of methodologies to think about the *how to do* in teaching Philosophy in a way that contributes to the students' relationship/desire to philosophize. Since PIBID / UERN / Filosofia / Caicó is a formative project of teaching initiation which has the potential to enable the formative experience in the relationship between the educational institution and the real context of the school, we see the need to discuss about the philosophical teacher training in high school and its challenges; the concept of experience in Larrosa (2014) intertwining with the perspective of Philosophy related to life in Ortega and Gasset (2016). Continuing with our purpose, we investigate the PIBID experience in egress training (*ex-pibidians*) related with developing methodologies that can approximate students from basic education to the Philosophy teaching by presenting recommendations that contribute to think the methodology in the Philosophy teaching in high school which contemplate the activity of Philosophy, in the relation/desire to philosophize the students, considering the methodologies identified in the data collection process of this research. The participants that collaborated in this research through a semi-structure interview were a public-school teacher and a private school teacher, both graduates in Philosophy (Caicó/UERN), *ex-pibidians* from the Philosophy subproject (2010-2013) campus Caicó – CAC. At last, we want this research to contribute with the knowledge construction that considers the training in philosophy teaching necessarily inseparable from the specific knowledge and foment discussions about methodologies in the philosophy teaching in basic education.

Keywords: Philosophy. PIBID. Experience. Methodology.

² Abstract of the dissertation THE EXPERIENCE OF PIBID-PHILOSOPHY CAICÓ-RN: IN THE CONSTRUCTION AND METHODOLOGIES FOR THE PHILOSOPHY TEACHING, by Sueny Nóbrega Soares de Brito, defended in April of 2019 in the Philosophy Course of UERN in the Professional Master's in Teaching of Philosophy – PROF-FILO, Polo Caicó, Campus Caicó/UERN.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PESQUISA E PESQUISADOR: UM ENCONTRO A DESVENDAR	16
2.1 O INTERESSE PELA TEMÁTICA: UMA AVENTURA PESSOAL E PROFISSIONAL.....	16
2.2 PROBLEMATIZANDO O OBJETO.....	18
2.3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA.....	27
2.4 CAMINHOS QUE NORTEIAM O PENSAR TEÓRICO: FILOSOFIA E VIDA COM ORTEGA Y GASSET.....	31
2.5 CONSTITUINDO CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	41
3 FORMAÇÃO DOCENTE DO PROFESSOR DE FILOSOFIA: EXPERIÊNCIAS QUE TOCAM	50
3.1 FORMAÇÃO DOCENTE.....	50
3.1.1 Formação docente do/a professor/a de Filosofia	52
3.2 EXPERIÊNCIAS DE SI E POSSIBILIDADES DE PENSAR A PRÁTICA DOCENTE COM LARROSA.....	58
3.2.1 A experiência do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó no ensino de Filosofia	63
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICES A - CARTA DE ANUÊNCIA	91
APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	92
APÊNDICES C - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA	94
APÊNDICES D - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA PESQUISA	96
APÊNDICES E - INSTRUMENTO PARA COLETA DE NARRATIVAS DE AUTOBIOGRAFIAS	97
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO N.01 ENTREVISTA COM O PROFESSOR PEDRO HENRIQUE	98
APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO N.02 ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA MARIA	102
APÊNDICE H – ENTREVISTA ESCRITA DE PEDRO HENRIQUE	106

APÊNDICE I – ENTREVISTA ESCRITA DE ANA MARIA.....	114
APÊNDICE J– COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.....	121
APÊNDICE L – PROJETO ARTICULADORES DO SABER FILOSÓFICO.....	124
ANEXO I – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	135

1 INTRODUÇÃO

A educação contemporânea se encontra em um processo de ampla transformação e nesse contexto os/as educadores/as buscam respostas às novas exigências que a sociedade concede à escola, às novas tecnologias, às ciências, à comunicação e à globalização. Com o objetivo de desenvolver a aprendizagem, os/as professores/as percebem-se com a responsabilidade de criar possibilidades para a construção do conhecimento que supram as exigências contemporâneas.

A Filosofia não se encontra fora desse contexto, os/as docentes e os/as futuros/as docentes além de discutirem o que ensinar também se encontram com a questão de como ensinar. Como ensinar de forma a proporcionar ao/a jovem a possibilidade de pensar por si mesmo? É possível criar uma metodologia própria da Filosofia? Como ensinar Filosofia no Ensino Médio a tornar o ensino filosófico? Como desenvolver uma metodologia que possibilite ao/a discente o espaço de suspensão do imediato útil valorizado pela sociedade contemporânea para pensar sobre o próprio pensamento?

Nos Cursos de Licenciatura em Filosofia, uma das preocupações dos/as futuros/as professores/as é com as metodologias de ensino que proporcionem condições de realizar a adaptação do conteúdo filosófico para as aulas do Ensino Médio. A formação acadêmica precisa estar atenta no aspecto do método para aulas em que o conteúdo filosófico torne-se acessível ao/a estudante da Educação Básica.

Os métodos para aulas de Filosofia precisam contribuir para a ação do pensar, raciocinar e refletir, tornando-se inerente ao processo do filosofar, o/a docente tem o desafio de promover espaços, condições e materiais para desenvolver essa aprendizagem.

Esse desafio instiga a investigação de possibilidades de rupturas com relação aos modelos metodológicos construídos pela didática clássica, voltadas para o desenvolvimento de técnicas elaboradas em outro contexto educacional. Para pensar em novos modos de ensinar é preciso considerar os diferentes contextos históricos culturais, e tentar descobrir através da criatividade, espaços e estratégias que promovam o ensino aprendizagem.

A relevância da referida pesquisa se enfatiza na necessidade de repensar o *fazer* na sala de aula do Ensino Médio. A inquietação para a pesquisa vem sendo percebida ao longo de dez anos de atuação no ensino de Filosofia, tanto como

professora do nível médio, como também professora formadora de licenciados/as em Filosofia e, mais, especialmente, na atuação como supervisora no Subprojeto de Filosofia no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN/Campus Caicó.

O embate entre necessidades, possibilidades e o aporte legal tem viabilizado ações interessantes em termos de constituição de políticas públicas educacionais, se destacando a criação do PIBID. O referido programa se regulamenta a partir da Portaria Normativa n. 16, de 23 de dezembro de 2009, e apresenta “[...] por finalidade apoiar a iniciação à docência de estudantes de licenciatura plena das instituições federais e estaduais de educação superior, visando aprimorar a formação dos docentes, valorizar o magistério e contribuir para a elevação do padrão de qualidade da Educação Básica”. (BRASIL, 2009, p. 01).

A presente pesquisa tem sua constituição nas experiências desenvolvidas no espaço da UERN, a partir do Subprojeto do PIBID/Filosofia, considerando a participação de 2 (dois) egressos licenciados em Filosofia/UERN. A identificação dos sujeitos para a investigação seguiu os critérios de compor os/as licenciados/as egresso/as do Curso de Licenciatura em Filosofia/Caicó/UERN que participaram do Subprojeto PIBID Filosofia/Caicó/UERN e estão atuando, no contexto dessa pesquisa, na docência da Educação Básica. Nessa busca com o apoio da Secretaria do Curso de Filosofia, Campus Caicó, encontramos o professor Pedro³ Henrique e a professora Ana Maria. Nossa pesquisa, tematiza a formação inicial e continuada, analisando as experiências do programa sobre a atuação docente na constituição de metodologias que contribuam para o ensino da Filosofia na Educação Básica. Para apreciação e validação da pesquisa cadastramos o projeto na Plataforma Brasil, no qual se submeteu ao parecer do Comitê de Ética, confirmada a aprovação, iniciamos a pesquisa, e conforme as disponibilidades dos/as participantes agendamos encontros para a entrevista semiestruturada.

O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento da formação docente da Educação Básica e sua valorização, surge da preocupação com os efeitos insatisfatórios das práticas educativas desenvolvidas no contexto escolar, como também do despreparo dos recentes licenciados na atuação em sala de aula, isso implica a necessidade de elucubrar sobre o desempenho do referido projeto na

³ Nomes fictícios em observância às orientações do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UERN, quanto à preservação da identidade dos sujeitos de pesquisa.

perspectiva de contribuir com a construção do profissional inovador e capaz de enfrentar os atuais desafios da docência. Dessa forma, a performance do projeto impulsionou a nossa pesquisa ter como objetivo geral, investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. Os objetivos específicos se concretizaram em:

- Discutir a formação docente filosófica para o Ensino Médio e seus desafios.
- Investigar a experiência do PIBID na formação dos/as egressos/as (ex-*pidianos/as*) com relação à construção de metodologias que possam aproximar os/as estudantes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia, que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

Acreditamos como hipótese que a referida pesquisa poderá contribuir para que os/as professores/as pensem sobre sua prática no ensino de Filosofia, de que maneira trabalham os conteúdos e quais exercícios metodológicos propostos aos/as estudantes que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. Reflitam também na possibilidade de viabilizar a experiência da Filosofia com jovens a identificar o Subprojeto PIBID Filosofia/Caicó/UERN, como um programa formador capaz de contribuir para atuação docente que se refaz ao lado da pesquisa, reconhecendo-se inseparável da investigação para uma atuação de qualidade na escola.

No primeiro capítulo descrevemos o contexto da pesquisa, mencionando as motivações quanto à escolha do tema, a problematização do objeto de estudo, as abordagens de investigações teóricas, apresentando a relação da Filosofia com a vida, a mesma nos é arremessada, mas não acabada. A partir do pensar filosoficamente sobre a vida podemos fabricá-la, questionando sobre o que nos é imposto e assim pensar sobre que possibilidades poderiam ser melhor para ocupar minha vida (ORTEGA Y GASSET, 2016). Também discutiremos nesse capítulo a investigação metodológica, os sujeitos e os instrumentos de coleta de dados, que nortearam nossa pesquisa.

O segundo capítulo analisa a constituição do sujeito na educação, destacando a experiência de si no processo educacional a partir da observação de como o/a licenciado/a se vê, se narra e se julga. Discutimos inicialmente no referido capítulo a formação docente do/a professor/a de Filosofia, focalizando as investigações sobre os desafios do Ensino Médio brasileiro, a fase de iniciação docente, conflitos e saberes

necessários à formação, tendo em vista a legalidade do ensino, os documentos oficiais, como também aportes teóricos dos pesquisadores como Josso (2010), Nóvoa (2014) e Sofiste (2002). No mesmo capítulo, ainda, selecionamos Larrosa (1994) para apresentar as possíveis dimensões da experiência pelas quais se determina e se constitui o que é visível no sujeito, considerando a experiência como algo que nos toca e não o que se passa. Nesse sentido, tentamos identificar as experiências a partir das análises e interpretações dos dados apresentados nas autobiografias e entrevistas realizadas com os/as bolsistas do PIBID/UERN/Filosofia, buscando relacioná-las às contribuições e impactos instigados pelo programa, para a partir das narrativas das experiências formativas no PIBID observar as possíveis mudanças na relação do/a licenciado/a com o curso de Filosofia, considerando a construção de metodologias para o ensino de Filosofia que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

Nas considerações finais descrevemos nossas reflexões a respeito da experiência de formação docente dos/as egressos/as que participaram do PIBID, no que se refere ao como *fazer* no ensino de Filosofia. Dessa forma, buscamos articular nossa interpretação dos dados coletados ao desenvolvimento do Subprojeto no Curso de Filosofia/UERN/Caicó, propondo recomendações para a formação docente e atuação do PIBID na Licenciatura de Filosofia, à construção de metodologias para o ensino de Filosofia em vista de que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

2 PESQUISA E PESQUISADOR/A: UM ENCONTRO A DESVENDAR

Nesse capítulo designamos apresentar a trajetória de nossa pesquisa no que condiz à questão dos aspectos pessoais, profissionais, teóricos e metodológicos. A contextualização da pesquisa, o que instigou a investigação dentro do PIBID/UERN/Caicó, potencializada pela experiência como professora formadora há quase três décadas. Mencionaremos sobre a temática em que se insere o objeto de pesquisa, o problema investigado e a opção metodológica assumida para a pesquisa.

2.1 O INTERESSE PELA TEMÁTICA: UMA AVENTURA PESSOAL E PROFISSIONAL

O interesse em investigar a experiência relacionada à formação docente a partir dos impactos provocados pelo PIBID/UERN/Caicó incidiu da minha própria experiência como professora do Ensino Médio de Filosofia, também por participar do PIBID como supervisora. As situações vivenciadas nas ações docentes junto com os bolsistas do subprojeto trouxeram-me reflexões e indagações acerca da formação dos futuros professores do Ensino Médio, as necessidades formativas da docência aclamavam por discussões continuadas para um melhor desempenho no processo de ensino, especialmente em relação às metodologias para o ensino de Filosofia. Assim, as contribuições do referido programa para a construção da identidade docente e constituição profissional foram a principal motivação para realização deste estudo.

A origem dessa experiência vai sendo construída com a minha participação como supervisora do subprojeto do PIBID/UERN/Filosofia/Caicó. A perspectiva de trabalhar com os bolsistas iniciando sua formação, conduziu-me a refletir sobre o sentido do trabalho a ser construído com o grupo e, na medida do possível, buscar superar o modelo de formação pelo qual fui formada, tanto no Curso de Magistério (1988) quanto no Curso de Filosofia (2000). Mesmo tendo feito uma especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica, que contribuiu para minha atuação na sala de aula, o PIBID/UERN/Filosofia/Caicó me fez buscar uma proposta de trabalho voltada para inovação e significação do aprendizado.

No ano de 1990 comecei com a prática docente na rede estadual do Rio Grande do Norte, onde lecionei no Ensino Fundamental. Nesse período a Filosofia estava afastada dos currículos, pois desde o ano de 1964, com o golpe militar, a referida

disciplina tornou-se facultativa, e como a educação estava voltada ao serviço dos interesses econômicos acabou exercendo um papel ideológico que tinha como modelo educacional o técnico e burocrático.

O ensino de filosofia não atendendo a essas solicitações tecnoburocráticas e político ideológicas, já não servia aos objetivos das reformas que pretendiam instituir na estrutura do ensino brasileiro. A sua extinção como disciplina, já optativa no currículo, em 1968, foi pensadamente preparada através de uma série de leis e decretos, pareceres e resoluções de Conselho Estadual de São Paulo, que, neste caso, centralizavam as decisões da área educacional. (CARTOLANO, 1985, p. 72 apud MAZAI; RIBAS, 2001, p. 10).

A Filosofia nesse contexto foi desaparecendo progressivamente, sendo considerada desnecessária às novas diretrizes nacionais, e é substituída de acordo com a Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) por Organização Social e Política (OSPB). “Seu retorno ocorre, a princípio como disciplina optativa, ao longo dos anos de 1980”. (CARVALHO; SANTOS, 2010, p. 14).

Depois de oscilar como disciplina escolar a mesma vivenciou nos currículos, períodos de instabilidade e estabilidade na educação brasileira. Com a Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), não modifica a situação que coloca a Filosofia apenas como parte de outras disciplinas, podendo ser trabalhada a partir dos temas transversais (BRASIL, 1998). Para as diretrizes dessa lei, no artigo 36, parágrafo 1º, ao final do Ensino Médio o/a estudante precisa ter o “[...] domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (BRASIL, 2005, p. 19), continuando assim sendo negada a presença da Filosofia como componente curricular obrigatório. Nessa conjuntura, encontrava-me lecionando aulas de História para o Ensino Fundamental II, até que essa minha situação profissional foi alterada por força da aprovação da Lei 11.684/08, que revê o artigo 36, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB e estabelece a obrigatoriedade da disciplina de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio, regendo que “[...] serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio [...]”. (BRASIL, 2012, p. 24).

Nesse contexto, a minha atuação profissional colocava-me um desafio instigante e inquietante: lecionar aulas de Filosofia para o Ensino Médio. Mesmo estando ditosa com a situação, muitas indagações cercavam meus pensamentos, tais como: O que ensinar? Como ensinar?

Minha postura de professora pesquisadora contribuiu para a busca de leituras que me auxiliaram no processo do ensino permitindo a construção de um perfil de

atuação docente inquieto e em articulação com o mundo dos estudantes, até que em 2010 fui contemplada com a bolsa para supervisora do PIBID/UERN/Filosofia/Caicó. As experiências vivenciadas junto aos pibidianos contribuíram para a reflexão sobre minha atuação como docente da disciplina de Filosofia, tornando-a ainda mais significativa para os/as estudantes da Educação Básica, a partir de estudos realizados no PIBID sobre o ensino filosófico na Filosofia, sobre como metodologicamente exercitar a Filosofia com os jovens do Ensino Médio foi possível envolver os referidos estudantes a atividade da Filosofia e os mesmos encontrarem sentidos nas discussões filosóficas.

Assim, percebo a pertinência da referida pesquisa por considerar que a mesma contribuirá para a compreensão desse processo de formação de futuros docentes de Filosofia no Ensino Médio e autoformação, já que como formadora também incide na minha formação, como também para a formação continuada dos/as docentes e pesquisadores/as na área da docência.

2.2 PROBLEMATIZANDO O OBJETO DA PESQUISA

A formação de professores no Brasil é uma questão bastante enfatizada nos debates educacionais, entre os problemas mais discutidos. O processo de desvalorização da docência tem inquietado os/as pesquisadores/as, levando-os/as a refletirem sobre a licenciatura e a atuação dos/das profissionais da referida área (NÓVOA, 2009). As atuais condições da educação, incluindo fatores externos ao processo pedagógico como o aviltamento salarial e a precariedade do trabalho escolar, vêm prejudicando a formação inicial e continuada dos/as professores/as. É perceptível que o desestímulo dos/das jovens à escolha da docência como profissão futura e a desmotivação dos/as professores/as em exercício para buscarem o aperfeiçoamento profissional são consequências, entre outros aspectos, das péssimas condições de trabalho, dos salários pouco atraentes e da jornada de trabalho excessiva.

Diante dos problemas apresentados, é possível perceber que a educação se encontra em um contexto de incertezas e de muitas hesitações. Percebemos a necessidade da mudança. Os discursos excessivos sobre o tema que se apresentam nas práticas ineficientes da docência no Brasil parecem que dizem as mesmas recomendações e ao mesmo tempo não dizem nada, ficando a formação de

professores/as exposta ao efeito dos discursos redundantes que repetem palavras ou indicações incapazes de desvendar uma dissolução para o problema.

O/A profissional da educação tem enfrentado várias mudanças no setor de suas atividades e na formação filosófica não é diferente. Estudos realizados por Cerletti (2008), Ghedin (2009) e Aspis (2004) sobre a formação inicial dos/as licenciandos/as de Filosofia apresentam relevância na busca de novas orientações para o processo de formação inicial e continuada, visto a necessidade de se repensar a docência na atual conjuntura da escola de educação do Ensino Médio.

A UERN/Campus Caicó, lócus dessa pesquisa, vem desde o ano de 2001, através da criação do Curso de Licenciatura em Filosofia, formando grande parte dos docentes que atuam na área de Filosofia na Região do Seridó. Dados sobre os egressos do referido curso no período de 2002 a 2017.²⁴, somam um total de 211 (duzentos e onze) estudantes diplomados/as e aptos à atuarem na disciplina de Filosofia no nível médio. Em sua Proposta Pedagógica de Curso – PPC, assim se expressa sobre o perfil formativo a ser formado envolvendo ensino, pesquisa e extensão: “[...] como espaço de interlocução interna e externa entre a Universidade e a comunidade visando contribuir com o processo de formação humana e com a transformação social.” (UERN, 2017, p. 48).

Nesse sentido, a UERN, a partir de 2010, ao se tornar parceira do PIBID se propõe às mudanças curriculares e projetos que propendem às discussões de uma licenciatura capaz de propiciar aos estudantes as capacidades necessárias para enfrentarem e resolver com mais eficiência os obstáculos da prática docente. O PIBID consolida-se como uma das iniciativas que contempla a proposta de incentivo e valorização do magistério, permitindo a inovação e reflexão sobre a docência, capacitando os/as licenciados/as em Filosofia a atuarem na escola do Ensino Médio, considerando a educação como processo mutável e vulnerável às transformações da sociedade. Problematizamos nossa pesquisa na intenção de enfrentar os desafios postos pela tarefa de analisar e refletir sobre a formação do professor em Filosofia do Ensino Médio a partir do Subprojeto de Filosofia/Caicó, estabelecendo as possíveis relações com o PIBID atrelado à proposta formativa ofertada pela universidade (UERN). O PIBID/UERN foi instalado em dezembro de 2009 e nesse período adotava seus esforços para:

⁴ Dados elaborados e cedidos pela secretaria do Departamento de Filosofia de Caicó – DFI, em setembro de 2018.

[...] incentivar a formação de professores para a Educação Básica, contribuindo para a elevação da qualidade da escola pública, valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente, elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial dos professores nos cursos de licenciatura das instituições públicas de Educação Superior, inserir os licenciandos no cotidiano das escolas da rede pública de educação, promovendo a integração entre Educação Superior e Educação Básica; proporcionar aos futuros professores participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem [...] (BRAZ; RUIZ, 2013, p. 14)

A Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim – EECCAM foi contemplada com as ações do PIBID/UERN/Filosofia/Caicó em sua primeira versão no ano de 2010, na busca de valorizar o magistério e contribuir na formação inicial dos/as licenciandos/as e formação continuada da professora supervisora do Subprojeto. Nessa etapa estudos teóricos foram realizados com intuito de preparar teoricamente os/as formandos/as envolvidos à prática da sala de aula posteriormente.

O PIBID/UERN/Filosofia/Caicó está em ação na cidade e Caicó desde 2010. Em 2009, a partir do Edital N° 02/2009 – CAPES, ocorreu sua primeira elaboração, tendo como coordenador o professor José Francisco das Chagas Souza, o referido subprojeto tinha como objetivo fortalecer e ampliar a relação universidade e escola já desenvolvida nos estágios, além de oportunizar uma reflexão para o exercício docente a partir de vivências de situações ocorridas na realidade escolar, nessa primeira versão, cinco licenciandos, cinco licenciandas, uma supervisora e um coordenador de área participaram do mesmo.

No segundo momento de atuação do Subprojeto ainda na primeira versão os/as pibidianos/as produziram diagnóstico da escola, tendo em vista planejarem intervenções para a sala de aula com a expectativa de suprir as dificuldades identificadas na diagnose, essa ação “[...] permitiria ao licenciando, desde já, refletir sobre seu futuro campo de trabalho bem como desenvolver as competências e habilidades de maneira criativa e criadora [...]” (TEIXEIRA NETO; SOUZA, 2018, p. 36). Considerando o Subprojeto de Filosofia/PIBID/UERN/2009,

[...] a questão principal a ser resolvida e superada com relação à formação para o ensino de filosofia na Educação Básica é muito mais pedagógica e didática ou mesmo técnica e metodológica [...] Não existe, portanto, uma preocupação especificamente filosófica com o ensino de filosofia e nenhum questionamento sobre a possibilidade de se pensar, no processo de formação dos futuros filósofos-professores, uma didática filosófica. Compreendemos, certamente, que essa questão não fazia parte das inquietações e discussões

daqueles que discutiam o ensino de filosofia à época (TEIXEIRA NETO; SOUZA, 2018, p. 36-37).

Conforme o escrito compreendemos que no referido Subprojeto o como *fazer* no ensino de Filosofia se incluía no que mais preocupava os pibidianos/as e seus /as formadores/as. Permanecendo na mesma instituição EECCAM, o Subprojeto que compõe o Edital 011/2012 parece de acordo com os autores citados “[...] fixar o olhar na ação ‘Elaborar material didático-pedagógico e oficinas que visem maior dinamismo da ação docente’” [...] (TEIXEIRA NETO; SOUZA, 2018, p. 41. Grifo do autor.).

A segunda versão foi elaborada a partir do Edital Nº 011/2012 – CAPES, considerando a mesma coordenação e supervisão, ocorreu uma seleção para bolsistas contemplando mais 10 bolsistas, sendo seis licenciandas e quatro licenciandos. O referido subprojeto visava dar continuidade a um trabalho realizado no subprojeto anterior e retomar pontos do Plano anterior que não foram possíveis de serem executados. Além de priorizar a confecção de produtos (material didático) para as aulas de Filosofia no Ensino Médio.

Na busca de estratégias para superar os problemas de aprendizagem no ensino de Filosofia o PIBID/UERN/Filosofia/Caicó mobilizou a professora supervisora do Subprojeto a atuar como coformadora dos futuros professores/as. Juntos pensaram em metodologias que suprissem os anseios dos/das estudantes de Filosofia do Ensino Médio. No Edital 061/2013 o PIBID/UERN/Filosofia/Caicó se propôs a:

[...] dar continuidade, mas também avançar em alguns aspectos, como por exemplo, elaborar uma proposta curricular para a filosofia, componente curricular obrigatório no ensino médio e produzir um ‘Caderno didático-filosófico’ com sugestões de temas, problemas, textos clássicos da filosofia e indicações didático-metodológicas a ser utilizado nas aulas de filosofia [...]. (TEIXEIRA NETO; SOUZA, 2018, p. 41-42. Grifo do autor.).

O Subprojeto do Edital 061/2013 do PIBID/UERN/Filosofia/Caicó deu continuidade aos seus trabalhos até 2016 destacando cinco ações principais “[...] Formação; Produção; Relação Universidade – Escola Básica; Eventos e ações internas do subprojeto [...]” (TEIXEIRA NETO; SOUZA, 2018, p. 42). Essas ações fortaleceram a ideia do Subprojeto do Edital 07/2018 que ainda em vigor se justifica por compreender a necessidade de intensificar a formação do/a pibidiano/a, a partir das ações elencadas acima. Atrelado às cinco ações, destacamos a relação

ensino/pesquisa que tem se apresentado como um diferencial na trajetória dos Subprojetos/Filosofia/UERN⁵.

Os/as pibidianos/as têm produzido significativamente na pesquisa científica, incluindo publicação em eventos específicos da Filosofia, artigos publicados em livros e revistas científicas como também material didático para o ensino de Filosofia no Ensino Médio⁶. Supervisores/as e licenciandos/as têm se envolvido na pesquisa sobre prática docente a ponto de participar de projetos de pesquisa, eventos acadêmicos, além disso, os/as supervisor/as têm dado continuidade a sua formação ao ingressar no Mestrado PROF-FILO/UERN. “[...] Não imaginamos hoje um professor-pesquisador separado do professor atuante apenas na sala de aula, logo porque se torna inadmissível tal dicotomia absurda, permitindo um erro em se tratando de prática docente [...]” (TEIXEIRA NETO; MEDEIROS; SOUZA, 2017, p.39). A participação no Subprojeto citado nesse texto tem conduzido os/as supervisores/as e licenciando/as a se sentirem pertencentes do universo da pesquisa, considerando assim inseparável para a formação docente.

Nessa terceira versão ocorre uma configuração diferente, o referido Subprojeto passa a atuar em três escolas, com o total de 20 bolsistas, uma supervisora, dois supervisores e um coordenador de área, o professor José Teixeira Neto, onze licenciandos e nove licenciandas. Na perspectiva de acompanhamento informal dos/as egressos/as, visto a atuação como supervisora desde sua primeira edição, podemos afirmar a partir dos dados coletados junto à secretaria do Curso de Filosofia (UERN, 2017) que de um total de 50 (cinquenta) egressos/as, ex-pibidianos/as, 10 (dez) estão atuando em sala de aula no nível médio, uma já atuou no ensino superior como professora temporária e dois ex-pibidianos atuam como professores temporários do ensino superior.

A formação de professores para atuar no ensino básico é um dos principais aspectos responsáveis pela educação. Nas últimas décadas amplos debates nos eventos acadêmicos vêm se desenvolvendo entre pesquisadores/as pibidianos/as ou não, formadores, profissionais do ensino, bem como o campo legal como as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - OCNEM (BRASIL, 2006)

⁵ Os Subprojetos/Filosofia/UERN estão disponíveis em:
<<http://www.pibidfilosofiaicaico.com/p/artigos.html>>.

⁶ Parte desse material pode ser encontrado no site do PIBID de Filosofia Caicó-RN: <<http://www.pibidfilosofiaicaico.com/p/artigos.html>>.

sobre as abordagens relativas à profissão docente, e os estudos neste campo apontam para uma definição do papel do/a professor/a e da prática pedagógica, considerando a necessidade de uma reorientação no posicionamento do/a educador/a na busca de metodologias de ensino eficazes no processo da aprendizagem. Também fundamentada na LDB/1996, surge a Base Nacional Comum Curricular- BNCC⁷, outro documento que tem o intuito de contribuir na reorientação das práticas dos/as educadores/as, firmado nos princípios de trabalhar com competências.

Para a elaboração do documento citado o *I Seminário Interinstitucional para elaboração da BNCC* foi decisivo nas discussões que subsidiaram a referida produção, participaram desse encontro especialistas que faziam parte da comissão selecionada para a elaboração da BNCC.

Art. 1º Fica instituída a Comissão de Especialistas para a Elaboração da Proposta da Base Nacional Comum Curricular.

§ 1º A Comissão de Especialistas será composta por 116 membros, indicados entre professores pesquisadores de universidades com reconhecida contribuição para a Educação Básica e formação de professores, professores em exercício nas redes estaduais, do Distrito Federal e redes municipais, bem como especialistas que tenham vínculo com as secretarias estaduais das unidades da Federação. (BRASIL, 2015, p. 01)

De acordo com a Portaria Nº 592, de 17 de junho de 2015, a comissão de especialistas foi determinada de acordo com as áreas de conhecimento, atribuía-se à comissão a produção da proposta da BNCC e a consolidação da mesma através de relatórios de discussão pública para entregar ao Conselho Nacional de Educação - CNE até fevereiro de 2016.

Em 16 de setembro de 2015 é disponibilizada para apreciação pública a 1ª versão da BNCC, havendo uma mobilização em todo o país para a discussão do documento, sendo possível a colaboração de professores/as e educadores/as nas discussões sobre competências e habilidades apresentadas na BNCC. No Dia D da BNCC, de 2 a 15 de dezembro de 2015, as escolas discutiram e enviaram suas contribuições para o referido documento e a Secretaria de Educação Básica-SEB disponibiliza a 2ª versão da BNCC no dia 3 de maio de 2016.

⁷ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018a, p. 07).

Para continuar as discussões sobre a BNCC, o Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME promoveram 27 Seminários Educacionais de 23 de junho a 10 de agosto de 2016.

Em março de 2018, os professores do Ensino Infantil e Fundamental I e II, com o objetivo de compreender o documento e pensar o ensino a partir da BNCC iniciam os estudos sobre a parte homologada. Em 02 de agosto de 2018, ocorreu o Dia D, Dia Nacional de Discussão sobre a BNCC, os professores/as, gestores/as e técnicos/as da educação debateram sobre a BNCC e preencheram um formulário online, sugerindo aprimoramento no documento, o que foi possível perceber que em relação a 2ª versão houve uma mudança significativa, as sugestões encaminhadas pelos debates para a elaboração da 3ª versão não foi tão considerada pela comissão responsável pelo documento. Em 14 de dezembro de 2018, Rossieli Soares, então Ministro da Educação, homologou a BNCC⁸ para o Ensino Médio.⁹

A BNCC orienta que cada área de conhecimento norteará suas atividades a partir das competências gerais e específicas, como também das habilidades,¹⁰ definindo como competência:

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018a, p. 08).

Na proposta da BNCC (BRASIL, 2018a) cada área de conhecimento precisa estar atenta além das competências gerais, também às competências específicas e as habilidades que são descritas conforme as particularidades de cada área que estão em consonância com o que relata a LDB/1996.

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:
I – linguagens e suas tecnologias;
II – matemática e suas tecnologias;
III – ciências da natureza e suas tecnologias;

⁸ Para maiores esclarecimentos, consultar: < <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104101-rcp004-18/file>>.

⁹ BNCC disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/BNCC_14dez2018_site.pdf>.

¹⁰ Observe no Apêndice J as Competências e Habilidades das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

IV – ciências humanas e sociais aplicadas. (BRASIL, 2017, p. 25)

A Filosofia se encontra na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e até as orientações atuais conforme o referido artigo, precisamente no “§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao Ensino Médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia.” (BRASIL, 2017, p. 25). Nesse sentido, debates sobre o ensino de Filosofia na Educação Básica precisam continuar suas discussões em prol de garantir aos/as jovens da Educação Básica, o conhecimento filosófico apresentado como necessário na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. No Rio Grande do Norte está sendo elaborado um documento norteador para o Ensino Médio a partir da BNCC (2018a), as discussões apresentadas na versão preliminar apresentam que além das disciplinas do currículo tradicional os/as estudantes têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a partir dos componentes eletivos.¹¹

A BNCC (2018a) organiza as aprendizagens em 04 (quatro) áreas de conhecimento: Linguagem e suas Tecnologias (língua portuguesa, arte, educação física, línguas estrangeiras modernas – inglês e espanhol), Matemática, Ciências da Natureza (biologia, física e química), Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (geografia, história, física e sociologia) e Formação Técnica e Profissional. Tal forma de organização curricular tem o propósito de romper com a centralidade das disciplinas no currículo, favorecendo algumas possibilidades de integração curricular, para responder as demandas complexas da vida cotidiana. O currículo do Ensino Médio, em atendimento ao que preceitua o art. nº 36 da LDB/9.394/96, alterado pela Lei 13.415/2017, fundamenta-se a partir da BNCC (2018a), constituindo-se também de uma parte flexível, capaz de criar situações de trabalho mais colaborativas e organizadas de acordo com os interesses dos/as estudantes de modo que favoreçam seu protagonismo. Além da tradicional organização por disciplinas, a proposta do Novo Ensino Médio, evidencia possibilidades de flexibilização curricular da formação geral básica como também dos itinerários formativos, que facilitam a articulação entre

¹¹ O Componente Eletivo compõe uma estratégia de ampliação curricular a considerar uma flexibilização da base comum do currículo com intuito de aprofundar e expandir as aprendizagens. De acordo com as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, no Art. 12, parágrafo 7 “A critério dos sistemas de ensino, os currículos do ensino médio podem considerar competências eletivas complementares do estudante como forma de ampliação da carga horária do itinerário formativo escolhido, atendendo ao projeto de vida do estudante”. (BRASIL, 2018b, p. 08).

as áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, o Guia de Implementação do Novo Ensino Médio apresenta como flexibilização curricular as seguintes possibilidades:

Laboratórios: supõem atividades que envolvem observação, experimentação e produção em uma área de estudo e/ou o desenvolvimento de práticas de um determinado campo (línguas, jornalismo, comunicação e mídia, humanidades, ciências da natureza, matemática etc.)

Oficinas: espaços de construção coletiva de conhecimentos, técnicas e tecnologias, que possibilitam articulações entre teorias e práticas (produção de objetos/equipamentos, simulações de “tribunais, quadrinhos, audiovisual, legendagem, fanzine, escrita criativa, performance, produção e tratamento estatístico etc.)

Clubes: agrupamento de estudantes livremente associados que partilham de gostos e opiniões comuns (leituras, conservação ambiental, desportivo, cineclube, fã-clube, *fandom* etc)

Observatórios: grupos de estudantes que se propõem, com base em uma problemática definida, a acompanhar, analisar e fiscalizar a evolução de fenômenos, o desenvolvimento de políticas públicas etc. (imprensa, juventude, democracia, saúde da comunidade, participação da comunidade nos processos decisórios, condições ambientais etc.).

Incubadoras: estimulam e fornecem condições ideais para o desenvolvimento de determinado produto, técnica ou tecnologia (plataformas digitais, canais de comunicação, páginas eletrônicas/*sites*, projetos de intervenção, projetos culturais, protótipos etc).

Núcleos de estudos: desenvolvem estudos e pesquisas, promovem fóruns de debates sobre um determinado tema de interesse e disseminam conhecimentos por meio de eventos – seminários, palestras, encontros, colóquios – publicações, campanhas etc. (juventudes, diversidade, sexualidade, mulher, juventude e trabalho etc.).

Núcleos de criação artística: desenvolvem processos criativos e colaborativos, com base nos interesses de pesquisa dos jovens e na investigação das corporalidades, especialidades, musicalidades, textualidades literárias e teatralidades presentes em suas vidas e nas manifestações culturais das suas comunidades, articulando a prática da criação artística com apreciação, análise e reflexão sobre referências históricas, estéticas, sociais e culturais (artes integradas, vídeoarte, performance, intervenções urbanas, cinema, fotografia, *slan*, hip hop etc). (BRASIL, 2018b, p. 14, Grifo do autor)

No processo de construção de uma proposta curricular para o Ensino Médio existem princípios básicos que fundamentam a sua elaboração, trazendo implícita uma visão sobre o tipo de sociedade que o projeto educacional deve contribuir para a formação do/a estudante. Nessa perspectiva indagamos: Que projeto educacional os/as professores/as almejam para os/as seus/as estudantes? Que projetos são almeçados pelo sistema educacional federal? Que projeto educacional supre as necessidades dos/as jovens contemporâneos/as? As incertezas norteiam o proposto para o Ensino Médio no que se refere ao espaço da Filosofia, se a própria BNCC relata sobre a educação integral, contudo, não apresenta explicitamente o espaço da Filosofia. Esse aspecto, especialmente, é uma fragilidade que devemos nos

preocupar, a ideia de pensar a Educação Básica sem a Filosofia nos remete à perceber a possibilidade de ser retirado do/a jovem o direito ao conhecimento filosófico, negando ao/à mesmo/a uma formação na perspectiva da educação integral.

Nossa pesquisa pretende contribuir também no debate sobre o ensino de Filosofia na Educação Básica, precisamente no âmbito das metodologias de ensino. A mesma tem sua constituição nas experiências desenvolvidas no espaço da UERN/Campus Caicó e da Escola Estadual Calpúrnia Caldas do Amorim – EECCAM, a partir do Subprojeto do PIBID/Filosofia, considerando a participação dos/as bolsistas licenciados/as egressos/as do referido curso que estão atuando na docência especialmente na região do Seridó. Tematiza a formação inicial na área de Licenciatura em Filosofia e investiga a experiência do Subprojeto PIBID/Filosofia/UERN/Caicó sobre as práticas de ensino aplicadas nas aulas de Filosofia. Nessa perspectiva, nossa pesquisa apresenta as seguintes indagações: Quais experiências de formação do PIBID/UERN/Filosofia Campus Caicó dos/as egressos/as que atuam como docentes na disciplina de Filosofia? De que forma a experiência no PIBID Filosofia/Campus Caicó contribuiu para a efetivação de metodologias que possam aproximar os/as estudantes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia?

2.3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Nossa investigação foi desenvolvida com os/as egressos/as da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Caicó - CaC, Curso de Licenciatura em Filosofia, os quais passaram durante a formação pela experiência no Subprojeto PIBID/Filosofia/Campus Caicó, no período de 2010 a 2012 e que estão atuando na docência da Educação Básica.

A cidade de Caicó situa-se na Mesorregião Central Potiguar no Estado do Rio Grande do Norte, precisamente na Microrregião Central. É o maior município da Região do Seridó com uma extensão territorial de 1.228,576 Km², é o sexto município do Estado. Está a 158 metros de altitude, sendo 269 km sua distância rodoviária de Natal, a capital do Estado. Localizada em pleno semiárido, no Sertão do Seridó, caracterizada pela escassez e instabilidade das chuvas, altas temperaturas, baixa umidade e uma passagem marcada pela vegetação caatinga. Com 62.709 habitantes,

sendo na zona urbana 50.624 e 6.378 na zona rural, 30.373 homens e 32.336 mulheres, com uma taxa de alfabetização de 84,7%. (BRASIL, 2010).

O Curso de Licenciatura em Filosofia, na referida cidade, primeiramente, foi instituído como Curso de Filosofia Eclesiástico do Instituto de Filosofia e Teologia Cardeal Sales, da Diocese de Caicó, ministrado no Colégio Diocesano Seridoense-CDS, sendo que atualmente está localizado na Sede do Campus Caicó/UERN, na Avenida Rio Branco, n. 725, Centro, Caicó/RN.

Muitos foram os estudos para tornar o referido curso eclesialístico à categoria de curso acadêmico da UERN, como Curso de Licenciatura em Filosofia. Após análises realizadas pela comissão da UERN na direção do Magnífico Reitor Prof. José Walter da Fonseca e de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso - PPC/2017, em 2002, o Curso de Licenciatura em Filosofia de Caicó foi incorporado pela UERN, pretendendo articular teoria e prática de forma interdisciplinar, almejando:

[...] fornecer aos discentes uma formação geral nas diferentes áreas da Filosofia: História da Filosofia, Lógica, Ética, Ontologia e Teoria do Conhecimento, etc.; uma formação específica para atuação docente: Psicologias, Didática, Educação Especial, LIBRAS, Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico, entre outras, e, ao mesmo tempo, favorecer o desenvolvimento da capacidade de pensamento crítico em relação ao homem, a natureza e a realidade cotidiana, bem como a capacidade de ação reflexão ação para resolução de situações-problema contextualizadas. (UERN, 2017 p. 32).

O/A licenciando/a além de desenvolver habilidades de um/a pesquisador/a nas diversas áreas da Filosofia, é preciso também considerar o desempenho do pensamento crítico, sendo capaz de adequar os conteúdos e as metodologias adquiridas durante o curso à experiência da sala de aula nos níveis da Educação Básica, tentando desenvolver nos/as estudantes do referido nível, a capacidade de refletir filosoficamente.

A expectativa com relação à implantação do curso entusiasmava a população de Caicó, considerando a necessidade do mercado de trabalho existente, e o Projeto de Lei, n. 11.684/08 que tramitava com a ideia da obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio. Na cidade que tem 08 (oito) escolas com Ensino Médio (quatro públicas e quatro privadas), 03 (três) já tinham em seu currículo a Filosofia como disciplina optativa. Com a obrigatoriedade, em 2009, o perfil de formação dos/as professores/as que atuavam em Caicó se distribuía da seguinte maneira: 02 (dois) professores licenciados em Filosofia, 01 (um) em Geografia, 01 (um) em Letras e 02 (dois)

Graduandos em História e Filosofia, no total, 06 (seis) professores porque 01 (um) atuava em 03 (três) escolas. (SOUZA, CIRINO, 2010).

Com a aprovação da Lei n. 11.684, de 02 de junho de 2008, que assegurava a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Filosofia no Ensino Médio, a necessidade da formação na licenciatura de Filosofia se apresentou como evidente para a sociedade seridoense. A aprovação da referida lei veio trazer a legitimação de um espaço de atuação na Educação Básica no nível médio para os/as egressos/as do Curso de Filosofia/Campus Caicó/UERN, tendo em vista que o referido curso já tinha em desenvolvimento esse perfil formativo.

Na história do Curso de Licenciatura em Filosofia de Caicó, o Projeto Pedagógico de Curso - PPC passou por quatro momentos de elaboração, essas determinadas pelas mudanças na legislação brasileira e por documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação – MEC. Sua quarta e atual reformulação em 2017, foi motivada pela publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN/CNE/2015:

[...] o quarto e atual momento, 2016/2017, as modificações ocorridas atendem à Resolução n. 2, de 1º de Julho de 2015, DCN/CNE/CP/2015, as quais definem novas Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN (2015) para a formação inicial e continuada em nível superior. (UERN, 2017, p. 11).

Verificamos, contudo, que ainda encontram-se em vigor os PPCs de 2012 e 2017. Embora tais reformulações impliquem em novo formato às proposições da proposta formativa em alguns sentidos, como por exemplo, o currículo de 2012 é organizado por 04 (quatro) eixos formativos, os quais são: 1) formação comum e específica; 2) autonomia intelectual e profissional; 3) conhecimentos pedagógicos que fundamentam a ação educativa; 4) cultura geral e profissional, esses passam no PPC de 2017 a serem estruturados por 03 (três) núcleos formativos, atendendo à solicitação da referida legislação: “Por essas razões, o Currículo do Curso de Licenciatura em Filosofia, atendendo ao que preceitua a Resolução n. 2, de 1º de Julho de 2015, DCN/CNE/CP/2015 e o Parecer CNE/CP n. 02/2015 constitui-se de 03 (três) núcleos formativos:” (UERN, 2017, p. 33).

Contudo, é possível observar que em relação aos objetivos da formação do/a licenciado/a em Filosofia, as duas propostas, respectivamente, 2012 e 2017, mantiveram o mesmo objetivo:

Espera-se que o(a) egresso(a) de Filosofia tenha certa inclinação para a atividade especulativa, crítica e voltada para a reflexão, além da capacidade para o desenvolvimento de questões cuja finalidade reside numa intervenção teórica e prática diante dos problemas que a cultura nos impõe; desenvolva conhecimentos, experiências, competências e habilidades didático-pedagógicas através da postura interdisciplinar focadas em situações-problema e em interação com o contexto social, político e cultural em que sua ação será desenvolvida visando à formação de um sujeito crítico-reflexivo, autônomo, criativo e ético. (UERN, 2012, p. 27; UERN, 2017, p. 33).

Nesse sentido, registramos que os nossos sujeitos de pesquisa foram formados dentro da Matriz Curricular do PPC/2006, contudo, considerando os dois Projetos Pedagógicos em vigor no Curso de Licenciatura em Filosofia de Caicó, é possível esperar que o/a licenciando/a em Filosofia tenha aptidão para a especulação crítica voltada para a reflexão, além da capacidade de competências didáticas para construir sua atuação junto à efetivação no ensino de Filosofia no nível médio, atendendo tanto ao que propõem as DCN/CNE/2002 e DCN/CNE/2015, as quais embasam, respectivamente, os dois PPCs.

Percebemos que na proposta formativa do referido curso a articulação entre teoria e prática é indissociável na prática docente, o/a licenciando/a em Filosofia precisa compreender essa relação, adequando os conteúdos e procedimentos metodológicos, considerando o modo como elevar a aprendizagem dos/as estudantes na Educação Básica, conhecendo os temas e problemas filosóficos, assim como desenvolver uma postura de articulador do processo de indagação sobre tudo que o rodeia, considerando esses aspectos, implica em oferecer uma formação docente a partir de pressupostos que evidenciem a referida relação.

2.4 CAMINHOS QUE NORTEIAM O PENSAR TEÓRICO: FILOSOFIA E VIDA COM ORTEGA Y GASSET

O ensino de Filosofia se torna complexo diante dos possíveis objetivos educacionais atribuídos ao mesmo e os fins filosóficos que permeiam as políticas ideológicas presentes na educação, a partir dos documentos legais como LDB/1996, PCN+ (2002), OCN (2006), DCN (2013) e BNCC (2018a), é possível questionar sobre que Filosofia queremos desenvolver na Educação Básica.

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão

dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. (BRASIL, 2006, p. 29)

A Filosofia no Ensino Médio é muito mais do que transmissão de conteúdos, se tem o objetivo de desenvolver no estudante habilidades para soluções de problemas no seu cotidiano, então nos parece ser apresentados como necessários os conhecimentos filosóficos para o desenvolvimento de tais habilidades. Para o referido feito, percebemos a necessidade do filosofar que, mesmo sendo próprio de cada um/a para acontecer é preciso apoiar-se antes no pensamento de outros filósofos, e na aventura do processo com esforço significativo, o estudante pode se familiarizar com o modo de pensar rigoroso, desenvolvendo a experiência filosófica. “Aprender a filosofar é, portanto, aprender a perguntar. A Filosofia é, assim, um saber que incita o pensamento a despertar-se sempre.” (SOFISTE, 2007, p. 07). E nessa experiência nossos jovens aprendem a indagar e não aceitar o estabelecido, instigando seu pensar.

Na tarefa de provocar os/as jovens a pensarem a partir da discussão filosófica mencionamos Sócrates na escrita de Platão, ao apresentar que sua atividade com os ouvintes tinha a finalidade de parir conhecimento, como se fosse a arte de uma experiente parteira.

[...] A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, [...]. (PLATÃO, 2001, p. 47)

A diferença principal na arte citada por Platão é que Sócrates praticava o parir da alma. Compreendendo que o mesmo não queria dizer que havia um nascer constante de novas almas a partir de outras, mas que apresentava como produto da alma o saber, e é isso que Sócrates tenta ajudar aos jovens. Pensamos que na docência em Filosofia a principal atitude do/a professor/a é de provocar o parir do saber, do conhecimento em cada estudante.

A arte do parir o saber deixa orgulhoso qualquer professor/a que considere a Filosofia a partir desse aspecto, através da maiêutica¹², o/a filósofo/a colhe o fruto da alma do/a jovem, quanto mais provoca seu estudante a pensar mais se sente satisfeito por ser responsável pela arte completa, ou seja, por ter também plantado a semente na alma fértil. O diálogo conduzido pela ironia socrática contribui para fluir a construção do conhecimento no sujeito aprendente.

O diálogo que remete ao ensino de Filosofia citado no referido texto é o diálogo que a partir de questionamentos conduz o/a jovem a uma direção do conhecer. Nesse diálogo o/a docente precisa estar atento à digressão na qual o/a discente vai transportar-se, digredir faz parte do processo do conhecer, na digressão, o sujeito percebe sua própria ignorância e se dispõe ao novo.

[...] Sempre que se veem forçados, nalgum encontro particular, a argumentar a respeito das teses por eles rejeitadas, e a sustentar com brio por algum tempo a discussão, sem abandonar covardemente o campo: então, amigo, com todos eles se passa uma coisa muito interessante, pois acabam por se desgostarem de seus próprios argumentos; [...]. (PLATÃO, 2015, p. 87)

Nessa perspectiva de ensino de Filosofia, é possível provocar no/a estudante o rever de suas próprias ideias, para assim ser possível se afastar das mesmas, desconstruir o estabelecido anteriormente e construir o novo ainda sendo inacabado, nesse ato se dá o processo de digressão. Pensar o ensino de Filosofia nessa lógica de exercitar o/a estudante no caminho do desconstruir o seu pensar e refletir sobre o mesmo, remete-nos a analisar os desafios da prática em que o ensino de Filosofia se encontra inserido. Um contexto em que a carga horária de uma aula semanal, institucionalizada a mercê dos ideais governamentais, a Filosofia como disciplina está constantemente nos debates educacionais em análise de sua permanência. Além do contexto citado o/a professor/a se divide em oferecer um conjunto de conceitos, definições, tendências filosóficas, pensadores ou temas, problemas, experiências filosóficas e no como fazer na disciplina de Filosofia.

¹² “O maiêutico não pensa em dar uma explicação para origem e significado dos pares de conceitos por ele introduzidos”. (GABIONETA, 2015, p. 263). Consiste em conduzir a busca pelo saber através da ironia e maiêutica. A ironia ocorre quando o/a professor/a pergunta, fingindo não saber, esperando que o/a estudante se esforce intelectualmente a pensar sobre o saber. A partir do diálogo com questionamentos Sócrates escutava atentamente seus discípulos e, considerando o pronunciado tentava convencê-los da importância de analisarem sua própria opinião, levando-os a refletirem de que a mesma não estava livre do equívoco, de não ser verdadeira.

Diante dos variados desafios enfrentados pelo/a professor/a de Filosofia na Educação Básica, parece-nos ser necessário antes de sua atuação como professor/a entender como se dá a sua relação com a Filosofia, como o/a mesmo/a a compreende. Mas, antes de apresentarmos nossa compreensão é interessante lembrar que a Filosofia é um tema vasto, a permanecer indeterminado, precisamos então nos concentrar em um caminho que nos guie a uma relação com a Filosofia. Perante vários caminhos decidimos pensar em uma resposta a partir das discussões filosóficas que trilham pela relação da Filosofia com a nossa vida. (ORTEGA Y GASSET, 2016). E indagamos como a Filosofia na Educação Básica pode se relacionar com a vida do/a estudante e professor/a?

Na vida humana os problemas são enfrentados, analisados e superados pelos “[...] contemporâneos que não são coetâneos, [...] alojados num mesmo tempo externo e cronológico, convivem três tempos vitais distintos.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 34). A diferença na coetaneidade nos proporciona pensar os problemas em várias dimensões e tentar coletivamente encontrar soluções para os mesmos. Sabemos que encontramos uma dificuldade de relacionar as ideias dos/as estudantes com os/as professor/as. Por sermos de gerações diferentes, geralmente nos inclinamos a pensar que estamos fatalmente envolvidos/as a uma geração, a seu modo de pensar e agir. Parece que nos identificamos com uma geração e a adotamos como referência, mas para rever os problemas em conjunto com os/as jovens (nossos contemporâneos), parece ser interessante “[...] em vez de nos abandonarmos a essa fatalidade que nos aprisiona a uma geração, é preciso reagir contra ela renovando-se no modo juvenil da vida que sobrevém”. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 36).

Nesse sentido, a Filosofia experienciada pelos contemporâneos que inclui três gerações: os/as jovens, os homens e mulheres maduros/as e os/as velhos/as, se refaz a cada tempo, explorando o passado, ao passo que reelabora o presente e questiona o futuro. A produção filosófica pensada pelos/as contemporâneos/as a partir da relação com a vida humana é rica em:

[...] três grandes dimensões vitais, que convivem alojadas nele, queiram ou não, enredadas umas com as outras e, ao serem diferentes, necessariamente em essencial hostilidade. ‘Hoje’ é, para uns, vinte anos, para outros quarenta, para outros sessenta; e isso, que três modos de vida tão distintos tenham de ser o mesmo ‘hoje’, expõe manifestamente o dramatismo dinâmico, o conflito e o choque que constitui o fundo da matéria histórica, de toda convivência atual. [...] Somos todos contemporâneos, vivemos num mesmo tempo e

atmosfera, mas construímos com sua formação em tempos diferentes. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 33. Grifos do autor.).

Decerto, jovens e professores/as ao refletirem sobre problemas dos homens e mulheres, podem construir conhecimento que contribua para formação de ambos, mas nesse cenário indagamos como esses contemporâneos se relacionam com a Filosofia? Para seguirmos em busca dessa resposta antes precisamos espreitar sobre o que pensamos que seja Filosofia.

Na história da Filosofia observamos que os filósofos se ocupam a pensar problemas da própria vida, refletem sobre inquietações que lhe afetam, ou seja, não podemos separar a Filosofia da vida, considerando que “[...] a vida é a realidade radical da qual é preciso partir e com a qual se deve contar. [...]”. (SÁNCHEZ, 2010, 24). Para entendermos a Filosofia relacionada à vida, precisamos definir o que pensamos sobre a vida, não citamos nesse texto a vida nas dimensões biológica ou psíquica, nos referimos que a “[...] vida é o que somos e o que fazemos: é pois, de todas as coisas, a mais próxima de cada um.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 218). Sendo assim, cada um a percebe de uma determinada forma a estar sempre em posse de si mesmo, como dono de sua própria vida.

Vivemos aqui, agora – ou seja, nos encontramos num lugar no mundo e nos parece que viemos a este lugar liberrimamente. A vida, de fato, deixa uma margem de possibilidades dentro do mundo, mas não somos livres para estar ou não neste mundo que é o de agora. É possível renunciar à vida, mas se vivemos, não é possível escolher o mundo em que se vive. [...] Viver não é entrar de bom grado num lugar previamente escolhido a gosto, como se escolhe o teatro depois do jantar - mas é encontrar-se imediatamente, e sem saber como, caído, submerso, projetado num mundo impermutável, neste de agora. Nossa vida é antes de tudo a perpétua surpresa [...] (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 223)

Na aventura do viver nos deparamos com o inesperado; é nessa vida de surpresas que precisamos pensar filosoficamente sobre o nosso viver. Se “[...] nos é arremessada ou somos arremessados nela”, (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 224), na vida, então precisamos pensar sobre ela e o que fazemos por ela. Não temos como prever acontecimentos que realmente nos surpreendem, podemos até pensar na rotina que enfrentamos todos os dias, ir ao trabalho, à escola, ainda assim somos arremessados/as em situações complexas que nos apanham de surpresa, nessa perspectiva fabricamos nosso viver incessantemente a cada surpresa que nos é lançada.

A “Vida é, a uma só vez, fatalidade e liberdade, é ser livre dentro de uma fatalidade dada”. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 246). Não recebemos nossa vida feita e por mais que a julgamos determinada, estamos à mercê de possibilidades que não são ilimitadas, mas requer decisão para assim fabricar o que chamamos de nossa vida: “[...] neste fazer eu vivo e sou, eu o decidi porque, entre as possibilidades que tinha diante de mim, acreditei que ocupar assim a minha vida seria o melhor.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 245).

A relação do/a estudante com a Filosofia pode ser administrada no âmbito de pensar filosoficamente sobre as possibilidades do fabricar o viver, não como algo que prevê o esperado, mas sendo capaz de possibilitar o fazer-se e refazer-se nas condições que lhe são dadas a considerar a liberdade do poder fazer e viver. “Viver é uma revelação, um não contentar-se com ser, mas compreender ou ver que se é – um inteirar-se. É o descobrimento incessante que fazemos de nós mesmos e do mundo ao redor.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 219). Acreditando que a Filosofia está conectada ao viver e indagamos como na Educação Básica podemos contribuir para que o/a estudante perceba esta conexão? Podemos pensar em uma atitude filosófica do/a estudante? Como pensar essa atitude?

Em busca de uma atitude filosófica professores/as e estudantes podem iniciar com a atitude do filósofo que “[...] começa esvaziando seu espírito de crenças recebidas, convertendo-o numa ilha deserta de verdades [...]” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 102), passando a duvidar do conhecimento estabelecido nos discursos apresentados aos/às mesmos/as no dia-dia, duvidar, pois,

[...] inclusive do que não se duvida de fato, mas poderia, em princípio, ser duvidável. Essa dúvida instrumental e técnica, que é o bisturi do filósofo, tem um raio de atuação muito mais ampla que a habitual desconfiança do homem, posto que, deixando de lado o duvidoso, se alarga até o duvidável. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 102)

No ensino de Filosofia é possível docentes e discentes se fazerem na Filosofia a partir da abertura de se enveredar na dúvida do que está sendo posto como verdade e problematizar filosoficamente o saber. Apontando para a dúvida nos deparamos com o perguntar que nesse contexto é possível relacionar ao filosofar.

O filosofar se apoia na inquietude de formular e formular-se perguntas e buscar respostas (o desejo de saber). Isso pode sustentar-se tanto no interrogar-se do professor ou dos alunos e nas tentativas de respostas que

ambos se deem, bem como no de um filósofo e suas respostas. [...]. O perguntar filosófico é, então, o elemento constitutivo fundamental do filosofar [...]. (CERLETTI, 2009, p. 20-21)

Os/as estudantes e professores/as de Filosofia se encontram em um mundo de situações agradáveis ou não, com problemas contemporâneos que envolvem o viver dos/as mesmos/as. O importante no meio do filosofar “[...] não é o fato de as coisas serem ou não corpos, mas nos afetarem, nos interessarem, nos acariciarem, nos ameaçarem e nos atormentarem” no viver (CERLETTI, 2009, p. 222). Assim pensamos que o ensino de Filosofia precisa provocar a inquietação a partir do que possivelmente afete¹³ o/a estudante como também e/ou nos aspectos apresentados pelos/as professores/as.

A inquietação a partir de um problema filosófico (independente do que a gere) provoca o exercício de pensar sobre o próprio pensamento; “[...] o ser do pensamento consiste não simplesmente em ser, mas em ser para si, em dar-se conta de si mesmo, em parecer ser para si mesmo.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 188). Nesse sentido falamos do pensamento inquieto, em que o filósofo o utiliza para formular problemas. A Filosofia é uma maneira de exercitar a experiência do pensamento, não o mantendo em um ponto fixo, acomodado, fechado e acabado; é o pensamento ativo que não se aquieta com o que já foi pensado, mas que se propõe a repensar o que incomoda além de ser capaz de criar, a partir do que se expande no pensar.

Diante do problema identificado, o desafio para o/a professor/a de Filosofia é exercitar o passo do pensar junto com o filósofo da tradição; é considerar como indispensável a superação do antigo e a necessidade de pensar um novo conceito, visto o antigo conceito não mais dá conta de si e do outro no contexto do presente.

Quando digo que necessitamos de conceitos novos, refiro-me ao que temos de acrescentar – os velhos perduram, mas com um caráter subalterno. Se nós descobrimos um novo modo de ser mais fundamental, é evidente que necessitamos de um conceito do ser desconhecido antes - mas, ao mesmo tempo, esse nosso conceito novíssimo tem a obrigação de explicar os antigos, demonstrar a porção de verdade que lhes corresponde. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 231).

¹³ Os afectos, de acordo com Deleuze estão ligados aos perceptos, é algo da ordem do devir. “São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso. Será que a música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão?” (PARNET, 2014, p.2).

Para acrescentar novos conceitos é preciso superar conceitos já formulados e para que isso ocorra necessitamos também de conservar nuances dos conceitos já formulados para assim acrescentarmos, então “[...] superar é herdar e acrescentar [...]” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 231). Na Filosofia, especialmente no problematizar e analisar conceitos, é que acrescentamos algo no saber de cada um. Mesmo que a Filosofia se ocupe da formulação de problemas e criação de conceitos, estes não decorrem diretamente de uma técnica como se a mesma permitisse uma transposição do não-saber ao saber.

Herdar não significa que fazer Filosofia é repetir os filósofos, e sim é perceber o que foi ocultado na tradição filosófica e ao existir no interior das ideias já existentes é possível fazer um processo descontínuo, inverso aos outros sistemas filosóficos, referindo-se a valorizar o que foi esquecido, o que não foi pensado, isso sem deixar de lado o que já foi pensado (tradição filosófica).

Na relação com a tradição filosófica o/a docente e o/a estudante podem experienciar situações de criação, invenção e recriação do pensar, transformando-se e transformando o outro.

O professor-filósofo e seus alunos-filósofos-potenciais conformam um espaço comum de recriação no qual as perguntas se convertem em problemas que olham em duas direções: para a singularidade de cada um no perguntar-se (e a busca pessoal de respostas) e para a universalidade do perguntar filosófico (e as respostas que os filósofos se deram ao longo do tempo). Em um curso filosófico, essas direções confluem e se alimentam mutuamente. (CERLETTI, 2009, p. 32)

Pensar o ensino de Filosofia, o despertar um espaço de recriação de problemas contribui para que o/a estudante possa se afetar e assim aproveitar possibilidades de fazer-se no viver, configurando-se em processo de perceber a si mesmo como também a potencialidade do outro no exercício do pensamento.

Para enfrentar o desafio do ensino de Filosofia na Educação Básica é preciso pensá-lo de forma filosófica, ao planejar o/a professor/a de Filosofia deverá estar atento/a a:

[...] resolver o problema de ensinar filosofia em situações diversas. Não alguém que tenha meramente ‘ferramentas’ para ensinar, mas alguém que seja capaz de avaliar os supostos que acompanham as distintas ferramentas (filosóficas e pedagógicas, mas também sociais, de gênero, culturais, etc.) [...]. (CERLETTI, 2009, p. 63. Grifo do autor.)

Também precisa observar que o ensino de Filosofia ocorre em escolas que se caracterizam em espaços nem sempre adequados para se desenvolver o ensino, com uma carga horária reduzida ao mínimo de tempo para uma disciplina, com um número elevado de estudantes caracterizados em um universo diversificado.

Certamente as aulas de filosofia não se destinam a formar especialistas, função essa do Ensino Superior, nem atrair alunos para aqueles cursos. A atenção do professor de filosofia deve orientar-se para todos os estudantes, para aqueles que serão comerciantes, profissionais liberais, políticos, artistas, executivos, etc.; pessoas que, além de suas profissões, pertencem a uma família, a uma comunidade, são seres humanos situados num tempo espaço, capazes de refletir a respeito das suas circunstâncias, projetos, escolhas e modos de atuação. (ARANHA, 2000, p. 115)

Na prática docente é preciso estar atento às facetas que permeiam o ensino de Filosofia no que se refere à diversidade de situações, espaços e sujeitos envolvidos no processo. Para enfrentar esses obstáculos o/a professor/a pode oferecer condições para que os estudantes possam se reconhecer no exercício do pensar filosoficamente, como também em suas relações com os outros. O desafio a que nos propomos em nossa pesquisa é de pensar como oferecer essas condições e como a formação dos sujeitos de pesquisa na experiência do Subprojeto de Filosofia/UERN/Campus Caicó, contribuiu para a construção de metodologias que possam aproximar os/as estudantes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia, no sentido de que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. É possível encontrar um método que supra essa necessidade do professor de Filosofia? Que caminhos podemos pensar que contribuam para o pensar filosófico na Educação Básica?

Para enfrentar o debate sobre metodologia de ensino de Filosofia é interessante começarmos pensando no próprio termo método. “A palavra método é de origem grega e é composta por duas palavras: a preposição *metá*, que significa ‘em meio a’, ‘junto a’, ‘entre’ e o substantivo *hodós*, com o significado de caminho, passagem, viagem.” (GUIDO; GALLO; KOHAN, 2013, p. 101. Grifo do autor.). Dessa forma, podemos perceber que o caminho se faz ao caminhar, então a viagem para encontrar uma metodologia que nos ajude a vivenciar a Filosofia com os/as jovens do Ensino Médio também será pensada ao caminhar. Podemos também pensar nos caminhos que já foram traçados pelos/as professores/as que atuam na Filosofia, especialmente na Educação Básica, para trilhar outros caminhos. Não repetimos os

mesmos, porque não somos os mesmos, vivenciamos outros contextos e continuamente não seremos os mesmos, estamos em constantes mudanças nas formas de pensar e ser.

A Filosofia na perspectiva de inquietar-se com o viver, se caracteriza pela reflexão, a “[...] envolver a sensibilidade para admirar-se diante das coisas, do mundo, dos outros de si mesmo. [...] Admirar implica uma espécie de análise, de observação, de crítica e criatividade para que a atividade de pensamento se desenvolva”. (GHEDIN, 2009, p. 43-44). Porém, pensamos como tocar o outro a esse inquietar-se? É possível esse toque? Os primeiros filósofos perplexos diante das dificuldades ocultadas na natureza avançaram pouco a pouco em busca de entender os fenômenos naturais explicados pela mitologia, que não saciavam as inquietações dos mesmos. Os/as jovens contemporâneos se encontram em uma realidade bem diferente daqueles filósofos naturalistas, muitos recursos tecnológicos e imediatos atravessam seu cotidiano, e chamam sua atenção. Nesse sentido, como tocá-los ao pensar filosófico? A pensar sobre si mesmo? A inquietar-se com o mundo?

“O interesse pela reflexão filosófica, assim como por qualquer outro assunto, só poderá ser despertado se os conteúdos se revelarem significativos para o sujeito da aprendizagem”. (RODRIGO, 2009, p. 38). Então um dos cuidados do/a docente além da metodologia é com o conteúdo, que precisa estar relacionado com a estrutura cognitiva dos aprendentes e ter significado com os conhecimentos que os mesmos já se relacionaram. Na tentativa de experienciar o pensamento filosófico, docente e estudante compõem o mesmo espaço de pensar sobre o problema que se dispõem a refletir, juntos podem desencadear reflexões inéditas capazes de contribuir para outros debates filosóficos.

Nesse sentido, ao planejar, o/a docente precisa estar atento às novas inquietações dos estudantes, pois os diálogos na sala de aula podem encaminhar pensamentos inesperados conforme o planejado do/a docente. Isso não significa que não devemos planejar, ao contrário, o novo surgirá de forma hábil se tiver algo para superar. Os/as estudantes poderão contribuir para o planejar, na medida que se envolverem com o debate que a Filosofia propõe sobre determinado problema e assim inquietar-se e propor outras interrogações.

A forma como o/a docente encaminha a relação do/da estudante com a Filosofia contribui para o exercício filosófico, essas experiências podem conduzir o/a estudante a filosofar.

Filosofar é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. Há que se atrever a pensar, porque isso supõe uma maneira nova de se relacionar com o mundo e com os conhecimentos, e não meramente reproduzi-los. E isso implica incerteza. Pensar supõe que há algo novo que se põe em jogo. (CERLETTI, 2009, p. 80).

Cada disciplina requer um pensar específico, a matemática requer pensar matematicamente, a história, historicamente, e a Filosofia não seria diferente, é preciso pensar filosoficamente para compreender seus conhecimentos e se dispor ao desejo do novo, do estranho. Nessa perspectiva, o/a docente precisa estar atento a uma metodologia “[...] que leve à reflexão filosófica para o universo conhecido e familiar dos alunos, desse modo, o universo tão distante, abstrato e complexo da Filosofia torna-se mais próximo, mais acessível e, por isso, muito mais interessante aos jovens estudantes.” (BULHÕES, 2012, p. 05).

No entanto, são nítidos os desafios e dificuldades no que se refere à construção de um caminho para o ensino de Filosofia que afete o/a outro/a, que o/a leve a se atrever a pensar filosoficamente. Em nossa discussão consideramos ser necessário perceber que “[...] o trabalho do cuidado, do pensamento, da Filosofia, começa sempre pelo si mesmo; não há como provocar certo efeito no outro se antes não se fez esse trabalho consigo mesmo [...]” (KOHAN, 2009, p. 38). Por isso, o ensinante para provocar a inquietação no outro, o atrever-se a pensar precisa antes ter provocado em si mesmo.

2.5 CONSTITUINDO CAMINHOS METODOLÓGICOS

A invenção do homem, o conhecimento, faz parte da vida humana desde muito, sendo considerado inacabado, construído a partir do pensar e se constituindo como uma necessidade para sua sobrevivência. O homem constrói suas teorias para explicar realidades e discutir conceitos já elaborados, sistematizando assim o seu conhecimento, a partir da interação com o meio. É um processo de trabalho individual e coletivo. Toda pesquisa necessita ser vivenciada no âmbito acadêmico e implica na tomada de decisões inerentes ao objeto de estudo e métodos que favoreçam uma análise crítica e reflexiva com vistas à compreensão teórica dos discursos que constituem o sujeito como pesquisador/a e o sujeito como objeto pesquisado.

Até onde compreendemos o significado da pesquisa, que diz de se perquirir sobre o que nos chama atenção e que nos causa desconforto e perplexidade, de modo atento e rigoroso, não há um modo correto ou certo de pesquisar-se. Isso significa que não há um padrão de procedimentos a serem seguidos que garantam que a investigação seja bem-sucedida, dando-nos certeza sobre o encontrado em termos científicos-filosóficos. Também não há primazia, a priori, do qualitativo sobre o quantitativo e respectivos procedimentos de análise e de interpretação. O que há são interrogações que indicam para onde o olhar se dirige, focando o fenômeno em suas perspectivas e modos de apresentar-se, dando-se a conhecer. (BICUDO, 2011, p. 21-22)

Na abordagem investigativa, a autora supracitada enfatiza a importância das interrogações para a construção do método da pesquisa. Isso implica que a relação entre pesquisador/a e objeto de pesquisa estabelece a metodologia a ser utilizada mediante à problematização que norteará novos caminhos para a reflexão e autocrítica no ato de conhecer. “O mapeamento dos métodos nos leva a pensar que não há conhecimento fora de uma sistematização metodológica nem que possa estar distanciado de marcos reconhecíveis” (KORTE, 2000, p. 15).

Nesse sentido, “A investigação é uma forma de ação que procura tornar visível o invisível, fazendo perceber o que não se percebe e ver o que normalmente não se vê.” (GHEDIN, 2011, p. 78). Desejamos que a nossa pesquisa instigue a ação do pensamento, que possamos perceber o invisível e torná-lo visível aos/as pesquisadores/as, em especial aqueles/as que investem na pesquisa relacionada à docência em Filosofia.

O contexto da nossa pesquisa aponta para uma abordagem qualitativa¹⁴, a qual “[...] exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49). Coerente com esses aspectos, percebemos a importância de utilizar o método de pesquisa autobiográfica por considerar que “O método biográfico permite que seja concebida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam” (FINGER; NÓVOA, 2014, p. 21), permitindo “[...] que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador”. (FINGER; NÓVOA, 2014, p. 21-22). Dessa forma, o referido método é imprescindível

¹⁴ A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-22)

para compreendermos as contribuições para a construção de metodologias no ensino de Filosofia a partir da experiência formativa dos sujeitos no Subprojeto de Filosofia/UERN/Campus Caicó.

Empregamos como procedimentos a análise de referências biográficas, tais como: Cerletti (2009), Ortega Y Gasset (2016), Larrosa (2014), Josso (2010), Kohan (2009), Nóvoa (2009), Abrahão (2004), documentos oficiais sobre ensino (PCN, OCN, BNCC) e entrevistas individuais semiestruturadas, que fazem parte de um instrumento composto por “[...] perguntas abertas, feitas verbalmente em ordem previstas, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento.” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 188). Optamos por elaborar a entrevista semiestruturada em três momentos, no primeiro momento se encontra um conjunto de questões objetivas sobre o/a entrevistado/a, contendo pontos como o nome, sexo, formação, os quais nos permitem caracterizar nossos sujeitos de pesquisa; o segundo momento compõe as questões previamente elaboradas que, contudo, permitem ao pesquisador inserir acréscimos de acordo com as necessidades vindas à tona nas respostas dos sujeitos de pesquisa.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Sua forma de realização pode ser individual e/ou coletiva. (CRUZ NETO, 2002, p. 57)

Na referida pesquisa concordamos em realizar a entrevista individual, aproveitando da comunicação verbal para coleta de subsídios relatados pelos atores, obtendo dados objetivos e subjetivos. No terceiro momento os sujeitos são convidados/as a narrarem suas autobiografias, considerando sua vivência acadêmica dos primeiros momentos ao ingressar no Curso de Licenciatura em Filosofia, como também a sua participação no Subprojeto de Filosofia/UERN/Campus Caicó e sua trajetória como docentes no ensino de Filosofia, após a conclusão do referido Curso, tendo em vista o alcance dos nossos objetivos de pesquisa no sentido de construir dados que contribuam para investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

O relato sobre sua própria vida “[...] permite ao informante retornar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação [...]” (CRUZ NETO, 2002, p. 59), considerando nesse momento um olhar afastado do acontecido, nessa escrita:

[...] geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análise do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (CRUZ NETO, 2002, p. 59)

Os dados construídos são analisados em diálogo com as possibilidades da metodologia autobiográfica ali evidenciada, e em articulação com os conceitos teóricos embasados sobre o ensino de Filosofia referente, principalmente, às metodologias de ensino. Na referida análise consideramos o texto como produtor de sentido, “[...] um texto deve ser considerado como uma unidade significativa, revelador de conteúdos situacionais de seus falantes e de seus discursos. Toma-se como princípio que não existe discurso sem sujeito [...]” (GUERRA, 2014, p. 41), sendo assim, os discursos são analisados, considerando o contexto individual e coletivo de cada sujeito, tentamos encontrar que sentidos foram produzidos nas experiências dos/das pibidianos/as no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó.

É importante mencionar que tais procedimentos foram devidamente autorizados pelos sujeitos pesquisados/as através da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B), no qual esclarecemos os tipos de instrumentos utilizados, gravação de áudio com posterior transcrição, bem como o tipo de análise, no caso, análise de discurso¹⁵ e publicação a partir da construção desses dados, considerando os conteúdos das histórias vivenciadas e relatadas nas entrevistas semiestruturadas pelos/as pibidianos/as do Subprojeto de Filosofia/UERN/Campus Caicó, egressos/as do referido curso que atuam, dentro do contexto temporal dessa pesquisa, na docência de Filosofia no Ensino Médio na Região do Seridó.

¹⁵ “A Análise do Discurso é uma vertente da linguística que se ocupa em estudar o discurso e como tal, evidencia a relação entre língua, discurso e ideologia. Partindo da ideia de que *a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação línguadiscursoideologia*. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Pêcheux (1975), *não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia*: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (ORLANDI, 1999, p. 17, apud Silva; Araújo (2017, p. 18. Grifos dos autores).

Na metodologia de pesquisa autobiográfica, temos a possibilidade de construir dados e avaliar continuamente, há uma preocupação maior com o processo, como ocorrem as entrevistas, como se posicionam os/as entrevistados/as, também com o contexto de cada um/a. É considerado, que a partir das palavras e imagens, é possível unir os diferentes modos como se dão significados às ações que se praticam.

Utilizamos a investigação autobiográfica, método que foi inicialmente utilizado pela Sociologia, sofrendo um movimento de retração, e amplamente empregado nos anos 1920 e 1930 pelos sociólogos da Escola de Chicago, tendo sucesso, e posteriormente, ficando depois em desuso por algumas décadas. Por volta dos anos 1980, esse método voltou a ser utilizado no campo da Sociologia, tendo ênfase na área da educação, principalmente, nos estudos sobre formação docente, destacando como principais pesquisadores Antônio Nóvoa e Ivor Goodson. Vejamos:

De fato, ao longo de sua evolução, a abordagem (auto)biográfica vem desencadeando um profícuo debate teórico não apenas no interior das disciplinas que – em função de seus dilemas e satisfação – foram rompendo com os modelos hegemônicos de pesquisa e ousando construir novos métodos para enfrentar seus problemas, como também suscitou o debate entre as diversas disciplinas das ciências humanas. Através desse debate teórico, a abordagem (auto) biográfica vem obtendo o reconhecimento de seu estatuto científico, enquanto método autônomo e ‘transdisciplinar’ de investigação. (MOURA, 2004, p. 125. Grifo do autor.)

Analisar as narrativas das autobiografias do grupo pesquisado pode nos ajudar a encontrar explicações para significados das ações que foram construídas a partir da trajetória percorrida por esses sujeitos, quando se posicionavam juntos a outros sujeitos de formação e, mais especificamente como suas trajetórias pibidianas contribuíram para a elaboração de metodologias para o ensino de Filosofia no Ensino Médio, no sentido de que tais metodologias possam aproximar os/as aprendentes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia.

A pesquisa autobiográfica pode permitir o encontro de múltiplas possibilidades, através da abordagem qualitativa, em que o sujeito produz conhecimento sobre si e sobre os outros cotidianos, revelando-se através da subjetividade e das experiências individuais e sociais. A escrita de si abre espaços e oportuniza os/as pibidianos/as atuantes na docência do ensino de Filosofia a falar e ouvir suas próprias experiências e refletir sobre as mesmas, selecionando o que narrar sobre si. “A pesquisa autobiográfica é uma forma de história autorreferente, portanto plena de significado,

em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”. (ABRAHÃO, 2004, p. 202).

Os sujeitos investigados da pesquisa são os/as licenciados/as egresso/as do Curso de Licenciatura em Filosofia/Caicó/UERN que participaram do Subprojeto PIBID Filosofia/Caicó/UERN e estão atuando, no contexto dessa pesquisa, na docência da Educação Básica na Região do Seridó. Assim, a partir da escrita de si, narram sobre sua trajetória na universidade antes do PIBID e depois da participação neste subprojeto, como também, as experiências que ocorreram conforme a experiência de cada um.

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é vivido na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, nesse continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e dela extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ ou com o nosso ambiente humano e natural. (JOSSO, 2010, p. 47-48)

Dessa forma, optamos pela metodologia da pesquisa autobiográfica por considerarmos a narração de si uma alternativa adequada para articular a dimensão individual, ou seja, a experiência de vida entrelaçada aos fenômenos sociais mais amplos do convívio e exercício da docência do ensino de Filosofia na Educação Básica.

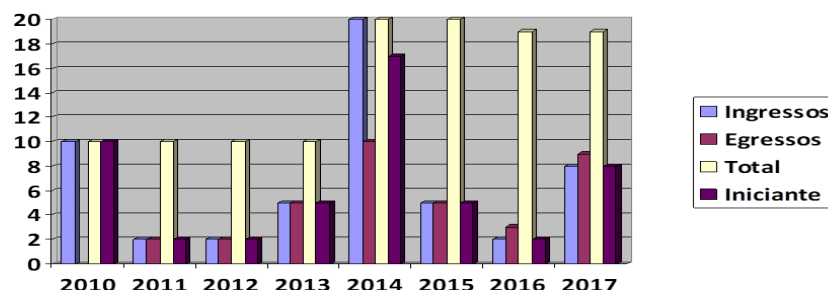
Elaborada de forma descritiva, a narrativa de formação tem como objetivo principal, segundo o que é pedido, falar da experiência de formação. Relativamente à narrativa de vida, presume-se que a narrativa de formação apresente um segmento da vida: aquele que durante o qual o indivíduo esteve implicado num projeto de formação. Assim, com a produção de uma escrita, constrói-se a experiência de formação. (CHENÉ, 2014, p. 123)

Em suas narrativas, os sujeitos pesquisados e pesquisadora se aventuram a contar suas histórias, seus itinerários passados, “[...] Aquilo que narramos é algo que aconteceu, que se pode perceber como o ‘sido’ na proximidade do mais imediato presente.” [...] (DUHART, 2008, p. 195. Grifo do autor). Como narradores/as selecionamos para contar algo sucedido que relacionamos sentido, no caso da referida pesquisa, sentido na construção de metodologias para o ensino de Filosofia que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. Compreendemos que “[...] trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher fatos

diferentes, em contextos narrados diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir do investigador.” [...] (ABRAHÃO, 2004, p. 210). Nesse sentido, a pesquisadora também se entrelaça em nossa pesquisa com as narrativas dos sujeitos pesquisados, visto que os sujeitos trazem à tona a participação da mesma como supervisora do Subprojeto PIBID/CAC/Filosofia, na qual a partir da interpretação das narrativas dos sujeitos pesquisados, a mesma é implicada pelos sujeitos e expõe sua própria experiência em busca da construção de metodologias que possam aproximar os/as aprendentes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia, em vista de que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

Nossa pesquisa envolve o Curso de Licenciatura em Filosofia, do Campus Caicó/CAC que durante o período de 2010 a 2017 contemplou 50 (cinquenta) graduandos/as com a bolsa do PIBID (UERN, 2017). De acordo com a Secretaria do Curso de Licenciatura em Filosofia/Campus Caicó, até 2017, o PIBID/UERN, abrangia 16 (dezesesseis) cursos com 31 (trinta e um) subprojetos, 668 (seiscentos e sessenta e oito) graduandos/as, 132 (cento e trinta e dois) professores/as supervisores/as do Ensino Básico, 35 (trinta e cinco) coordenadores/as de área, 04 (quatro) coordenadores/as de gestão pedagógica e 01 (um) coordenador institucional. Durante o curso, esses/as estudantes envolvidos/as no programa participaram da vivência escolar, produziram artigos relacionados à experiência de cada um/a, relatórios, materiais como cartazes, slides e jogos para contribuir na metodologia das aulas de Filosofia no Ensino Médio.

Gráfico 01: Estatística de ingressos e egressos no PIBID/UERN (2010 a 2017)



Fonte: UERN. PIBID. <http://proeg.uern.br/default.asp?item=proeg-pibid>.

O Subprojeto PIBID/CAC/Filosofia, inicia-se em 2010, envolvendo 10 (dez) licenciandos/as, a cada ano, como alguns/as licenciandos/as terminavam o curso,

tinha novos ingressos, os quais faziam parte de uma lista reserva previamente selecionada.

O critério para seleção dos sujeitos da referida pesquisa norteia a questão de pesquisar sobre os/as egressos/as do Subprojeto PIBID/CAC/Filosofia que estejam atuando como professor/a de Filosofia na Região do Seridó. Na busca realizada com a ajuda da Secretaria do Curso de Licenciatura em Filosofia/Campus Caicó, até 2017, encontramos 02 (dois) sujeitos que se inserem no referido critério da pesquisa: ser egressos/as do Subprojeto PIBID/CAC/Filosofia e estar atuando na rede de Educação Básica no ensino de Filosofia no nível médio na Região do Seridó.

Desse modo, os nossos 02 (dois) sujeitos de pesquisa têm as seguintes características: 01 (um) concursado na rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte – RN, lotado junto à 9ª DIREC, na cidade de Florânia, sendo professor na Escola Teônia Amaral no Ensino Médio, é licenciado em Filosofia pela UERN, mestre em Filosofia (UFRN) e doutorando em Filosofia (UFRN) e outro na rede privada, exercendo sua docência no Ensino Fundamental e Médio, no Colégio Diocesano Seridoense, é licenciado em Filosofia pela UERN e mestrando no Mestrado profissional de Filosofia – PROF-FILO (UERN), um do sexo masculino e outra do sexo feminino. Os oito pibidianos/as que não estão atuando no Seridó, encontramos dois no mestrado, também atuando em sala e aula (uma na Educação Infantil e o outro no Ensino Médio), um funcionário público na Câmara de Vereadores da Cidade de Caicó, cursando a Licenciatura em Matemática, os outros cinco se encontram estudando para concurso na docência.

A pesquisa comportou duas etapas, nas quais abordamos na primeira etapa um estudo teórico que descreve o contexto da pesquisa, mencionando as motivações quanto à escolha do tema, a problematização do objeto de estudo, as abordagens de investigação teóricas e metodológicas, os sujeitos e os instrumentos de coletas de dados, que nortearam nossa pesquisa, a discutir a formação docente do/a professor/a de Filosofia, focalizando as investigações sobre os desafios do Ensino Médio brasileiro, a fase de iniciação docente, conflitos e saberes necessários à formação, tendo em vista a legalidade do ensino, os documentos oficiais, como também aportes teóricos dos pesquisadores como Josso (2010), Nóvoa (2014), Sofiste (2002), Ghedin (2009), Ortega Y Gasset (2016), Cerletti (2009), Larrosa (2008), Kohan (2009), os quais inspiram a interpretação dos dados construídos pelos sujeitos da referida pesquisa a considerar que sentidos são revelados em seus conteúdos.

Na segunda etapa, direcionamos a questão empírica na qual tratamos das análises e interpretações das autobiografias e entrevistas realizadas com os/as dois sujeitos de pesquisa identificados a partir do critério de pesquisa estabelecido: que estejam atuando como professor/a de Filosofia na Região do Seridó, esses egressos/as do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Campus Caicó, buscando relacioná-las às contribuições e experiências instigadas pelo programa. A partir das narrativas observamos o que o/a licenciado/a destaca na experiência do Subprojeto que se relaciona à construção de metodologias do ensino de Filosofia, no sentido de que essas venham contribuir para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

Desse modo, acreditamos que as análises de dados teóricos e empíricos a partir da investigação qualitativa e da metodologia autobiográfica, utilizando os procedimentos de entrevistas semiestruturadas, gravação, transcrições e análises dos dados construídos proporcionaram múltiplas possibilidades que guiaram o caminho na construção do conhecimento da referida pesquisa, capaz de contribuir para a reflexão da formação docente voltada para a identificação de metodologias de ensino que possam ter afetado o ensino filosófico na Educação Básica, em vista a criar possibilidades de contribuir para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.

3 FORMAÇÃO DOCENTE DO PROFESSOR DE FILOSOFIA: EXPERIÊNCIAS QUE TOCAM

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e o que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2014, p. 17)

A partir das palavras dos sujeitos pesquisados e de fragmentos da experiência da pesquisadora na construção de metodologias para o exercício do ensino de Filosofia, o segundo capítulo discorre sobre a experiência de si a considerar a experiência construída no Subprojeto PIBID/UERN/Campus Caicó para refletir sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia na Educação Básica que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/das estudantes. Discute inicialmente a formação docente do/a professor/a de Filosofia, focalizando as investigações sobre os desafios do Ensino Médio brasileiro, a fase de iniciação docente, conflitos e saberes necessários à formação, tendo em vista a legalidade do ensino, os documentos oficiais, como também aportes teóricos dos pesquisadores como Josso (2010), Nóvoa (2009), Sofiste (2002) e Gallo (2009).

3.1 FORMAÇÃO DOCENTE

A questão 'formação docente' tem sido discutida com frequência nos debates acadêmicos, as mudanças ocorridas na educação, nos diversos níveis de ensino, tem exigido uma formação adequada para demanda atual. Antes de discutirmos sobre a formação do curso de Filosofia vamos analisar o termo formação.

A palavra formação é propensa a várias interpretações, pode ser conjunto de cursos e graus obtidos por uma pessoa, instrução para se exercer uma determinada profissão, vem do "latim *formatio*, *-onis*, formação, forma" (HOUASSIS, 2011, p. 448), sendo observada como modo de formar, podemos considerar a formação uma ação inacabada, que não finaliza e em qualquer profissão é um processo constante.

As transformações da sociedade contemporânea nos coagem a uma constante renovação de aprendizado nas variadas experiências da vida, seja de ordem profissional ou não. A formação inicial contribui significativamente para a vida profissional, mesmo assim há uma necessidade de continuidade, pois não é possível

adquirir conhecimentos suficientes para solução de todos os problemas, nessa rapidez de atualizações que colocam a educação em mutação contínua.

Assim, consideramos que “Os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades.” (JOSSO, 2010, p. 35). Dessa forma, os encontros subjetivos ocorrem no decorrer da vida, sugerindo então o que podemos mencionar de necessidade formativa e autoformativa. Nessa perspectiva, “Formar-se é integrar numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros a que acabo de aludir. Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração.” (JOSSO, 2010, p. 35).

A pluralidade de registros se encontra no social, cultural, político, econômico, psicológico, psicossociológico, e a formação é designada a contribuir para atuação do sujeito nas pluralidades que aparecem nas experiências cotidianas, aprendendo a partir das subjetividades e assim conseguindo administrar situações que vão além das formulações e soluções teóricas, mesmo que as utilizem como suporte.

Mais especificamente, a formação de professores/as requer a articulação entre teoria e experiência, sendo práticas individuais, depende de cada um o desenvolvimento formativo, pois está relacionada ao desejo e capacidade de aprender. O processo formativo é complexo e se completa com a multiplicidade dos saberes teóricos adquiridos na formação inicial e continuada. A referida formação se torna específica por ajustar a formação acadêmica científica com a formação pedagógica, considerando também que ocorre a formação no formador/a e formando/a que vivenciam a prática com seus professores/as desde a infância, sendo influenciados/as pela subjetividade de principiantes e professores/as experientes.

É uma profissão prática que exige formação contínua, mais urgente do que qualquer outra profissão, já que as mudanças não ocorrem somente nos instrumentos de trabalho, mas principalmente, nos sujeitos envolvidos que estão em movimento, mais velozes que a própria tecnologia, considerando com mais rapidez o/a estudante da Educação Básica.

Assim, com relação à formação do/a professor/a podemos considerar que “[...] não é natural, mas construída, na definição pública de uma posição com forte sentido cultural, numa profissionalidade docente que não pode deixar de se construir no interior de uma personalidade do professor”. (NÓVOA, 2009, p. 03). O referido autor

coloca cinco pontos indispensáveis na construção de um profissional de qualidade na docência:

- O conhecimento. [...] O trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem.
- A cultura profissional. Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. [...]
- O tacto pedagógico. Nele cabe essa capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre o ato de educar. E também essa serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos para o trabalho escolar. [...]
- O trabalho em equipe. Os novos modos de profissionalidade docente implicam um reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipe, da intervenção conjunta nos projetos educativos de escola.
- O compromisso social. Podemos chamar-lhe diferentes nomes, mas todos convergem no sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social, da diversidade cultural. (NÓVOA, 2009, p. 03).

Os cinco pontos apresentados por Nóvoa (2009) nos impõe a pensar que a licenciatura, além da formação específica na construção do conhecimento relacionado à área de estudo, no caso dos conhecimentos filosóficos, não pode se esquivar da formação docente que requer considerar os pontos citados acima. Desses pontos destacamos a necessidade de desenvolver uma atitude intensiva no trabalho coletivo, observando que as situações atuais requerem soluções interdisciplinares que considerem os departamentos de conhecimentos hábeis quando utilizados em conjunto. Todos esses aspectos podem ser desenvolvidos pelos/as profissionais da educação quando os/as mesmos/as se perceberem como agentes sociais, capazes de contribuir para transformações nos processos de formação.

3.1.1 Formação docente do/a professor/a de Filosofia

Para refletir sobre a formação do/a professor/a de Filosofia vamos pensar sobre sua atuação nos últimos 50 (cinquenta) anos, que, polemicamente, sobreviveu às oscilações de presença e ausência nas escolas brasileiras. A LDB de 1961, Lei n. 4.024 (BRASIL, 1961), apresenta o ensino da Filosofia como optativo às escolas, que poderiam oferecer o conhecimento filosófico na diversidade dos conteúdos encontrados no currículo, sendo que poucas escolas praticaram essa tarefa, na realidade durante um determinado tempo, inclusive, à época do regime militar, o que predominou mesmo foi à ausência da Filosofia.

[...] há três momentos importantes a serem destacados: a presença da filosofia como disciplina acadêmica em uma conjuntura histórica na qual a cultura geral e humanística eram a tônica, que caracteriza o período anterior ao regime militar e que persiste, em grande medida, até 1968; um segundo momento período em que o regime militar prioriza a formação técnica e que se elimina o lugar que seria destinado à filosofia no Ensino Médio, e que se estende para além da década de 1990; e um terceiro momento, no qual se constrói o retorno do ensino de filosofia e se debate sobre sua contribuição para a formação crítica do jovem no Ensino Médio. (CARVALHO; SANTOS, 2010, p. 13).

Nesses três momentos, várias questões ideológicas, políticas e econômicas nortearam as discussões sobre o referido ensino, na ditadura foi considerado inapropriado a formação de jovens com instrução filosófica porque poderia conduzir ao pensamento crítico, e era associado ao comunismo pelos militares. E na formação técnica não pautava a necessidade de uma formação filosófica.

A discussão no terceiro momento inicia-se por entender a necessidade da Filosofia na formação do/a jovem crítico/a capaz de perceber seu universo e compreender sua capacidade de indagar sobre as coisas e não aceitar o estabelecido, partindo para o movimento de transformação.

O estudo da Filosofia permite a reflexão sobre a capacidade de perceber as várias dimensões existentes no momento de cada agir. “[...] a Filosofia é a possibilidade da transcendência humana, ou seja, a capacidade que só o homem tem de superar a sua imanência (que significa a situação dada e não escolhida)”. (ARANHA, 1986, p. 48).

A ideia do ensino de Filosofia norteia o pensamento de contribuir para que o/a discente desenvolva sua transcendência, tornando-se um sujeito de projeto a partir da construção do seu destino, produzindo um novo projeto de vida, se emancipando na trajetória do conhecer.

No contexto atual é possível perceber a não identificação dos/as adolescentes no Ensino Médio pela disciplina filosófica, especialmente nos textos em que os/as referidos/as jovens não se sentem sensibilizados/as à leitura da Filosofia. Sendo considerada,

[...] uma disciplina no pensamento que nos leva a criar conceitos, é pensamento que confere significado à cultura na medida em que pratica sua síntese conceitual, sendo assim, em cada época, a sua verdade. O pensamento filosófico se considerado assim, não é apenas exercício de

pensamento reflexivo e rigoroso, mas é, talvez principalmente criação. (ASPIS; GALLO, 2009, p. 14).

Dessa forma, é necessário incentivar o/a jovem a pensar por si mesmo, para que assim possa sentir-se aberto/a ao conhecimento, e na investigação, ser capaz de ler textos filosóficos, refletir, analisar, sintetizar e relacioná-los às problematizações do seu contexto.

A disciplina de Filosofia retorna ao componente curricular na Educação Básica, no contexto contemporâneo, a partir da LDB, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Com essa nova LDB, busca-se que os discentes do Ensino Médio demonstrem não só o domínio dos conteúdos dados e vistos na disciplina de Filosofia, como também que estes conhecimentos interfiram na formação positiva da cidadania. Assim, consideramos como finalidade do Ensino Médio, o que rege o Artigo 35, Inciso III “[...] o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. (BRASIL, 2011, p.23).

A Filosofia como disciplina do Ensino Médio se diferencia das demais, com as suas características próprias, por não ter uma linha cronológica seguida rigorosamente.

No entanto, não existe uma Filosofia – como há uma Física ou uma Química -, o que existem são filosofias, podendo o professor (a quem chamaríamos de filósofo-educador) privilegiar certas linhas de pensamento e de metodologia, sejam elas a dialética, a fenomenologia, a racionalista etc. Também, diferentemente das outras disciplinas, não há um ‘começo’, um pré-requisito para se introduzir a Filosofia, a não ser quando aos cuidados necessários com o estágio de competência de leitura e abstração dos alunos, bem como o universo de conhecimentos e valores que cada um deles já traz consigo. (BRASIL, 2002, p. 41-42. Grifo do autor.)

A Filosofia no Ensino Médio aparece com uma proposta específica, buscando a partir do conhecimento do/a discente a construção do novo saber, proporcionando o desenvolvimento ético e político com eficiência. Mas, é possível perceber as divergências de Filosofias que dificultam o aprendizado no momento em que um/a professor/a trabalha apenas com temáticas, exemplo, o racionalismo, e outro/a relacionando à história da Filosofia com os temas atuais. Essa distinção provoca nos discentes desconfortos cognitivos no momento que mudam de professor/a de uma escola para outra ou até na mesma escola.

Dessa forma, que conteúdos filosóficos podem contribuir na formação do/a cidadão/ã conforme o apresentado nos PCNEM (BRASIL, 2000)? A Filosofia não é feita para ser um conhecimento pronto e acabado que é utilizado apenas para absorção e compreensão, deve sim compreender a História da Filosofia, mas a atitude do Filosofar é algo que só pode ser encontrado e realizado na vida, no cotidiano, em meio à sociedade em que o/a discente se encontra, ou seja, não adianta o/a filósofo/a-educador/a ser intitulado/a de mediador/a do conhecimento se este/a não mostra aos seus/suas alunos/as que o conhecimento pode ser posto em prática seja em casa, na escola, na rua ou em qualquer lugar. Assim, os conteúdos devem ser trabalhados, desenvolvendo as necessidades das competências e habilidades apresentadas no PCNEM (BRASIL, 2000) que são as mesmas encontradas nas OCNEM (BRASIL, 2006).

Sinteticamente, pode-se manter a listagem das competências e das habilidades a serem desenvolvidas em Filosofia em três grupos:

1º) Representação e comunicação:

- ler textos filosóficos de modo significativo;
- ler de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros;
- elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo;
- debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição em face de argumentos mais consistentes.

2º) Investigação e compreensão:

- articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais.

3º) Contextualização sociocultural:

- contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal biográfico; o entorno sócio político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico tecnológica". (BRASIL, 2006, p. 33-34).

Para trabalhar as habilidades apresentadas nos PCNEM e OCNEM é preciso selecionar os conteúdos conceituais específicos da disciplina de Filosofia, tendo cuidado em observar a essência filosófica e os objetivos da disciplina, analisando que os conteúdos não devem ser um "tal somatório manualesco e sem vida", "dogmático e antifilosófico", (BRASIL, 2006, p. 35), sendo apenas uma soma de preconceitos.

Nesse sentido, a multiplicidade de perspectivas é uma das características da Filosofia, negando imposições doutrinárias, assim o currículo de Filosofia deve contemplar a diversidade sem desconsiderar o/a docente em suas posições, não precisa apontar apenas uma Filosofia. Apresentar a totalidade proporciona ao/a estudante à formação da consciência crítica, capaz de desenvolver reflexões sobre a

realidade, compreendendo a história da Filosofia, o posicionamento dos primeiros filósofos aos contemporâneos, refletindo sobre a diversidade do conhecimento filosófico.

O Curso de Filosofia/UERN/Campus Caicó apresenta preocupações relacionadas à formação do futuro docente para atuar junto ao ensino de Filosofia na Educação Básica no sentido de que:

Essa formação consta da apreensão do conhecimento filosófico e pedagógico, de preferência diretamente das fontes originárias, quer antigas, quer modernas ou contemporâneas; das experiências e da formulação de problemas metodológicos e epistemológicos numa postura interdisciplinar e transdisciplinar, tanto no domínio das Ciências Humanas quanto no das Ciências Naturais, evitando-se a compartimentalização das disciplinas; e ainda pela compreensão histórica das questões metafísicas e pela visão crítica da realidade cultural e social e do próprio saber, inclusive de questões axiológicas fundamentais no âmbito dos valores éticos, estéticos e religiosos, visando assim possibilitar a reflexão sobre as relações entre a vida, o conhecimento, a cultura, o profissional do magistério e a instituição educativa. (UERN, 2017, p. 34)

Nessa perspectiva, podemos entender que o curso de Filosofia supracitado compreende que o conhecimento específico não se constrói separadamente do conhecimento pedagógico e a formulação das questões metodológicas precisam considerar a interdisciplinaridade como se formam as ciências. No âmbito do PIBID/Filosofia/UERN/Campus Caicó tem-se discutido as referidas questões desenvolvendo uma sensibilização entre os docentes, “[...] acreditamos que algumas mudanças sugeridas no PPC do Curso de Filosofia são decorrentes das vivências do PIBID que impõe uma relação direta com a escola” [...] (TEIXEIRA NETO; SOUZA, 2018, p. 48), essa relação provoca reflexões sobre a própria prática formativa dos docentes na formação universitária, contribuindo para uma formação de qualidade.

As orientações tratadas no documento da Base Nacional Comum Curricular–BNCC (BRASIL, 2018) que regem o Novo Ensino Médio compreendem que é preciso considerar a diversidade de sujeitos na Educação Básica a pensar em práticas que contribuam para o desenvolvimento do protagonismo juvenil¹⁶. “Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos

¹⁶ “O Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso”. (COSTA, 2007, p. 10).

seus direitos.” (BRASIL, 2018, p. 463). Também envolver o/a estudante nos processos de pensar sobre sua própria aprendizagem. Nessa perspectiva, precisamos pensar como fazer para que na Filosofia o/a jovem também seja protagonista de seu próprio conhecimento.

No Ensino Médio, com a incorporação da Filosofia e da Sociologia, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos. Nessa etapa, como os estudantes e suas experiências como jovens cidadãos representam o foco do aprendizado, deve-se estimular uma leitura de mundo sustentada em uma visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana. (BRASIL, 2018, p.472).

Diante da nova conjuntura do Ensino Médio percebemos que os cursos de licenciatura precisam estar atentos à atual realidade, tendo cuidado com o trabalho teórico relacionado aos novos documentos que regem a legalidade da Educação Básica. No enfrentamento desse desafio para assegurar a prática do estudante como protagonista do seu aprender, é mister que as universidades também atuem nessa perspectiva, que consigam perceber o/a licenciando/a também como protagonista do seu conhecimento. Com relação aos/as professores/as licenciados/as que estão atuando na docência “[...] é preciso ter em conta que não é o simples fato de concluirmos uma graduação que nos torna um professor/professora. Tal identidade vai sendo construída, progressiva e diariamente, mediada pelo exercício da docência.” (MATOS, 2013, p. 45). E na experiência e possibilidades da prática docente nos inventamos e reinventamos a partir da formação continuada, como também da autoformação.

3.2 EXPERIÊNCIAS DE SI E POSSIBILIDADES DE PENSAR A PRÁTICA DOCENTE COM LARROSA

No nosso texto analisamos o sujeito docente de Filosofia na Educação Básica, considerando sua experiência na docência. O propósito é pensar como as práticas pedagógicas produzem ou transformam as “[...] experiências que as pessoas têm de

si mesmas”, (LARROSA, 1994, p. 36), como elaboram ou reelaboram formas de relação reflexiva consigo mesmas.

O sujeito pedagógico ou, se quisermos, a produção pedagógica do sujeito, já não é analisada apenas do ponto de vista da ‘objetivação’, mas também e fundamentalmente do ponto de vista da ‘subjetivação’. Isto é, do ponto de vista de como as práticas pedagógicas constituem e medeiam certas relações determinadas da pessoa consigo mesma. Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir. (LARROSA, 1994, p. 36. Grifos do autor.)

O sujeito no discurso pedagógico se constitui nos vários modos de subjetivações, experimentadas nas práticas sociais, demarcadas por dispositivos¹⁷ históricos, capazes de se desfazerem e se transformarem no processo de constituição. As relações sociais que ocorrem na instituição escolar fazem parte da produção de constituição da subjetividade, enquanto os/as licenciandos/as relacionam-se consigo mesmos e com os outros, também instituem uma subjetivação delimitada pelo espaço permeado de novos valores éticos científicos, e outras subjetividades. Nessas relações é possível analisar a experiência de si como resultado do “[...] entrecruzamento, em um dispositivo pedagógico, de tecnologias óticas de autorreflexão, formas discursivas (basicamente narrativas) de autoexpressão, mecanismos jurídicos de autoavaliação, e ações práticas de autocontrole e autotransformação”. (LARROSA, 1994, p. 38).

Os diversos aspectos das relações dos sujeitos podem se apresentar em termos de ações que os façam conhecerem-se, analisarem-se, criticarem-se, regularem-se, verem-se, julgarem-se, expressarem-se, fazendo surgir a possibilidade da consciência de si, conduzindo-os a transformarem-se. Nossas ideias e comportamentos são contingentes, assim também a experiência de si. Os dispositivos inclusos na história e cultura do sujeito contribuem para formação e transformação de si e dos outros que fazem parte de sua história, ou seja, as alterações ocorrem no/a docente como também no discente, visto que,

¹⁷ Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2007, p. 244).

A experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. (LARROSA, 1994, p. 43)

Nas práticas pedagógicas a reflexão sobre a experiência de si é o que possibilita ao sujeito o processo da aprendizagem e permite que o mesmo perceba qual atuação será mais adequada em determinada situação ou contingência das práticas sociais. Inseparável do sujeito, da história e da constituição do objeto seriam a experiência de si e a tecnologia do eu, essas últimas definidas por Foucault “[...] como aquelas nas quais um indivíduo estabelece uma relação consigo mesmo”. (*apud* LARROSA, 1994, p. 43). Assim:

A experiência de si seria, então, a correlação, em um corte espaço-temporal concreto, entre domínios de saber, tipos de normatividade e formas de subjetivação. E a correlação desse tipo que se pode encontrar, também, em um corte espaço-temporal particular, na estrutura e no funcionamento de um dispositivo pedagógico. (LARROSA, 1994, p. 56-57)

Dessa forma, a partir dessas correlações exercidas nos dispositivos pedagógicos, dispositivos esses considerados como “[...] qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si”, (LARROSA, 1994, p. 57) podemos abordar as dimensões: ver-se, narrar-se e julgar-se. A primeira dimensão o ‘ver-se’ relaciona-se com a ótica, é uma das formas que reflete sobre como o docente se vê.

Essa dimensão possibilita ao sujeito enxergar a si mesmo, privilegiando o autoconhecimento de forma reflexiva. A visão de si mesmo permeia-se pela cultura, social e histórico do sujeito, na qual a mente sendo o olho que pode ver as coisas e então conhecer é indispensável na atividade do autoconhecimento.

A mente é um olho que pode conhecer/ver coisas. E o autoconhecimento estaria possibilitado por uma curiosa faculdade do olho da mente, a saber, a de ver o próprio sujeito que vê. Seja por ‘reflexão’, através de um espelho que faz ‘dar a volta à luz’ e apresenta à mente sua própria imagem exteriorizada, seja porque o mesmo olho da mente é capaz de ‘voltar-se sobre si mesmo’, de virar-se para trás’ ou ‘para dentro’. (LARROSA, 1994, p. 58-59. Grifos do autor.)

Considerando esta ótica podemos analisar que a mesma leva o próprio sujeito, no caso de nossa pesquisa o/a licenciado/a a vê-se pela reflexão, através de um espelho, que apresenta à mente a própria imagem exteriorizada. O olhar interior

oferece a percepção da relação do sujeito consigo mesmo, construindo o autoconhecimento, é o sujeito conhecendo o objeto que por sua vez o objeto é o próprio sujeito. A percepção que o sujeito tem de sua própria imagem aparece em uma relação particular entre sujeito e objeto.

O autoconhecimento nessa perspectiva é voltar o olho da mente para o interior do sujeito, e ao voltar para o exterior produz a percepção interna, essa percepção é visível apenas para o sujeito que conhece, mesmo que possa ser apresentada através da comunicação com outros sujeitos, tornando visíveis aos outros. A visibilidade de si é qualquer forma de dispositivo de percepção, e está submisso à cultura, a temporalidade, a história, dependendo da interpretação do sujeito. “Por isso o sujeito é uma função da visibilidade, dos dispositivos que o fazem ver e orientam seu olhar. E esses são históricos e contingentes”. (LARROSA, 1994, p. 62), sendo possível haver diversas visibilidades.

Podemos estender essa análise foucaultiana da visibilidade à metáforização ótica da reflexão, ao ato de ‘ver-se a si próprio’. O autoconhecimento como ‘ver-se a si mesmo’ depende, em primeiro lugar, da aplicação em direção a si próprio dos dispositivos gerais da visibilidade. Em segundo lugar, da colocação em ação de dispositivos específicos para a auto-observação. Mas aí a visibilidade não constitui o sujeito como quem vê algo externo a si mesmo, um objeto exterior; ela envolve todo o conjunto de mecanismos nos quais a pessoa se observa, se constitui em sujeito da auto-observação, e se objetiva a si mesmo como visto por si mesmo. (LARROSA, 1994, p. 62. Grifos do autor.)

Dessa forma, os/as licenciados/as ex-integrantes do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó na atividade docente e através dos dispositivos de observação produziram conhecimento de si, adotando como condição a relação entre o eu que se observa e o eu que se vê. Em nossa pesquisa observamos o ver-se como mecanismo de confissão sobre o que ocorreu na experiência de si em cada um/a, no caso a professora e o professor participantes da pesquisa, considerando que somente o sujeito pode ver-se em seu interior e enquanto os mesmos respondiam as entrevistas semiestruturadas da pesquisa refletiam sobre sua prática, vendo a si mesmos, e expressando-se para entender melhor o processo da prática pedagógica no qual estavam inseridos.

Para expressar-se o sujeito precisa escrever ou falar, selecionamos a escrita e a fala para colher a expressão do/a docente, utilizando a linguagem como meio para exteriorizar suas subjetividades construídas na experiência de si ocorridas no período

de participação no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó. Tornar público os aspectos interiores, exteriorizar suas subjetividades construídas na experiência de si ocorridas no período de participação no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó. Tornar público os aspectos interiores requer um movimento constante entre o ver-se e o expressar-se, um não se apresenta sem o outro.

Entretanto, esse deslizamento do 'falar' para o 'ver' está sancionado por uma certa ideia da linguagem constituída pela superposição de duas imagens: uma imagem referencial, aquela segundo a qual as palavras são essencialmente nomes que representam as coisas, e uma imagem expressiva, aquela segundo a qual a linguagem é um veículo para a exteriorização de estados subjetivos, algo assim como um canal para extrair para fora, elaborar e tornar públicos certos conteúdos interiores. Na imagem da referência, a linguagem copia a realidade. Na imagem da expressão, a linguagem exterioriza o interior. (LARROSA, 1994, p. 63. Grifos do autor.)

Na imagem de expressão o sujeito de forma refletida exterioriza o seu interior, somente ele mesmo é capaz de expressar que visibilidade seu interior permite processar e expor. O próprio sujeito cria formas mediadoras que possibilitam a manifestação de si ao público. A prática pedagógica na formação é uma forma de construção e mediação da experiência de si que constitui o sujeito, apoiado pelo projeto social, cultural, histórico, estabelecido nas relações com os discentes do Ensino Médio e professores da escola em que atuam.

A linguagem expressiva é considerada imaginativa, mediadora dos estados internos de consciência, as sensações, sentimentos, imagens e o mundo exterior, constituindo uma dicotomia entre interior e exterior, atua de modo consciente ou inconsciente, intencional ou não. O/A docente que fala ou escreve é percebido/a como sujeito de um discurso expressivo, é aquele/a que externaliza as intenções internas ou suas subjetividades. "O discurso expressivo seria, portanto, aquele que oferece a subjetividade do sujeito. E essa subjetividade não seria senão o significado do discurso, aquele prévio ao discurso e expressado e exteriorizado por esse.". (LARROSA, 1994, p. 65).

No discurso expressivo não podemos deixar de relatar a dimensão julgar-se, ao ver-se e narrar-se sobre experiência de si o/a docente prioriza o que narrar, o que reflete seu olhar sobre si mesmo, mas nos perguntamos como o julgamento reflete na narração de si? Podemos pensar que [...] "o julgar-se é o que faz dizer-se e o que faz ver-se." [...] (LARROSA, 1994, p. 78-79). Nesse sentido, nas narrações dos sujeitos

da pesquisa quando os/as mesmos/as são conduzidos/as a pensar sua própria prática profissional o julgar-se é uma dimensão que predomina visto que ao julgar-se é possível ver-se e falar sobre si ao ponto de expor-se a formação e transformação.

O professor e professora da referida pesquisa expressaram-se em forma de discursos, seu interior construído a partir da experiência enquanto participavam do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, buscando os significados de seus discursos, interpretaremos, tentando compreender o interior de cada um a partir do que foi externalizado. “O preceito pedagógico e social moderno ‘expressa-te a ti mesmo’ contém uma distinção entre interior e exterior e toda uma imagem da linguagem como exteriorização”, (LARROSA, 1994, p. 65. Grifo do autor.), ao analisarmos os discursos expressivos:

[...] é inevitável pensar em termos de maior ou menor competência expressiva (o que explicaria a existência de restos inexpressados), ou de maior ou menor sinceridade expressiva (o que permitiria falar em termos de simulação ou mentira), ou de maior ou menor espontaneidade expressiva (o que explicaria a deformação imposta pela rigidez das convenções ou dos padrões linguísticos). E isso supõe duas coisas: em primeiro lugar, que a subjetividade é o significado do discurso, algo prévio e independente do discurso do qual seria ao mesmo tempo a origem e a referência; em segundo lugar, que poderia haver, idealmente, uma competência plena, uma sinceridade absoluta e uma espontaneidade livre. (LARROSA, 1994, p. 65).

Assim sendo, quando interpretamos o discurso do sujeito que se expressa não podemos deixar de considerar sua espontaneidade, sinceridade, competência para expressar o que tem em seu interior, suas subjetividades construídas nas experiências. Tais aspectos são do método de análise do discurso visto que esse permite ao/à pesquisador/a aproximar-se dos sentidos atribuídos e presentes no discurso dos/as sujeitos de pesquisa. Em Ghedin; Franco (2011, p. 153) podemos amparar nosso argumento: [...] a construção do texto, na relação com o contexto, produz uma forma de dizer o mundo, uma linguagem que busca interpretar e significar as coisas, o que se funde indissociavelmente no todo do enunciado.” Também, coerente com esse contexto, nos assegura Larrosa (1994, p. 65): “[...] O visível vai em paralelo com o dizível. As formas legítimas de olhar se relacionam com as formas legítimas de dizer [...] na qual o sujeito entrevistado se expõe.”

3.2.1 A experiência do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó no ensino de Filosofia

A construção do discurso ocorre em um paralelo entre o visível e dizível, Foucault “[...] não o considera como representativo ou expressivo, mas como um mecanismo autônomo que, funcionando no interior de um dispositivo, constitui tanto o representado e o expressado quanto o sujeito mesmo como capaz de representação ou expressão”. (LARROSA, 1994, p. 66-67). Considerando a expressão no discurso relacionamos a nossa pesquisa ao sujeito da experiência, precisamente a professora Ana Maria e professor Pedro Henrique, (nomes fictícios que usaremos em nossa pesquisa para representar nossos participantes), em nosso caso nos posicionamos como o sujeito da experiência “[...] que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele uma oportunidade, sua ocasião.” (LARROSA, 2014, p.26).

Nos espaços de conversas entre pesquisadora e pesquisados, seja na entrevista, na escrita, na revisão do texto, narramos nossas experiências para transformar o que sabemos e não para transmitir o sabido; nessa narração nos dispomos à exposição do perigo, pois não sabemos o que provém dessa exposição, arriscamo-nos a transformar e autotransformar-se na formação e nessa aventura selecionamos consciente ou inconscientemente o que nos tocou, nos afetou, e destacamos como experiência (LARROSA, 2014). Pela palavra expomos nossa experiência que em potencialidade é possível tocar o outro a pensar e refletir sobre a referida experiência.

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2014, p. 17).

As palavras que nomeamos para representar nossa prática educacional representa o que somos e o que fazemos na educação que julgamos terem sentido, e representa nossa experiência. Não mencionamos nesse escrito que a experiência é algo que se passa ou que acontece, mas algo que lhe passa ou lhe acontece “[...] a experiência não se basta como algo exterior ao sujeito, mas sinaliza uma interface entre interior e exterior [...]”, o sujeito da experiência “[...] permite que algo lhe aconteça, que algo lhe toque, que algo lhe suceda”. (CARLESSO; TOMAZETTI, 2011, p. 78). Muitas coisas se passam no mundo moderno, mas o sujeito desse referido

mundo está cada vez mais distante, por vários motivos, da experiência que poderia tocá-lo.

Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (LARROSA, 2014, p. 18-19)

Assim, precisamos separar o sujeito da informação para que o mesmo possa se dispor a algo que lhe toque que lhe aconteça. O sujeito da informação está preocupado com a imensidade de informação que se produz todos os dias e o mesmo tenta processar o mais rápido possível essas informações o que lhe/se transforma no sujeito da opinião, tentando opinar nos mais variados aspectos possíveis de informação, permitindo que “[...] a obsessão de pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça.” (LARROSA, 2014, p. 20).

Não podemos confundir experiência com trabalho, em algumas vezes escutamos pessoas falarem que o/a professor/a que está há bastante tempo na escola tem muita experiência, mas o excesso de trabalho não define que determinado professor/a é um/a sujeito da experiência no sentido em que apresentamos. Porém, pensamos que a experiência fica cada vez mais difícil de acontecer pela falta de tempo, as coisas se passam em uma rapidez que parece nada nos tocar, tudo se torna fugaz a nossa percepção e ao nosso sentir. (LARROSA, 2014).

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2014, p. 25).

Em nossa pesquisa pensamos em provocar essa lentidão, que os sujeitos da referida pesquisa tentasse parar para pensar sobre o que lhe tocou no tempo que participou do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, o que foi possível

escutar que chamou a atenção para a sua prática como docente e que a receptividade como sujeito da experiência lhe propôs possibilidades de pensar sua exposição da docência. Ao perguntar sobre o impacto do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, o professor relatou:

O impacto foi assim, um impacto positivo, muito bom, impactou, de que eu sei que a herança que o PIBID me deixou vou levar para minha carreira toda como professor, independente de atuar no ensino médio, na universidade, em qualquer nível que seja, eu sei que o impacto que o PIBID teve na minha formação, é algo que não posso mais me desfazer dele, vai ficar para a vida toda, porque até quando a gente dá aula em faculdade, as vezes quando dou aula, por exemplo, em faculdades a gente ainda carrega um pouco disso, o impacto maior que o PIBID me deixou, e assim ele transformou em mim, foi de ficar inquieto diante das aulas monótonas, [...] isso impactou muito, minha formação, o de não querer que as aulas seja algo, que elas não envolvam os alunos, que seja aulas que simplesmente se trabalhe textos difíceis da filosofia, então o maior impacto foi esse, impactou, na minha formação inicial, [...] e ainda até hoje acompanha minha formação. (Transcrição 01, em 11/08/2018, Florânia/RN. Apêndice F).

Paramos um pouco para pensar o que a partir da fala do professor podemos chamar de experiência, o que lhe tocou? Parece-nos que pensar a aula de Filosofia como algo que movimenta os/as estudantes e pensar em sua própria atuação como professor para não deixar as aulas monótonas é algo que tocou o professor e o impulsionou à possibilidade de ser um sujeito da experiência. “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma.” (LARROSA, 2014, p. 28. Grifo do autor.). A transformação nos instiga a intervir por onde a experiência nos tocou, “[...] o PIBID veio em momento muito bom, porque ele me deu a chance de viver na escola, conhecer a realidade das escolas, conhecer de uma forma assim inovadora, de poder intervir e mudar, e transformar a realidade das aulas no Ensino Médio [...]” (Transcrição 01, em 11/08/2018, Florânia/RN. Apêndice F). Nessa perspectiva podemos refletir que a passagem do professor no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó o marcou como sujeito da experiência capaz de construir saberes docentes, a partir da sua relação com o conhecimento e com a vida humana na escola, no referido Subprojeto do PIBID, na universidade e outros caminhos que o mesmo tem traçado.

As experiências da vida podem produzir saberes que ao impactar o sujeito, o mesmo seja capaz de sistematizar esse conhecimento a favor de outras experiências.

O saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal (LARROSA, 2014, p. 32).

Sendo particular o saber da experiência é único e muitas vezes almejado por sua performance nos espaços de atuação. Refletimos então como esse saber pode ser ampliado, valorizado e até validado? Pensamos que é possível a partir da escuta dos sujeitos que produzem esse conhecimento, ao compreender que a experiência faz parte da produção de saberes e com o cuidado de parar para olhar devagar, escutar mais devagar as referidas vozes. No caso do ensino de Filosofia, escutar mais devagar os/as professores/as que produzem saberes capazes de juntar atentamente, teoria e prática a serviço de uma docência eficiente diante dos desafios da educação contemporânea.

Na prática docente o/a professor/a se depara com os desafios contemporâneos que requer do/a profissional uma atenção intensa na relação teoria e prática, no ensino de Filosofia não ocorre diferente, é dispensável essa separação, concordamos com o professor Pedro Henrique:

O PIBID foi um divisor de águas para a minha licenciatura em Filosofia, isso porque a partir dele eu e todos os outros participantes começamos a estabelecer uma relação muito mais próxima entre a pesquisa e a atividade docente. Perceber isso e aproximar pesquisa e docência facilitou e ampliou as nossas possibilidades de estar sempre trazendo algo novo para a sala de aula. O PIBID me proporcionou vivenciar e discutir a prática docente me possibilitou saber enfrentar os desafios pedagógicos e humanos no ambiente escolar de forma segura, através dos estudos e dos autores estudados durante o projeto. (Transcrição 01, em 11/08/2018, Florânia/RN. Apêndice F)

Nesse sentido, é possível identificarmos que a experiência do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó contribuiu para que o professor considerasse como indispensável para o ensino de qualidade, o/a professor/a adotar uma postura de pesquisador/a, estabelecendo em sua prática uma aproximação mais consistente entre pesquisa e docência. Devemos compreender, portanto, que não se separa professor/a e pesquisador/a, ambos tornando-se um é possível intensificar a qualidade do ensino, precisamente em Filosofia. O desafio é como articular o cotidiano do professor da Educação Básica com a possibilidade da pesquisa.

Uma das formas de se obter essa formação permanente e prática torna-se viável pela pesquisa que esteja em sintonia de um contexto de mudança, contribuindo na formação pessoal do profissional como também possa abrir-se ao novo sem ser modista, mas olhando a dinamicidade da dimensão do coletivo e da comunidade. (SOUZA; CIRINO, 2012, p. 11)

A experiência no PIBID/Filosofia/Caicó parece-nos ter provocado nos pibidianos da nossa pesquisa, uma reflexão sobre a própria prática e a necessidade da pesquisa, e o desejo da formação permanente, olhar para si mesmo, pensar sobre sua própria prática, considerando o processo da formação.

A prática docente no ensino de Filosofia a partir do viés do referido Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó tem viabilizado possibilidades de pensar como aproximar o/a jovem estudante à Filosofia. “O que podemos fazer de diferente para envolver a filosofia para que eles tomem gosto pelo menos da curiosidade do que é a filosofia?” (Transcrição 02, em 16/08/2018, Caicó/RN. Apêndice G). Questionar a si mesmo sobre o como fazer contribui para que o/a professor/a também mobilize práticas que propiciem ao/a estudante um aprendizado de forma filosófica. Mesmo considerando que:

O aprender vaza, é uma linha de fuga, não raro colocando-se para fora dos horizontes definidos por uma metodologia. [...] é um mistério, fruto de encontros ao acaso. O aprendizado é da ordem do acontecimento, daquilo que não pode ser controlado, medido, circunscrito. Podemos construir todos os esforços para ensinar e controlar o que e como alguém aprende, com o auxílio de métodos, políticas, coerções, provas e exames. Mas o aprender escapa, o aprendiz devaneia e encontra caminhos outros, diferentes. O aprendiz pensa, produz, aprende, para além e apesar de todos os métodos. (GALLO, 2012, p. 88).

Esse mistério do aprender nos permite refletir que não significa que devemos pensar a aula de Filosofia sem traçar um caminho, mas compreendermos que só é possível o devaneio de encontrar outro caminho porque antes elaboramos um, na realidade o que percebemos é que o caminho elaborado precisa ser revisto no caminhar, podemos pensar como algo que sustente o início do caminhar e depois os/as aprendentes possam seguir o caminho traçado pelo/a professor/a ou encontrar outros caminhos do aprender.

O propósito de como pensar o caminho e pensar sobre o mesmo no caminhar, é uma das reflexões provocada na professora Ana Maria com relação a elaborar metodologias para suas aulas de Filosofia. A referida professora comentou que a

forma de planejar as atividades que seriam realizadas na sala de aula propostas e vivenciadas no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, a mesma destacou que ainda utiliza as estratégias ali aprendidas, a professora destacou que antes de pensar sobre o como fazer para planejar sua atuação profissional no ensino de Filosofia se questiona: “[...] o que vou fazer? Como conquistar o aluno? [...] o que está adequado com aquela turma? Qual o filme da moda? Será que podemos tirar algum trecho ou colocar? O que podemos fazer de diferente para envolver a Filosofia, para que eles tomem gosto pelo menos da curiosidade do que é a Filosofia?” (Transcrição 02, em 16/08/2018, Caicó/RN. Apêndice G).

[...] lembro que eu dei uma aula sobre o amor em Platão, que ministramos uma oficina e foi muito interessante, ou seja, algo clássico antigo que foi envolvido no dia-dia deles, é muito gratificante essa metodologia, já que é licenciatura um curso de leitura, mas nós temos que ter leque de possibilidades para introduzir em sala de aula, porque o aluno pega um texto antigo, um texto de Sócrates, e pode dizer: mas isso é muito antigo. Então podemos perguntar como trazer um texto de Sócrates para realidade deles, de hoje? Como mostrar o interesse? Quais metodologias que eu posso utilizar? (Transcrição 02, em 16/08/2018, Caicó/RN. Apêndice G).

A professora em seus escritos comentou que para elaborar as metodologias de ensino para as suas aulas se inspira em dois filósofos que fizeram parte da sua formação, Gallo e Kohan. E apresentou várias possibilidades de materiais elaborados no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó que a mesma ainda utiliza em suas aulas como “[...] Pergaminho filosófico, jogo da memória dos pré-socráticos, perguntas de verdadeiro ou falso, jogo das imagens (eram fotografias de mitos populares para os alunos argumentarem o senso comum a partir da perspectiva deles) etc.” (Transcrição 02, em 16/08/2018, Caicó/RN. Apêndice G).

A professora Ana Maria compreende ser necessário um esforço do/a professor/a em pensar possibilidades de provocar no/a estudante a curiosidade para questões filosóficas, afirmou que a partir dessas estratégias e materiais, a mesma introduz a investigação filosófica que pode ser desenvolvida conforme o livro didático, como também em outras fontes como os clássicos, por exemplo, Platão, Aristóteles, Epicuro, Kant, Karl Marx, Foucault.

Uma das preocupações do PIBID/UERN do Edital 02/2009 consistia em os/as licenciandos/as “[...] conhecerem as dificuldades e expectativas dos alunos do Ensino Médio sobre as respectivas áreas de conhecimento” (BRAZ; RUIZ, 2013, p. 28), para

planejar, atuar e refletir sobre a prática docente a considerar o desempenho profissional do futuro professor. O docente Pedro Henrique relatou que:

O PIBID contribuiu de forma significativa e maravilhosa no meu desempenho profissional hoje, isso porque todos os problemas que nos deparamos em sala de aula, como: a dificuldade dos alunos em relação aos textos filosóficos, o tempo da aula de Filosofia de uma aula por semana, como pensar as metodologias que deveríamos usar nas aulas, me fez refletir, junto com o grupo quando estávamos no projeto, sabendo nós que esses problemas estariam presentes em nosso cotidiano na vida profissional e escolar. Diante disso, hoje eu acredito que tenho as bases teóricas para enfrentar essas situações graças ao PIBID. (Transcrição 03, em 11/08/2018, Florânia/RN. Apêndice H)

Os desafios observados pelo professor Pedro Henrique no período que participou do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó parece estar caracterizado ainda no Ensino Médio, diante de sua percepção é interessante ressaltar que a formação do referido Subprojeto contribuiu para sua atuação profissional, colaborando para que o mesmo construísse conhecimentos capazes de contribuir no enfrentamento das dificuldades que requerem o ato docente.

A partir da experiência relatada pelos sujeitos pesquisados, essa remete e reverbera na experiência da pesquisadora enquanto experiência de si como supervisora do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, visto esses terem sido trabalhados pela pesquisadora à época, enquanto supervisora do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, com os sujeitos pesquisados e como docente no ensino de Filosofia no Ensino Médio, no sentido de que percebemos que para desenvolver um ensino de Filosofia na Educação Básica que contemple o desejo de filosofar dos/as estudantes, está entrelaçado de muitos desafios, tais como: ao tempo designado a hora/aula, uma aula por semana e a dificuldade de se relacionar com os textos filosóficos, mas para pensar sobre a prática docente no que se refere às aulas de Filosofia vamos nos referir a dois desafios.

Pensamos ser relevante de acordo com o relato do professor Pedro Henrique pensar em dois desafios: o primeiro como podemos envolver os jovens em uma disciplina que aparece para o mesmo uma vez por semana, em cinquenta minutos de aula? Para essa façanha pensamos ser necessário inventar outros momentos para além da sala de aula com esse/a estudante. Mas, como inventarmos outros momentos? Como trazer o estudante em outros momentos se as condições de nossas escolas não oferecem esses espaços? Pensamos em uma possibilidade de viabilizar

uma experiência em que o/a estudante pode se relacionar com a Filosofia. Chamamos esse exercício metodológico de 'Articuladores do saber filosófico' (Apêndice L), a partir de um projeto que elaboramos e revisamos com o/as estudantes, foi possível selecionar dois articuladores de cada turma. Esses de acordo com o projeto¹⁸ *Articuladores do saber filosófico* tem uma atribuição em especial que é estreitar as relações entre a professora e a turma, ampliando assim o espaço-tempo das estratégias metodológicas do ensino de Filosofia.

O/a estudante articulador/a planeja com o/a professor/a ações de intervenção que possam dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, mensalmente, em contra turno, juntos avaliam a atuação da turma e discutem estratégias para melhorar a atuação da sala de aula na disciplina de Filosofia, como também para dinamizar o tempo, encaminha e orienta exercícios que não foi possível fazer durante as aulas, essas ações contribuem para que os/as estudantes tenham mais contato com a Filosofia, além daquele encontro semanal de uma aula por semana.

O nosso segundo desafio é a dificuldade dos/as estudantes se relacionarem com os textos filosóficos. Acreditamos que aproximá-los do texto filosófico a partir de um texto não filosófico nos parece ser algo atrativo. Não poderíamos deixar de mencionar a utilização do cordel nas aulas de Filosofia. O Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó tem uma relação de aproximação com a arte do cordel, a experiência do Puxincói Filosófico¹⁹ nos chama atenção quando se trabalha o lúdico para relacionar à Filosofia aos/as jovens do Ensino Médio. Nesse contexto, percebemos a “[...] ludicidade como instrumento capaz de sensibilizar e envolver os educandos para refletir de modo crítico-reflexivo e inovador, motivando-os em uma fundamentação teórica acerca dos problemas filosóficos [...]”. (CRUZ et al., 2014, p. 325).

A experiência que nos referimos é a utilização do cordel para aproximar os/as estudantes à Filosofia, no PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó. Essa experiência gerou o grupo teatral chamado Puxincói Filosófico. O professor Pedro Henrique considera que o cordel é uma possibilidade para tal aproximação “[...] porque o cordel é feito de uma forma, a forma como ele é contado atrai muito os alunos, ainda utilizo,

¹⁸ Para maiores esclarecimentos conferir Apêndice L.

¹⁹ [...] um pequeno grupo de teatro amador que elaborou e encenou algumas peças teatrais que se utilizavam de elementos da cultura popular (como a poesia popular e o cordel) para abordar temas e problemas da Filosofia. O *Puxincói* era constituído por alunos bolsistas do Subprojeto PIBID de Filosofia Campus Caicó. (MEDEIROS, et al., 2018, p. 44).

então até hoje utilizo e os alunos gostam muito na sala de aula. [...]”. (Transcrição 01, em 11/08/2018, Florânia/RN. Apêndice F). Para o ensino de Filosofia ainda podemos registrar que:

[...] o cordel e a poesia popular representa uma forma de arte com a qual podem ser trabalhados variados temas e problemas sócias, políticos e, é claro, filosóficos. E foi apostando nisso que o *Puxincói Filosófico* desenvolveu suas produções, visando suscitar discussões sobre temas e problemas filosóficos [...] (MEDEIROS, et al; 2018, p. 52)

Esses temas a partir da ludicidade do cordel podem se relacionar com a investigação filosófica, aproximando dos textos nos livros didáticos, como também nos clássicos da Filosofia.

Também apontamos para outra possibilidade: aproximar o estudante do texto filosófico através de fragmentos dos filósofos. Em uma intervenção metodológica nas primeiras séries do Ensino Médio, por ocasião de uma atividade encaminhada para fazer em casa, uma leitura e reflexão escrita sobre um texto do livro didático, o qual trazia um texto filosófico, do total de cinco turmas, em duas turmas, apenas 10% haviam executado o exercício. Nesse contexto, surgiram para a professora pesquisadora os seguintes questionamentos: O que fazer agora? Devo chamar atenção desses/as estudantes? Falar de responsabilidades? Nesse momento, foi proposta uma reflexão a partir da seguinte afirmação: ‘A vida nos é dada!’ A essa afirmação seguiu-se o fragmento do filósofo Ortega Y Gasset, o qual se refere a pensar sobre a vida e a maneira como somos a ela arremessados: “Não nos é dada feita [...]. Mas consiste em decidir-se, porque viver é encontrar-se no mundo.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 245), ou seja, o autor quer chamar nossa atenção no sentido de que, mesmo que as possibilidades não sejam ilimitadas, nós temos a liberdade de escolha.

A referida citação foi escrita no quadro, a professora pesquisadora optou, nesse contexto, por não chamar a atenção da turma por não terem realizado a tarefa. Assim, ao utilizar a estratégia metodológica de aproximar o estudante do texto filosófico através de fragmentos dos filósofos, proporcionou o envolvimento dos mesmos com o pensamento do referido autor a partir dos seguintes questionamentos: O que podemos pensar quando lemos Ortega Y Gasset? Quando o mesmo diz que a vida nos é dada? Se nos é dada podemos apenas esperar? Nos é dada, mas não feita?

Como podemos fabricá-la? Assim seguiu uma aula a partir de uma citação do texto de Ortega Y Gasset, que provocou a curiosidade de investigarmos sobre o que o mesmo pensa sobre a vida. Na experiência metodológica relatada foi possível criar possibilidades de aproximar o/a estudante ao texto filosófico do próprio filósofo.

Nas atividades realizadas no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, no sentido de perceber suas contribuições em vista de criar possibilidades para a construção de metodologias que possam incidir na relação/desejo de filosofar dos/as estudantes, seja a partir de um texto filosófico ou com as mais diversas estratégias relatadas nas falas dos nossos sujeitos de pesquisa, nos parece ser interessante mencionar a necessidade de enfrentar a educação na perspectiva da formação integral, como proposto pela BNCC (BRASIL, 2018, p. 14):

[...] a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades.

Nessa perspectiva, o Subprojeto supracitado em nossa pesquisa considera, a partir do que ficou evidente nas falas dos sujeitos pesquisados, a questão de utilizar como metodologia projetos temáticos, na formação integral, visto que tal metodologia é capaz de contemplar ao/a estudante o desenvolvimento amplo do que se refere às dimensões intelectuais e cognitivas. Percebemos também:

[...] que em relação à metodologia de trabalhar com temáticas em forma de projeto tanto o discente quanto o docente tem a oportunidade de desenvolvê-las com mais tempo e qualidade o ensinar e aprender, através desta forma as discussões são mais abrangentes o que proporciona uma maior estruturação em relação aos conceitos abordados, sua compreensão e aplicação no cotidiano. (MEDEIROS; et al. 2018, p. 49).

No decorrer da execução de um projeto temático é perceptível a atuação envolvente do discente quando os conteúdos são trabalhados a partir dessa prática, estudantes não constroem o conhecimento sozinhos nessa perspectiva, mas sim coletivamente com os pares que envolvem o conhecer, os outros estudantes, o meio

cultural, histórico, social e o/a professora atuando como orientador/a do saber que também aprende nesse movimento do conhecer.

Diante as metodologias vivenciadas no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó, destacamos no quadro abaixo exemplos, à guisa de contribuição, sugestões metodológicas que proporcionaram aulas significativas para os/as jovens da Educação Básica:

Quadro 01: Estratégias Metodológicas em Sala de Aulas de Filosofia no Ensino Médio

Metodologia	Objetivo	Estratégia	Resultados
Cordel na sala de aula	Aproximar o/a estudante de conceitos elaborados por filósofos/as a partir da leitura do cordel, por envolver de forma lúdica o/a jovem.	Os cordéis apresentados aos/às estudantes nessa metodologia são específicos da Filosofia, textos que apresentam determinados filósofos/as, a partir da leitura seguem as discussões e estudos dos referidos filósofos/as.	Os/as estudantes se envolvem com o texto por ter uma característica específica da ludicidade, sendo conduzidos à produzirem seus próprios textos em forma cordel.
Jogo da Memória	Desenvolver nos/as jovens as capacidades de: atenção, concentração, confiança, imaginação, raciocínio lógico, memorização, observação, comunicação,	Desenvolvido em slide, após a brincadeira do jogo da memória o professor rever os slides com os/as estudantes e refletem sobre os problemas investigados pelos referidos/as	A atividade do jogo contribui para que o/a professor/a construa com os/as estudantes uma relação de criatividade e confiança para o desenrolar da introdução de outros conteúdos.

	reflexão e interação.	filósofos/as e elaboram outros questionamentos sobre os temas mencionados por cada filósofo/a.	
Projeto temático	Discutir um problema filosófico a considerar várias possibilidades que podem ser desenvolvidas em projetos temáticos.	O/a professor/a elabora um projeto temático a partir da realidade da escola. É interessante planejar com representação de estudantes e considerar as possíveis alterações dos/as estudantes. O envolvimento da turma na elaboração fortalece o desempenho do projeto.	Participação ativa dos/as estudantes nas atividades, no planejamento e avaliação. Percebemos que atuam como protagonistas do conhecimento.
Ágora filosófica	Vivenciar com os/as estudantes possibilidades de discussões filosóficas a partir de um cenário de debate a relembrar	O/a professor/a e estudantes organizam um dia na escola com debates filosóficos, nesses encontros são convidados palestrantes e	Os estudantes atuam como protagonistas do seu conhecimento com essa atividade.

	as discussões nas Ágoras Gregas.	além da fala dos convidados os estudantes também apresentam suas reflexões sobre o tema em debate.	
Oficina	Construir conhecimentos a partir de produções intelectuais, criativas.	O/a professor/a elabora uma oficina e em horário contrário ministra para os/as estudantes, estes/as participam e contribuem com as produções que apresentam no momento da aula ou em algum evento da escola.	Produção do/a próprio/a estudante do que é proposto na oficina.
Teatro	Desenvolver participação nas atividades escolares, estimulando o convívio social, além do crescimento cultural e da linguagem oral e corporal.	Realizar estudos de temas filosóficos a partir das dramatizações realizadas pelos/as estudantes.	Estudo sobre os temas filosóficos a partir das produções dos/as estudantes.
Seminários	Socializar o aprendizado a	Dividindo a turma em grupos, cada	O aprendizado sobre o tema

	partir de apresentações orais e discussões com os/as estudantes.	um apresenta um tema relacionado ao assunto selecionado pela/a professor/a.	indicado vem a desenvolver a oralidade, expressão corporal e a capacidade de organização individual e coletiva e de apresentação em público.
Debates filosóficos	Desenvolver a argumentação sobre determinado tema.	Com a sala em círculo a aula se desenvolve a partir de um debate, que pode iniciar com a discussão de alguma leitura ou estudo dirigido encaminhado em outro momento.	Os/as estudantes desenvolvem a capacidade de argumentação e participação em debates na sala de aula como também em outros espaços de discussões extra escolares.
Leitura compartilhada	Exercitar a leitura individual e coletiva, a compreender na Filosofia a leitura como exercício indispensável para o seu conhecimento.	Nos estudos dos textos em sala de aula, cada estudante ler um pouco oralmente e discutimos coletivamente o sentido do texto.	O desenvolvimento da leitura e compreensão dos sentidos do texto.
Estudo dirigido	Exercitar a leitura a partir de uma investigação predeterminada.	No estudo dirigido o/a professor/a pode conduzir o estudo como também pode	Os/as estudantes desenvolvem a autonomia da investigação epistemológica e

		propor que o/a estudante organize seu esquema de investigação e apresente à turma para discussão e interlocução de saberes.	apresentam sua capacidade de seleção e organização sistematizada de conhecimentos.
--	--	---	--

As metodologias mencionadas no Quadro acima foram planejadas no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN e aplicadas com os/as jovens do Ensino Médio, são referências para as aulas de Filosofia na Educação Básica, as mesmas ainda fazem parte das práticas de ensino realizadas nas Escolas participantes da referida pesquisa.

As experiências vivenciadas no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó tocou a professora Ana Maria no que se relaciona a pensar sobre “[...] A postura em sala de aula, saber ouvir o aluno, a preparação da avaliação, como avaliar meu aluno, e principalmente quando chega em sala, o acolhimento do aluno do Ensino Médio.” Ainda pensando na sala de aula a professora discorreu que: “Gosto muito de lecionar, a sala de aula é como se fosse um palco que entro esquecendo de todos os problemas, é um universo mágico que junto com meus alunos/as vivenciamos experiências do pensar”. (Transcrição 02, em 16/08/2018, Caicó/RN. Apêndice G). Para o professor Pedro Henrique:

[...] o PIBID veio em momento muito bom, porque ele me deu a chance de viver na escola, conhecer a realidade das escolas, conhecer de uma forma assim inovadora, de poder intervir e mudar, e transformar a realidade das aulas no Ensino Médio, a gente produzia materiais didáticos. Então eu vi que o PIBID me deu a oportunidade de não somente vê a realidade, mas de tentar transformar a realidade das aulas de Filosofia no Ensino Médio. [...] O PIBID foi o pontapé inicial para exercer o lado criativo na docência. (Transcrição 01, em 11/08/2018, Florânia/RN. Apêndice F)

Dessa forma, as experiências do professor Pedro Henrique e a professora Ana Maria no Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó enlaçadas às

experiências da professora-supervisora-pesquisadora nos provoca a questionar sobre o que estamos fazendo nas aulas de Filosofia, capaz de contribuir para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes? O que ainda podemos pensar em fazer para aproximar os/as jovens à Filosofia? Partindo do pressuposto que somos inacabados/as e inquietos/as, acreditamos ser necessário que o cuidado com o como *fazer* no ensino de Filosofia continue fazendo parte de um problema inesgotável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENCONTROS E DESENCONTROS

Precisamos ser constantemente problematizadores de nossas próprias práticas. É certo e, provavelmente, recorrente entre nós que, às vezes, nos sentimos cansados, perdidos, desmotivados, entretanto, mesmo nesse ciclo, não devemos coisificar ainda mais as coisas e, muito menos, as pessoas que nos tornamos e os processos pelos quais nos tornamos. (TOMAZETTI, 2014, p. 39)

A investigação sobre a experiência do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó tem provocado um pensar sobre nossa própria prática como professor/a de Filosofia, e nos fez perceber que não podemos deixar que o cansaço da lida docente nos impeça de continuar problematizando nossa própria prática. A escrita do texto nos conduziu a uma aventura de refletir sobre a trajetória do/a professor/a de Filosofia, suas possibilidades de potencializar o ensino e não coisificar os pares e os processos que norteiam a Educação Básica. Somos responsáveis pela nossa própria valorização e quando os coisificamos, as pessoas e os processos formativos, desencadeamos nossa própria desvalorização.

O ensino de Filosofia no Ensino Médio é considerado complexo, visto que além da pluralidade de como os/as professores/as se relacionam com a Filosofia, ainda há a questão da diversidade de escolas, de jovens que estão a se relacionar com esse conhecimento somente a partir do Ensino Médio, principalmente quando citamos a escola pública, nessa complexidade pensamos que o/ professor/a de Filosofia precisa ser criativo em sua atuação docente, e para não correr o risco de se esgotar no saber pedagógico filosófico é interessante que o docente torne-se um professor pesquisador, se reinvente a cada situação que requer a novidade.

Nossa pesquisa buscou investigar a experiência do PIBID na formação dos/as egressos/as (ex-pibidianos/as), com relação à construção de metodologias que possam aproximar os/as estudantes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. Elaboramos como hipótese que a referida pesquisa poderia contribuir para que os/as professores/as pensem sobre sua prática no ensino de Filosofia, de que maneira trabalham os conteúdos e quais exercícios metodológicos propostos aos/as estudantes que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. Reflitam também na possibilidade de viabilizar a experiência da Filosofia com jovens a identificar o Subprojeto PIBID Filosofia/Caicó/UERN, como um programa formador capaz de contribuir para atuação docente que se refaz ao lado da pesquisa,

reconhecendo-se inseparável da investigação para uma atuação de qualidade na escola.

A propósito dos objetivos da pesquisa e nossa hipótese, comprovamos que o Subprojeto PIBID Filosofia/Caicó/UERN proporcionou condições de experiências vivenciadas pelos sujeitos pesquisados na qual atuam como docentes no ensino de Filosofia, a considerar a reflexão sobre sua própria prática ser indispensável na atuação do docente. A partir dos dados construídos observamos que inspirados na formação pelo viés do referido Subprojeto, os/as ex-pibidianos/as que atuam na sala de aula na disciplina de Filosofia compreendem a necessidade de trabalhar os conteúdos de Filosofia a viabilizar a relação/desejo de filosofar dos/das estudantes, desenvolvendo metodologias que proporcionem essa relação.

Para colher informações que nos subsidie na referida investigação, contribuindo para a construção de saberes que possibilitem um olhar apurado sobre as metodologias de ensino de Filosofia, adotamos uma investigação qualitativa a partir do método autobiográfico, pois acreditamos na possibilidade de construir conhecimentos a partir da experiência do outro. Como pensar uma formação para servir o outro isoladamente do outro?

O próprio processo de pesquisa nos provoca a pensar sobre a importância do outro na construção do caminho. Uma das discussões imprescindível em nossa pesquisa é sobre a formação docente filosófica para o Ensino Médio e seus desafios, ao final dessa investigação podemos confirmar que o docente é um/a protagonista indispensável para garantir que o ensino filosófico se firme com eficiência na Educação Básica. Pela experiência, os docentes constroem saberes que lhes asseguram com a capacidade de solucionar problemas que surgem no cotidiano do ensino. Nesse sentido, compreendemos que a experiência se forma a partir de situações concretas que envolvem docentes e discentes, algumas vezes, invisíveis ao campo teórico e que a partir das mesmas podemos sistematizar e apresentá-las ao conhecimento científico. Mas, nos deparamos a outras indagações; se a experiência é formadora, o que podemos chamar de experiência? Na nossa pesquisa, trouxemos à tona o conceito de experiência em Larrosa (2014) que nos provoca a pensar a experiência como algo que nos toca e afeta, aludimos também à perspectiva de relacionar a Filosofia à vida, ao viver, nesse aspecto nos acompanhamos com o filósofo Ortega Y Gasset (2016) que nos convida a pensar que viver é uma revelação e isso implica ao não contentar-se com o simplesmente viver, o autor citado nos

convida a pensar sobre a vida, a filosofar sobre a vida que nos é arremessada, como também buscar incansavelmente possibilidades de nos fazer.

No texto também mencionamos as motivações quanto à escolha do tema, a problematização do objeto de estudo, as abordagens de investigações teóricas e metodológicas, os sujeitos e os instrumentos de construção de dados, que nortearam nossa pesquisa.

Em uma primeira conversa com o/a docente protagonista da pesquisa, percebemos um empenho relacionado à preocupação em participar da referida investigação e contribuir significativamente para a construção de saberes que envolvem a formação docente e assim contribuir para uma educação de qualidade.

Continuando nossa pesquisa investigamos sobre as experiências do Subprojeto PIBID de Filosofia/UERN, Campus Caicó na formação dos/as egressos/as (ex-pibidianos/as) com relação às metodologias de ensino desenvolvidas a partir da ação do referido Subprojeto e posterior prática dos/as egressos/as como profissionais docentes.

Por fim, em vista das recomendações para a formação docente e atuação do PIBID na Licenciatura de Filosofia, a construção de metodologias para o ensino de Filosofia em aspecto de que contribuam para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes, identificamos diante das narrativas dos sujeitos pesquisados que torna-se imprescindível para a formação do/a licenciando/a, como também para o/a professor/a supervisor/a que participa do referido projeto, visto que é um programa que contempla uma formação de qualidade para os seus participantes, assegurar que continuamente licenciandos/as e professores/as estejam inseridos/as nos processos de formação, produção, participação em eventos acadêmicos, relação universidade e Escola Básica e as ações internas do Subprojeto, compõem a constituição do/a docente pesquisador/a que se compreende responsável pela sua profissão, almejando a conquista da qualidade. Também refletimos sobre se o programa fortalecido pela universidade executou um trabalho significativo para os/as licenciandos/as e para a Educação Básica. Nesse sentido, questionamos, por que mesmo sem programa não se pode executar também um trabalho dessa excelência?

Dessa forma, acreditamos que a investigação sobre metodologia de ensino filosófico a relacionar saberes das três instituições envolvidas, a Escola Estadual Calpúrnica Caldas de Amorim - EECCAM, Escola Estadual Teônia Amaral - EETA e o Colégio Diocesano Seridoense – CDS contribuirá para a construção de saberes

capazes de auxiliar o/a formando/a como também o/a docente a proporcionar aos/às estudantes da Educação Básica uma relação com a Filosofia de forma significativa a considerar a metodologia de ensino.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia no ensino médio: relato de uma experiência. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 112-128.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 201-224.

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 03 de março de 2013.

_____; GALLO, Sílvio. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 11-28.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. **BNCC**. Base Nacional Comum Curricular. 2018a. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/BNCC_14dez2018_site.pdf>. Acesso em: 09 de janeiro de 2019.

_____. **GUIA DE IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO**. 2018b. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cliente/Desktop/SUENY%20NOTEBOOK%202018/Guia%20Implementa%C3%A7%C3%A3o%20NEM.pdf>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2019.

_____. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília : Senado Federal,

Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bas es_1ed.pdf>. Acesso em: 04 de janeiro de 2019.

_____. Diário Oficial da União. Seção 1. Nº 114, 18 de junho de 2015. **Histórico da BNCC**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

_____. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2018.

_____. [Lei Darcy Ribeiro]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 7 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. Disponível em: <https://cdn.univicoso.com.br/files/portal/leis_de_diretrizes_e_bases_da_educa%C3%A7%C3%A3o_nacional.pdf> . Acesso em: 09 de novembro de 2017.

_____. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 6. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

_____. IBGE, 2010. **Censo Demográfico**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/caico/panorama>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2018.

_____. Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. **Portaria normativa CAPES Nº 122 , DE 16 de setembro de 2009**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/PortariaNormativa122_PIBI D.pdf> Acesso em: 04 de maio de 2012.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Ciências humanas e suas tecnologias, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SFE, 2006, v 3,

_____. [Lei Darcy Ribeiro]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Edições Câmara, 2005. Disponível em:

<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>> . Acesso em: 04 de maio de 2017.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Ciências Humanas e suas tecnologias. **PCN+: Ensino Médio:** orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais:** ensino médio. Brasília: MEC/SFE, 2000.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC, 1998.

BRAZ, Anadja M. G.; RUIZ, Carlos A. L.. O projeto formativo do PIBID/UERN. In: BRAZ, Anadja M. G.; RUIZ, Carlos A (Orgs.). **L Formação docente no PIBID/UERN.** Mossoró: Edições UERN, 2013.

BULHÕES, Fernanda. **Filosofia e seu Ensino:** reflexões e “produtos” dedicados aos professores de Filosofia no Ensino. 2012. UFRN. Disponível em: <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/20121780809ce9113962573ffbb7c0214/fernanda_Filosofia_e_seu_Ensino.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

CARLESSO, Dariane; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. As condições de (im) possibilidade da experiência em John Dewey e Jorge Larrosa: algumas aproximações. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.75-97, jul./dez. 2011. <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2204/1905>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2018.

CARVALHO, Marcelo; SANTOS, Marli dos. O ensino de filosofia no Brasil: três gerações. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio. **Filosofia:** ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 13-44. (Coleção Explorando o Ensino; v. 14), p. 13-44.

CERLETTI, Alejandro. A. **O ensino de filosofia como problema filosófico.** Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

_____. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). **Filosofia: Caminhos para seu Ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2008, p. 19-41.

CHENÉ, AdÈLE. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução: Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014. p. 121-132..

CIRINO, Maria Reilta Dantas. Vazio: condição da experiência-formação. In: VII Seminário Internacional. **As Redes e as Tecnologias: Movimentos Sociais e a Educação**. ISBN 978-85-8427-027-9. CD ROM. Eixo 4: Estudos da infância e da juventude. Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. 08 a 11 de junho de 2015, s/p. www.seminarioredes.com.br. Disponível em: <http://www.seminarioredes.com.br/viiredes/> Acesso em: 02 de março de 2018.

COSTA, A. C. Gomes. **Protagonismo juvenil: O que é e como praticá-lo**. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/costa-protagonismo.pdf>. Acessado em: 10 de janeiro de 2019.

CRUZ, A. V. C. *et al.* É possível a lucidez contribuir para o pensar em sala de aula? In: CARVALHO, A. M. de *et al* (Orgs.). **Concepções e prática de formação de professores: a experiência do PIBID UERN**. Mossoró: UERN, 2014..

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. S. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf> Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

DUHART, Olga Grau. Narrativas e experiência. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Omar Walter (Orgs.). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2008.

HOUASSIS, Antônio. **Dicionário Conciso**.. São Paulo: Moderna, 2011.

FINGER, Mathias; NÓVOA, António. Introdução. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. Org. António Nóvoa; Mathias Finger. Tradução: Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014, p. 19-27.

GABIONETA, Robson. a maiêutica socrática como 'união' de teorias no teeteto. **Revista Classica**, v. 28, n. 2, p. 35-45, 2015. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/326/301>>. Acesso em: 02 de março de 2018.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GHEDIN, Evandro. FRANCO, Maria A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção docência em formação).

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **MANUAL DE PESQUISA QUALITATIVA**. Belo Horizonte, 2014.
<http://disciplinas.nucleoead.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf>
> Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

GUIDO, Humberto; GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas. In: CARVALHO, Marcelo; CORNELLI, Gabriele. **Ensinar filosofia**. (Orgs.). Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013. Vol 02, p. 101-128. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/401647/1/Filosofia%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o_Vol_2.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

FOUCAULT, Michel. SOBRE A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto machado. 24 ed. São Paulo: Edições graal, 2007. p. 243-276.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Trad. José Cláudio, Júlia Ferreira. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: O paradoxo de aprender e ensinar**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. – (Coleção Ensino de Filosofia).

KORTE, Gustavo. **Introdução à Metodologia Transdisciplinar**. Núcleo de Estudos Superiores Transdisciplinares. São Paulo: 2000. Disponível em: http://www.gustavokorte.com.br/publicacoes/Metodologia_Transdisciplinar.pdf. Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. Desejo de realidade – Experiência e alteridade na investigação educativa. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter. (Orgs.). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 185-193.

LARROSA, Jorge. Tecnologia do Eu e Educação. In: **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 35-86.

MATOS, Junot Cornélio. **A formação pedagógica dos professores de filosofia: um debate, muitas vozes**. São Paulo: Loyola, 2013.

MAZAI, Norberto; RIBAS, Maria A. C. **Trajetória do Ensino de Filosofia no Brasil**. Revista Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, V.2, n.1, 2001, p. 10. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1582/1487>> . Acesso em: 10 de novembro de 2013.

MEDEIROS, R. R.; SILVA, A. P. da; BRITO, S. N. S.; SOUZA, J. F. C.; TEIXEIRA NETO, J. Puxincói filosófico: filosofia e poesia popular. In: TAVARES, Renata (Org.). **Arte na escola: caminhos**. São Paulo: LiberArs, 2018, p. 43-58.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. S. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

PARNET, Claire. **Abecedário**: entrevista feitas a Deleuze. Disponível em:<<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze>> Acesso em: 13/03/2014.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. Da pesquisa (auto)biográfica à cartográfica: desafios epistemológicos no campo da psicologia. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 119-142.

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Portugal: Universidade de Lisboa. 2009. Disponível em: <http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf>. Acesso em: 08 de março de 2014.

ORTEGA Y GASSET, José. **O que é a filosofia?** Tradução de Felipe Denardi; posfácio de María Zambrano. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

PLATÃO. **Teeteto**. In: _____. Teeteto; Crátilo. Tradução direto do grego de Carlos Alberto Nunes. 3ª Edição Revisada. Belém-Pará: EdUFPA, 2001. Disponível em: <<http://www.verlaine.pro.br/txt/platao-teeteto.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção formação de professores).

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino de Filosofia: Investigação Dialógica: Uma Pedagogia para a Docência de Filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SÁNCHEZ, Juan Escámez. **Ortega y Gasset**. Tradução: José Gabriel Perissé. Recife: Editora Massangana, 2010.

SILVA, Jonathan Chasko da; ARAÚJO, Alcemar Dionet de. A Metodologia de Pesquisa em Análise do Discurso. In: Grau Zero — **Revista de Crítica Cultural**, v. 5, n. 1, 2017. p. 17 – 31. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/download/3492/2240>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

SOUZA, José Francisco das Chagas; CIRINO, Maria Reilta Dantas. Formação Docente e Pesquisa: uma relação necessária? In: MORAES, Dax et al. **Filosofia: educação e saúde: interfaces**. Edições UERN, Mossoró: 2012, p. 282-309.

_____; _____. **Relatório Final Projeto de Pesquisa - Filosofia no ensino médio: elaborando um perfil**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Curso de Filosofia. Campus do Seridó - CAS, Caicó, 2010.

TEIXEIRA NETO, José; SOUZA, José F.C. PIBID e a formação de professores - avaliação e impactos no curso de licenciatura em filosofia (campus caicó-uern). In: ROCHA, Gabriel K. R (Org.). **Sertão filosófico: o ser-tao vai vir-à-mar**. Olinda: Livro Rápido, 2018, p. 34-48.

_____; MEDEIROS, E. A. SOUZA, José F.C. A filosofia no Sertão: da formação de professores à filosofia no ensino médio. **Revista Digital de Ensino de Filosofia – Santa Maria – vol.3. n.1 – jan./jun. 2017**, p. 38-58.. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/27330>> Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira. Formação do Professor de Filosofia para o Ensino Médio: Entre Políticas e Práticas, entre Universidade e Escola. In: MATOS, Junot C.; COSTA Marcos R. N. **Ensino de filosofia: questões fundamentais**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014, p. 31-42.

UNIVERSIDADE do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. **Projeto Pedagógico de Curso**. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG. Curso de Licenciatura em Filosofia. Campus Caicó – CAC. 2012.

_____. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. **Projeto Pedagógico de Curso**. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG. Curso de Licenciatura em Filosofia. Campus Caicó – CAC. 2012d.

_____. **PIBID**. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG. Disponível em: <http://proeg.uern.br/default.asp?item=proeg-pibid>. Acesso em: 12 de abril de 2017.

_____. **Projeto Pedagógico de Curso**. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG. Curso de Licenciatura em Filosofia. Campus Caicó – CAC. 2017.

_____. **Manual Normativo de Trabalhos de Conclusão de Curso da UERN**. Souza, Aécio Cândido de; FILHO, Antônio Oliveira; GONÇALO, Edinaldo Tibúrcio; MENDONÇA, Josailton Fernandes de; GALVÃO NETO, Sebastião Lopes. (Orgs.). Mossoró: Edições UERN, 2015.

APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, _____ (nome), (CPF ou matrícula): _____, representante legal da _____ (nome da instituição) _____, localizada no endereço: _____

_____ venho através deste documento, conceder a anuência para a realização da pesquisa intitulada: **A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino, com a pesquisadora mestranda Sueny Nóbrega Soares de Brito, vinculada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Caicó, a ser realizada no local _____.

Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/12 e suas complementares.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades, como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu cumprimento no resguardo da segurança e bem-estar dos/as participantes de pesquisa nela recrutados/as, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS;
- 2) A garantia do/a participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Liberdade do/a participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

_____ Caicó - RN, ____/____/____

Assinatura e Carimbo do/a responsável preferencialmente.

Na inexistência do carimbo, Portaria de nomeação da função ou CPF.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
 MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO
 CAMPUS CAICÓ



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa “**A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**” coordenada pela mestrandia Sueny Nóbrega Soares de Brito, com a orientação da Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino e que segue as recomendações das Resoluções 466/12 e 510/16, do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido/a ao seguinte procedimento: responder a uma entrevista, na qual, mediante o seu consentimento, será gravado um áudio para transcrição da mesma, cuja responsabilidade de aplicação é de Sueny Nóbrega Soares de Brito, mestrandia do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, do “Campus Caicó”, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN. As informações coletadas serão organizadas em banco de dados em programa estatístico e analisadas a partir de técnicas de estatística descritiva e inferencial, com vistas à sua utilização acadêmica e científica.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes.” E como objetivos específicos: discutir a formação docente filosófica para o Ensino Médio e seus desafios. Investigar a experiência do PIBID na formação dos/as egressos/as (ex-pibidianos/as) com relação à construção de metodologias que possam aproximar os/as estudantes da Educação Básica ao exercício do ensino da Filosofia.

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de contribuir para a formação dos/as futuros/as docentes, como também a elaboração de uma proposta metodológica de ensino de Filosofia, a qual irá beneficiar diretamente professores/as e alunos/as da Educação Básica, enquanto subsídio de formação continuada e contribuição direta com a construção de novas metodologias para a atuação e organização da relação aprender e ensinar na Educação Básica, mais especificamente à disciplina de Filosofia no Ensino Médio.

A referida investigação apresenta: A garantia do anonimato/privacidade do/a participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do/a mesmo/a; Para manter o sigilo e o respeito ao/a participante da pesquisa, apenas a mestrandia pesquisadora Sueny Nóbrega Soares de Brito aplicará o questionário e somente a referida mestrandia pesquisadora e sua orientadora Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino poderão manusear e guardar os questionários; Sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o/a participante; Garantia que o/a participante se sinta à vontade para responder aos questionários e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em CD-ROM e caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade da referida pesquisadora responsável (orientadora) no Departamento de Filosofia, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os/as participantes e o/a responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a mestrandia pesquisadora Sueny Nóbrega Soares de Brito,

do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Caicó, no endereço Av Rio Branco, 725 Centro, CEP 59300000, Caicó - RN, RN, Tel.(84) 3421-6513. Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** -Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antônio Campos, S/N, Costa e Silva. Tel: (84) 3312-7032, e-mail: cep@uern.br, CEP 59.610-090.

Se para o/a participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do/a participante e seus/as acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da mestrandia pesquisadora Sueny Nóbrega Soares de Brito.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar desta pesquisa “**A experiência do PIBID-Filosofia Caicó-RN na construção de metodologias para o ensino de Filosofia**”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido/a quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido/a e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Cidade, ____/____/____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do/a Participante





Sueny Nóbrega Soares de Brito (Pesquisadora Responsável) - Aluna do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Curso de Filosofia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Caicó, no endereço Av Rio Branco, 725 Centro, CEP 59300000, Caicó - RN, RN. Tel.(84) 3421-6513

Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino (Orientadora da Pesquisa) Professora do Curso de Filosofia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Caicó, no endereço Av Rio Branco, 725 Centro, CEP 59300000, Caicó - RN, RN. Tel.(84) 3421-6513.

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) -Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva.Tel: (84) 3312-7032, e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

APÊNDICE C – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA

 <p>PROF-FILO</p>	<p align="center">GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
--	--	---

**INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA
A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

**QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS/ÀS EGRESSOS/AS DO CURSO DE
LICENCIATURA EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES
DO SUBPROJETO DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013**

Solicito sua colaboração no sentido de responder ao presente questionário que tem como objetivo caracterizar os sujeitos que participarão da pesquisa de dissertação de mestrado. A mesma se propõe investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. As informações obtidas poderão ser usadas em futuras publicações, porém, garantido o absoluto anonimato quanto às respostas. A sua opinião é fundamental para o sucesso deste trabalho. Dessa forma, responder o questionário com atenção é de suma importância para nossa pesquisa.

1. Nome:	
2. Idade:	3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Estado civil: () Solteiro () Casado () Outro	
5. Ano de ingresso no Curso de Licenciatura em Filosofia:	
6. Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia:	
7. Após a Licenciatura em Filosofia, cursou ou está cursando alguma pós-graduação? (Se sim, qual e em qual instituição?).	
7. Período de sua participação no PIBID:	

8. Qual (ais) o(s) motivo (s) o levou (aram) a escolher o Curso de Licenciatura em Filosofia:



- Aptidão pela docência**
- Baixa concorrência**
- Oportunidades no mercado de trabalho**
- Interesse pelo curso específico de Filosofia**
- Outros, quais:** _____

9. Participou de outros programas, projetos de pesquisa, extensão? Se sim, quais?

10. Quais foram suas principais dificuldades no Curso de Filosofia:

- Falta de base em conhecimentos filosóficos**
- Dificuldades de interpretar os textos filosóficos**
- Dificuldades nas disciplinas pedagógicas**
- Dificuldades na relação teoria e prática**
- Falta de incentivo dos/as professores/as formadores/as do Curso**
- Problemas financeiros**
- Horário de funcionamento do Curso/noturno**
- Outros, quais:** _____

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA PESQUISA

 <p>PROF-FILO</p>	<p>GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
--	---	---



ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA PESQUISA A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
 Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

ROTEIRO DESTINADO AOS/AS EGRESSOS/AS DO CURSO DE LICENCIATURA EM
 FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES DO SUBPROJETO DO
 PIBID FILOSOFIA 2010-2013

1. De que forma o PIBID contribuiu para melhoria de sua formação inicial?
2. Como você percebe o seu processo formativo na licenciatura em Filosofia (conteúdos específicos e pedagógicos, interações práticas, etc.), antes e depois de ter participado do PIBID?
3. Em que aspectos ter participado do PIBID contribuiu para sua atuação e desempenho profissional como docente?
4. A formação no PIBID contribuiu para sua atuação no estágio na disciplina de Filosofia no Ensino Médio? Se sim, como? Se não, justifique.
5. O PIBID contribuiu para a inovação de aulas? Se sim, como você utiliza ou utilizaria essa inovação na sua ação profissional? Caracterize.
6. Cite e caracterize algumas metodologias que foram inspiradas a partir da atuação no PIBID.
7. Com relação à valorização da docência, o PIBID conseguiu influenciá-lo a perceber essa ação de forma significativa? Justifique.
8. Quais os impactos do PIBID sobre sua experiência inicial e continuada como docente?

**APÊNDICE E – INSTRUMENTO PARA COLETA DE NARRATIVAS DE
AUTOBIOGRAFIAS**

 <p>PROF-FILO</p>	<p align="center">GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
--	--	---

INSTRUMENTO PARA COLETA DE NARRATIVAS DE AUTOBIOGRAFIAS DOS/AS
EGRESSOS/AS DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS
CAICÓ, EX-PARTICIPANTES DO SUBPROJETO DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013

**A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

Resgatar a história de vida nos remete a uma leitura do passado e do presente, recordando e refletindo os momentos significativos de nossas experiências. Nesse espaço solicito a você egresso/a a fazer uma viagem, no tempo passado e presente, narrando sua autobiografia, considerando sua vivência acadêmica dos primeiros momentos ao ingressar no curso de Licenciatura em Filosofia, como também a sua participação no PIBID e sua trajetória após o curso. Fique à vontade para falar do projeto, dos impactos, dificuldades e desafios pessoais e acadêmicos nessa trajetória.

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO N.01
ENTREVISTA COM O PROFESSOR PEDRO HENRIQUE

- Data: 11/08/2018
- Entrevista realizada com o professor Pedro Henrique, na Escola Teônia Anaral.
- **Sueny:** Bom dia professor Pedro Henrique. Hoje precisamente 11 de agosto de 2018, como nosso combinado, a realização da entrevista aqui na Escola Estadual Teônia Amaral. Essa pesquisa tem como título *A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA*, e como objetivo geral investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia, que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. E nós pensamos como benefício que essa conversa, que quero ter com você hoje, quero que seja mais uma conversa e que possa contribuir para a formação dos futuros docentes.. Então eu quero que você fique bem à vontade. Quero agradecer essa oportunidade, que você nos proporciona, somos parceiros há bastante tempo (risos) como pibidianos e agora nesse encontro com você como professor da rede estadual. E me diga uma coisa, você terminou o seu curso de licenciatura em qual ano?
- **Professor Pedro Henrique:** Bom dia professora é uma satisfação (risos), participar desse seu trabalho, dessa sua entrevista, que fui seu aluno, eu participei do PIBID, você foi minha supervisora, eu terminei a licenciatura em Filosofia no final de 2011, ao início de 2012.
- **Sueny:** E você fez sua graduação em qual universidade?
- **Professor Pedro Henrique:** Minha graduação foi na UERN, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.
- **Sueny:** E depois da graduação você já fez alguma pós-graduação?
- **Professor Pedro Henrique:** Sim, quando eu terminei em 2011 para 2012 a graduação, no ano seguinte em 2013, comecei o mestrado. O mestrado acadêmico na UFRN, e atualmente estou fazendo o doutorado também na UFRN.
- **Sueny:** Também em Filosofia o doutorado?
- **Professor Pedro Henrique:** Também em Filosofia.
- **Sueny:** Muito bem! E o período que você ficou no PIBID, você lembra o ano que você participou do PIBID?
- **Professor Pedro Henrique:** Lembro que entrei no PIBID se não me falha a memória em 2009, que foi a primeira turma, se não me falha a memória fiquei até 2011, fiquei dois anos no projeto, me acompanhou da metade do curso até o final.
- **Sueny:** E me diga uma coisa mesmo morando em Florânia você resolveu fazer o Curso de Filosofia na UERN em Caicó, e como você fazia, morava em Caicó ou viajava todos os dias?
- **Professor Pedro Henrique:** Eu de início pensei em ficar viajando todos os dias para assistir aula em Caicó, mas como o curso era à noite, no turno noturno e não havia transporte de Florânia à Caicó, e como eu não tinha família em Caicó, tive a oportunidade e a chance de morar na casa do estudante em Caicó, lá eu fiquei os quatro anos que fiz o Curso de Filosofia, na semana ficava em Caicó e voltava para casa nos finais de semanas.
- **Sueny:** Então nesse período que você estava na universidade você participou do PIBID e de outro projeto de pesquisa?
- **Professor Pedro Henrique:** Sim, participei de um projeto de pesquisa PIBIC, com o professor Marcos Von Zuben, inclusive ganhamos um prêmio de melhor projeto da área de Ciências Humanas numa mostra lá em Mossoró no Salão de Iniciação Científica da UERN. Participei também se não me engano de um projeto de pesquisa ou de extensão de leituras de um livro de *Ser e Tempo*, de Heidegger com o professor Dax e do PIBID, fui também monitor de algumas disciplinas, de Ética e Psicologia da Aprendizagem.
- **Sueny:** E nesse período que você ficou na UERN que dificuldade você poderia apresentar?

- **Professor Pedro Henrique:** Bom! No início, a primeira dificuldade foi por não morar em Caicó, outra dificuldade foram os textos filosóficos no início, porque eu tinha acabado de terminar o Ensino Médio, aí fiz o vestibular, passei na UERN, então tive uma dificuldade com isso, aos poucos fui vencendo com a ajuda do currículo da UERN, as Oficinas filosóficas, mas a principal dificuldade foi a leitura e o entendimento dos textos filosóficos.

- **Sueny:** De que forma o PIBID contribuiu para melhoria de sua formação inicial?

- **Professor Pedro Henrique:** O PIBID ele me ajudou demais, porque assim, os outros projetos que participei eram voltados mais para a pesquisa os outros projetos, voltados para análises de leituras de textos de filósofos, o PIBID veio em momento muito bom, porque ele me deu a chance de viver na escola, conhecer a realidade das escolas, conhecer de uma forma assim inovadora, de poder intervir e mudar, e transformar a realidade das aulas no Ensino Médio, a gente produzia material didáticos. Então eu vi que o PIBID me deu a oportunidade de não somente vê a realidade, mas de tentar transformar a realidade das aulas de Filosofia no Ensino Médio. Que no contexto quando eu comecei o curso de Filosofia, a gente ouvia muito a questão da Filosofia ser desvalorizada, no Ensino Médio os alunos não gostarem de Filosofia. Porque a gente encontrava muitas situações de escolas que não tinham professor de Filosofia e tal, quando a gente começou a debater as questões do PIBID na escola, na escola que a gente trabalhou, não era o caso da escola em que participei do projeto, na EECCAM, mas a gente debatia no cenário geral, então a gente viu que a Filosofia precisava, é que os professores de Filosofia precisavam repensar um pouco sobre o que estavam fazendo em sala de aula, produzir materiais, trazer a Filosofia para a realidade do aluno, e essas questões a gente não encontrava propriamente nas disciplinas do curso de Filosofia. O PIBID nos deu essa oportunidade, porque a gente fazia isso nos encontros do PIBID, debatia essas questões no cenário geral da Filosofia, o PIBID me fez conhecer a realidade do ensino de Filosofia no Ensino Médio e também de tentar ver que a Filosofia, que o professor de Filosofia não tem que viver somente de pesquisa, mas também tem que aliar a pesquisa à prática, a prática na escola.

- **Sueny:** Certo Pedro Henrique, essa sua fala contribui um pouco para o próximo questionamento. Como você percebe o processo formativo na licenciatura em Filosofia (conteúdos específicos e pedagógicos, interações práticas, etc.), antes e depois de ter participado do PIBID?

- **Professor Pedro Henrique:** Eu me vejo assim, o antes e o depois do PIBID, quando entrei no PIBID, eu acredito que estava começando os estágios supervisionados, só que além dos estágios, eu estava no PIBID, esse PIBID me fez fortalecer as atividades do estágio, eu acredito que nós que participamos do PIBID, tivemos uma oportunidade a mais, porque tínhamos mais tempo para pesquisa, mais tempo para ouvir nossos colegas, ouvir as supervisoras, para dar um apoio nas construções dos planos de aula, depois do PIBID minhas aulas ficaram mais dinâmicas, antes eu não tinha o olhar de trazer a Filosofia para o contexto de cada turma, que para cada turma precisava ter um olhar diferente, o PIBID me fez olhar diferente para as aulas de Filosofia.

- **Sueny:** E depois você terminou o curso, hoje é professor efetivo do Estado. Em que aspectos ter participado do PIBID contribuiu para sua atuação e desempenho profissional como docente? Quando você atua como docente o PIBID vem em sua mente? O que ele contribuiu para sua prática docente?

- **Professor Pedro Henrique:** Vem, toda vez que vou construir o plano de aula para o Ensino Médio, me vem o PIBID na cabeça, porque o PIBID me fez tornar as aulas de Filosofia, até no aspecto lúdico, trabalhar o lúdico na sala de aula, trazer referência da Filosofia, mas também de outras áreas, o PIBID me ajudou muito também na interdisciplinaridade. Acho que só o estágio não daria conta disso.

- **Sueny:** Na atuação como professor o PIBID tem essa contribuição. E em sua formação no Curso de Filosofia, o PIBID contribuiu para sua atuação no estágio na disciplina de Filosofia no Ensino Médio?
- **Professor Pedro Henrique:** Sim. Contribuiu muito, porque justamente quando eu estava fazendo os estágios, eu me lembro do último estágio que fiz, foi uma intervenção, uma oficina, eu vi um grande avanço da minha parte, porque eu consegui aliar o que vinha aprendendo no PIBID com o estágio. O último estágio que participei foi uma oficina com os alunos do Ensino Médio, e o PIBID foi uma grande contribuição para a construção dela, apesar de ser uma atividade de estágio.
- **Sueny:** O PIBID contribuiu para a inovação de aulas?
- **Professor Pedro Henrique:** Sim. Contribuiu.
- **Sueny:** Como você utiliza essa inovação na sua ação profissional?
- **Professor Pedro Henrique:** Utilizo. Utilizo muitas das inovações, muita coisa que aprendi no PIBID ainda guardo em umas pastas, ainda guardo tudo que a gente produzia, os planos de aulas que os colegas faziam, tenho guardado as produções em umas pastas e de vez em quando eu revisito essas aulas, os materiais didáticos que a gente produzia e coloco em minhas aulas, além de outros que vai surgindo, com outras ideias ao longo dos anos, fazemos mudanças e readaptamos esses materiais. O PIBID foi o pontapé inicial para exercer o lado criativo na docência.
- **Sueny:** Nós sabemos também professor Pedro Henrique que o senhor é um grande cordelista, um poeta e trabalha com cordel. Eu gostaria de saber se você já trabalhava com cordel nas aulas do PIBID e se essa atuação do cordel nas aulas do PIBID, se foi sua ou se foi construída no PIBID, como ela aconteceu?
- **Professor Pedro Henrique:** É. Foi assim, o cordel, quando iniciei, a verdade foi assim, eu comecei a escrever poesia antes de entrar na Filosofia, só que o cordel foi quando iniciei o curso de Filosofia, foi uma brincadeira, até que na Oficina de Atividade Filosófica, a professora Sueny que trabalhou com a gente na UERN, eu lembro que nós fizemos um cordel sobre Aristóteles, que era para ser utilizado na sala de aula. A partir dali comecei a ver no cordel uma possibilidade muito grande de utilizar na sala de aula, porque o cordel é feito de uma forma, a forma como ele é contado atrai muito os alunos, ainda utilizo, então até hoje utilizo e os alunos gostam muito na sala de aula.
- **Sueny:** Eu gostaria que você citasse algumas metodologias que foram inspiradas a partir da atuação no PIBID.
- **Professor Pedro Henrique:** Já teve metodologias que fiz depois do PIBID, mas teve inspiração no PIBID, a metodologia inspirada em filmes, na primeira série do Ensino Médio, vou citar uma delas, foi uma metodologia que eu vi que ia dar certo, a metodologia que utiliza o filme Matrix, peguei uma parte do filme, em que o autor faz a escolha da pílula da verdade e da mentira. Comprei umas balinhas mais doces e outras mais amargas. Fiz uma dinâmica com eles, fiz uma introdução sobre o que era a Filosofia, o que a Filosofia buscava. Depois pedi para os alunos escolherem entre a verdade e a mentira, eles não sabiam que onde estava escrita a palavra verdade a bala era doce e onde estava escrita a palavra mentira a bala era amarga, assim iniciamos a discussão indagando por que relacionar a bala amarga à mentira? Eles gostaram muito, apesar de ter sido feita depois do PIBID, mas eu sinto que essas minhas metodologias são inspiradas no PIBID, porque foi aí que começamos essas atividades.
- **Sueny:** Quais os impactos do PIBID sobre sua experiência inicial e continuada como docente?
- **Professor Pedro Henrique:** O impacto foi assim, um impacto positivo, muito bom, impactou, de que eu sei que a herança que o PIBID me deixou vou levar para minha carreira toda como professor, independente de atuar no Ensino Médio, na universidade, em qualquer nível que seja, eu sei que o impacto que o PIBID teve na minha formação, é algo que não posso mais me desfazer dele, vai ficar para a vida toda, porque até quando a gente dá aula em faculdade, às

vezes quando dou aula, por exemplo, em faculdades a gente ainda carrega um pouco disso, o impacto maior que o PIBID me deixou, e assim ele transformou em mim, foi de ficar inquieto diante das aulas monótonas, que a gente trabalhava muito isso com a professora Sueny, inclusive trabalhava muito isso com a gente, então esse aspecto, isso impactou muito, minha formação, o de não querer que as aulas seja algo, que elas não envolvam os alunos, que seja aulas que simplesmente que se trabalhe textos difíceis da Filosofia, então o maior impacto foi esse, impactou, na minha formação inicial, porque quando eu comecei minha formação foi assim e ainda até hoje acompanha minha formação.

- **Sueny:** Professor eu achei interessante uma vez que você comentou sobre questão que o PIBID tinha lhe deixado com as costas largas (Risos). Você pode falar sobre essa expressão?

- **Professor Pedro Henrique:** Isso, (Risos), essa expressão, porque é assim, a gente vai fazendo o Curso e pagando as disciplinas, e algumas disciplinas a gente não conhece muito bem o que vai ter pela frente, (Risos). Quando a gente começou no PIBID a gente meio que se antecipou sobre algumas coisas que vinham pela frente, quando fui fazer o estágio, o concurso para o Estado, muitas experiências já tinha vivido no PIBID. O PIBID me deixou com as “costas largas”, me deixou forte para realizar algumas coisas acho que outros que não tiveram a oportunidade, que não participaram no PIBID, eles não têm tanta as “costas largas”, como a gente que participou do PIBID, assim que terminei a graduação, passei no mestrado e fiz o concurso e passei e considero que o PIBID me ajudou bastante nesse processo.

- **Sueny:** Um questionamento vem agora em mente com relação ao PIBID. Você tem um diferencial em relação a muitos alunos, que já terminou mestrado, está no dourado. Você percebe alguma contribuição do PIBID para esse ponto de continuação da pesquisa, continuando sua formação acadêmica?

- **Professor Pedro Henrique:** Sim, eu vejo também que o PIBID, ele, porque sempre a gente falava, debatia sobre o PIBID em nossos encontros realizados, a gente falava que o professor não poderia, não jamais viver somente em dar aula, sem pesquisar, não pode viver somente de dar aula, e isso, mas, também, eu gosto muito de ensinar, mas também de pesquisar, e o PIBID me ajudou, quando fazíamos as atividades do PIBID, uma das coisas que fazíamos era pesquisa, fazíamos artigos para apresentar em eventos, sobre prática, a docência e realizávamos pesquisas. Isso me ajudou demais e nessa questão da pesquisa, que eu vi que tinha que continuar pesquisando.

- **Sueny:** Certo professor Pedro Henrique. Então eu quero lhe agradecer por ter participado da entrevista. Tem também outras etapas que a gente vai se encontrar para você contribuir outras informações. A partir dessas suas informações, a gente vai escutar essa gravação, fazer a transcrição e vai trabalhar nisso para a gente pensar sobre as metodologias para a aula de Filosofia no Ensino Médio. Muito obrigada pela sua participação.

- **Professor Pedro Henrique:** Eu que agradeço. É uma oportunidade boa poder falar desse projeto e ver que ele está sendo pesquisado, sendo objeto de estudo.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO N.02
ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANA MARIA

- Data: 16/08/2018
- Entrevista realizada com a professora Ana Maria, no Colégio Diocesano Seridoense.
- **Sueny:** Bom dia, bem continuando nossos trabalhos, nossa pesquisa, e entrevistando a professora Ana Maria no Colégio Diocesano Seridoense – CDS, a pesquisa intitulada *A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA*. Bem professora Ana Maria como nosso combinado fazer nossa entrevista, quero primeiramente agradecer sua contribuição por ter aceitado participar de nossa pesquisa, que tem como objetivo geral investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia, que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. Nossa entrevista está acontecendo dia 16 de agosto de 2018. Você terminou Filosofia em qual ano?
- **Professora Ana Maria:** 2014
- **Sueny:** Fez em qual universidade?
- **Professora Ana Maria:** Na UERN
- **Sueny:** Após a faculdade em 2014 você tem alguma pós ou está fazendo alguma?
- **Professora Ana Maria:** Sim, estou fazendo o Mestrado profissional PROF-FILO também na UERN.
- **Sueny:** Certo. E no período que você estava na graduação você participou de algum projeto de pesquisa?
- **Professora Ana Maria:** Sim, Participei de um projeto de pesquisa e também do PIBID, o PIBID eu lembro que foram três anos que participei e que foi fundamental para realmente eu saber se essa carreira de sala de aula era o que eu gostaria, porque a universidade oferece quatro estágios na minha época, o estágio supervisionado I, II III e IV, o estágio supervisionado I é mais para você conhecer a escola, o II foi para elaborar um projeto interdisciplinar, o III foi em sala de aula, agora que em dupla e o estágio IV era você sozinha dando aula com o professor lhe observando, mas para seguir a carreira da docência, sinceramente acho esses estágios pouco. Com a experiência do PIBID durante esses três anos foi que eu soube realmente de fato e ter toda essa preparação e todo esse jogo de cintura em sala de aula. Desde elaborar plano de aula, aplicar prova, distinguir quando um aluno realmente, por exemplo, fez uma atividade ou não faz, são fatos simples, porém, que no cotidiano do professor faz uma diferença grande. Então, assim foi de grande fruto enquanto eu estava inserida no PIBID. Além também das viagens científicas para apresentar trabalhos e o incentivo nessa parte de elaborar pesquisa, artigos e resumos, foi um grande avanço.
- **Sueny:** E o outro projeto de pesquisa que você disse que participou era sobre ensino também?
- **Professora Ana Maria:** O outro era sobre Filosofia antiga que foi até com o professor mestre José Eudo, sobre Epicuro, era Filosofia Antiga até porque minha monografia foi sobre Filosofia antiga.
- **Sueny:** Que dificuldades você aponta no curso de Filosofia, você encontrou dificuldades para acompanhar o curso de Filosofia?
- **Professora Ana Maria:** É a princípio eu fiz Filosofia porque na época meu namorado insistia muito, eu gostaria de optar por outro curso para não ficar parada, meu tempo não foi de ENEM, foi de vestibular mesmo, e eu lembro que em novembro era a UFRN e janeiro era na UERN, então eu não passei na UFRN no curso que eu gostaria, e optei por Filosofia. Eu disse: “vou passar um ano em Filosofia”, isso porque eu não conhecia, fiz por curiosidade e insistência dele. Até o segundo período eu não me identificava com o curso, tinha muita dificuldade principalmente em ler aqueles textos antigos mesmos, Os Clássicos, como, por exemplo, um

Clássico da Metafísica (Risos), só que no terceiro período eu fui me identificando, foi quando foram surgindo as disciplinas pedagógicas e eu fui começando a despertar, e pensando: “eu estou fazendo um curso de Licenciatura em Filosofia, então quando eu sair daqui vou ser professora de Filosofia”, então começou mesmo um amor pela disciplina, aquelas dificuldades foram se encaixando e fui tendo um encontro realmente com aquilo que eu queria: ser professora! (Barulho de sirene de toque na escola).

- **Sueny:** Então você participou de grupo de pesquisa específica e de ensino. De que forma o PIBID contribuiu para sua formação inicial?

- **Professora Ana Maria:** Vixe, em tudo, praticamente! Primeiro os passos de como elaborar um plano de aula, nós vimos na parte da didática também a sala de aula, só que uma coisa é você vê a teoria, outra coisa é quando você faz aquele plano que vai dar aula, e sai diferente, está com o plano feito, aí sai algo inesperado! Então, a partir daí começamos a lidar com o plano A, B, C e D. E tudo em sala de aula, o jeito do aluno, a questão do respeito, inicialmente o desespero. (Risos). É outra realidade, como eu falei, tem os estágios? Tem, mas só que você passar de dois meses de estágios para três anos de PIBID é outra realidade, é outra experiência! E toda semana você está ali com aquele aluno. O aluno te chamar de professora, para quem é estudante. Ave Maria! Eu me achava demais! Quando o aluno dizia: Professora! Vixe! Eu sendo chamada de professora sem nem terminar a Licenciatura. Vixe, eu me achava no patamar, passei uma experiência maravilhosa.

- **Sueny:** Então tem como você descrever no Curso de Filosofia o antes e depois que você participou do PIBID?

- **Professora Ana Maria:** Tem sim, demais, antes do PIBID, a minha preocupação, pronto, era terminar as cadeiras, pagar, passar por média, aí tem aquela parte da didática em si, dos estágios, o que a gente vê muito no curso é aquela Filosofia Antiga, a Filosofia Clássica, sendo que é um Curso de Licenciatura, então a parte da didática em si, de estar em sala de aula é fundamental, porque, para não sair um profissional frustrado. Temos que ler os Clássicos? Sim. Só que ter os Clássicos na cabeça, porém relacionando com os dias de hoje, com as metodologias dos dias de hoje. Enquanto o PIBID, por exemplo, lembro que eu dei uma aula sobre o amor em Platão, que ministramos uma oficina e foi muito interessante, ou seja, algo Clássico Antigo que foi envolvido no dia-dia deles, é muito gratificante essa metodologia, já que é Licenciatura, um curso de leitura, mas nós temos que ter um leque de possibilidades para introduzir em sala de aula, porque o aluno pega um texto antigo, um texto de Sócrates, e pode dizer: ‘mas isso é muito antigo!’ Então podemos perguntar como trazer um texto de Sócrates para realidade deles, de hoje? Como despertar o interesse? Quais metodologias que eu posso utilizar? Então isso no grupo do PIBID, o grupo sentava toda semana para planejamento de aula, depois a gente lia o planejamento dos outros e os outros também ajudavam. Dizia: Que tal colocar isso? Tire isso? Depois aplicava em sala de aula. Tinha aulas que davam certo e outras que não davam, e aquelas que não davam certo a gente ficava se questionando: O que deu errado? Em turma A deu certo, por que na turma B não deu? Então foi assim um grande aprendizado, como é que eu posso dizer, não sei nem definir direito essa importância, mas foi uma alavanca em relação ao profissionalismo, até mesmo em questão de currículo, quando eu colocava o currículo para conseguir trabalho, quando dizia nas escolas que participei do PIBID, até quando eu estava no PIBID era convidada para ajudar aos professores em sala de aula, em outras instituições, eu recebia o convite.

- **Sueny:** Então em quais aspectos ter participado do PIBID contribuiu para a sua atuação em sala de aula?

- **Professora Ana Maria:** A postura em sala de aula é saber ouvir o aluno, a preparação da avaliação, como avaliar meu aluno, e principalmente quando chega em sala, aluno assim do Ensino Médio. Eu lembro que teve uma turma do PIBID que era fora da faixa etária, e principalmente se o aluno gosta ou não, que muitos nunca viram a Filosofia, aí ficava naquela

“o aluno não gosta de Filosofia.” Aí o que vou fazer? Como conquistar o aluno? Então, foi passo a passo dentro dessas metodologias vivenciadas no PIBID: sentar, ver tema, o que está adequado com aquela turma? Qual o filme da moda? Será que podemos tirar algum trecho ou colocar? O que podemos fazer de diferente para envolver a Filosofia para que eles tomem gosto pelo menos da curiosidade do que é a Filosofia? Já que ela só é estabelecida a partir do Ensino Médio?

- **Sueny:** E quando você participou do PIBID você já havia pago as disciplinas de Estágio?

- **Professora Ana Maria:** Quando participei do PIBID eu tinha pago os estágios I e II, e foi muito interessante, porque o estágio III foi em dupla, os alunos viram essa diferença de realidade, de postura em sala de aula. Foi muito interessante, o aluno que não era do PIBID, eles tinham mais confiança em quem era do projeto, eles diziam: “Não, eu gosto mais da professora Ana porque ela sabe dar aula, a outra não sabe.” Isso era a resposta dele. Eu dizia: “Não, eu ainda não sou professora, ainda estou no Curso.” Eles diziam: “Mas, a senhora é do PIBID e toda semana está aqui conosco, já sabe de nossa realidade.” Então, assim, veja que até mesmo na questão da desenvoltura na sala de aula tinha essa diferença com quem era do PIBID.

- **Sueny:** Então você percebe que o PIBID contribuiu para sua atuação no Estágio?

- **Professora Ana Maria:** Com certeza e muito. Até quando foi para digitar os relatórios, foi algo mais *light*, mais descomplicado, eu já sabia da estrutura, elaboração de plano eu estava mais segura.

- **Sueny:** E o PIBID contribuiu para a inovação das suas aulas, agora como docente você se inspira no PIBID para as suas aulas?

- **Professora Ana Maria:** Muito, tenho guardado todos os planos de aula do PIBID, porque na época em que estava no PIBID produzimos um projeto e fizemos textos, planos de aulas, metodologias, muita coisa eu utilizo sim do PIBID, muitas coisas mesmo, como um pergaminho, um jogo da memória que fizemos com os pré-socráticos, já utilizei em sala de aula, muitas, muitas coisas, dá para aproveitar tudo.

- **Sueny:** Tem uma metodologia que você se inspira a partir da experiência no PIBID?

- **Professora Ana Maria:** Eu gosto muito da oficina de Sílvio Gallo e é uma grande inspiração, atualmente Gallo e um autor que estou também trabalhando no mestrado que é Walter Kohan. Então esses dois são minha grande inspiração.

- **Sueny:** Existem muitos debates que discutem a valorização da docência, com relação essa valorização o PIBID conseguiu influenciá-la a perceber essa ação de forma significativa?

- **Professora Ana Maria:** Com certeza, porque uma coisa é você ser aluna da Licenciatura, você está estudando a prática teórica e vai às escolas cumprir a parte dos estágios, e outra coisa é você ser aluno da Licenciatura e estar lá todos os dias trabalhando com o professor, e você vai vendo a importância da docência em si, e como infelizmente o governo investe tão pouco em algo tão lucrativo, lucrativo intelectual e financeiramente porque aquele aluno que é beneficiado, no futuro ele vai dar retorno ao governo. Está certo é de suma importância esse projeto, para mim algo muito rico.

- **Sueny:** Então Ana Maria que impactos você poderia nos dizer que o PIBID deixou para você?

- **Professora Ana Maria:** É primeiramente impacto como professora, a questão de valorizar mais a docência a partir da Licenciatura em si, acredito que é um projeto muito rico, que se fosse possível aumentasse o número de bolsas que na minha época eram dez, tem essa questão do limite de bolsas, e assim toda pessoa que está na área da Licenciatura deveria passar por essa experiência, por esse projeto porque é realmente onde se identifica o ser docente. Quantas pessoas a universidade forma com o título de Licenciatura e em sala de aula ela não serve realmente ao que promete. Então esse projeto sim, lhe dá essa força, esse suporte, esse sustento. Podemos pensar: “Ah, eu quero ser professora”, então eu vou passar por todos esses passos aqui, o cotidiano com o aluno, com o professor, a minha disciplina é Filosofia, eu tenho que

passar por isso, vou ter que elaborar isso, ter um aspecto diferenciado para isso, para material didático, plano de aula, prova, trabalho tudo.

- **Sueny:** E você dá continuidade a sua formação, já está no mestrado. Você atribui essa continuidade ao PIBID?

- **Professora Ana Maria:** Com certeza, comecei a ter esse gosto pelo papel da Licenciatura, já que eu vou ser professora de Filosofia então o que posso fazer para inovar minhas aulas, para não ficar algo tão chato, tão cansativo? Então começou esse gosto a partir dali da Licenciatura, do projeto PIBID, quando terminei, sempre ficava procurando algo, quando vi o Edital do Mestrado PRO-FILO pensei: “Ah! É mestrado profissional, então vai trabalhar na área da educação na sala de aula”, então foi o que me instigou também a fazer.



- **Sueny:** Você trabalha com Filosofia em quais níveis de ensino?

- **Professora Ana Maria:** Eu já trabalhei do quinto ano do Fundamental I até a terceira série do Ensino Médio, já dei aula também para os alunos do cursinho e atualmente estou com a coordenação pedagógica do cursinho, e estou atuando com os alunos no sexto ano do Fundamental II ao oitavo ano, porque tem também a carga horária da coordenação e não pode ter mais turmas porque não ia dar conta. (Risos).

-**Sueny:** Então Ana Maria, na nossa próxima etapa eu vou deixar com você, fique bem à vontade, para você fazer um resgate autobiográfico, nele você pode escrever sua trajetória partindo do seu encontro com a Filosofia. Depois marcamos um encontro para você entregar essa autobiografia. Quero agradecer sua participação em nossa pesquisa que muito fortalece nosso trabalho.

- **Professora Ana Maria:** Eu que agradeço Sueny, a aceitar uma pesquisa, com um tema tão importante, vamos dizer assim, já que está tendo toda essa questão do governo, com tantas mudanças na área da educação, essas perdas desses projetos que são tão importantes na área da Licenciatura em si, então assim, é fundamental a importância, é rico para vê que graças a um projeto simples para muitos, mas em compensação é enriquecedor para outros, se estou continuando na minha área de estudo foi graças a um simples projeto desses, que agora estão tentando tirar.

**APÊNDICE H – ENTREVISTA ESCRITA D E
PEDRO HENRIQUE**

	<p align="center">GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
---	--	---

**INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA
A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

**QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS (ÀS) EGRESSOS (AS) DO CURSO DE
LICENCIATURA EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES
DO SUBPROJETO DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013**

Solicito sua colaboração no sentido de responder ao presente questionário que tem como objetivo caracterizar os sujeitos que participarão da pesquisa de dissertação de mestrado. A mesma se propõe investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o como *fazer* no ensino de Filosofia, que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. As informações obtidas poderão ser usadas em futuras publicações, porém, garantido o absoluto anonimato quanto às respostas. A sua opinião é fundamental para o sucesso deste trabalho. Dessa forma, responder o questionário com atenção é de suma importância para nossa pesquisa.

1. Nome: Pedro Henrique Araújo	
2. Idade: 27	3. Sexo: (x) Masculino () Feminino
4. Estado civil: () Solteiro (x) Casado () Outro	
5. Ano de ingresso no Curso de Licenciatura em Filosofia: 2008	
6. Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia: 2011	
7. Após a Licenciatura em Filosofia, cursou ou está cursando alguma pós-graduação? (Se sim, qual e em qual instituição?).	
Sim. Doutorado em Filosofia na UFRN	
7. Período de sua participação no PIBID: 2009-2010	



8. Qual (ais) o(s) motivo (s) o levou (aram) a escolher o Curso de Licenciatura em Filosofia:

- Aptidão pela docência
- Baixa concorrência
- Oportunidades no mercado de trabalho
- Interesse pelo curso específico de Filosofia
- Outros, quais: _____

9. Participou de outros programas, projetos de pesquisa, extensão? Se sim, quais?
Particpei do PIBIC, analisando os principais livros didáticos de Filosofia do Ensino Médio brasileiro e do projeto de extensão Leituras de Ser e Tempo. Também particpei do programa de monitoria nas disciplinas Ética e Psicologia da Aprendizagem.

10. Quais foram suas principais dificuldades no Curso de Filosofia:

- Falta de base em conhecimentos filosóficos
- Dificuldades de interpretar os textos filosóficos
- Dificuldades nas disciplinas pedagógicas
- Dificuldades na relação teoria e prática
- Falta de incentivo dos (as) professores (as) formadores (as) do Curso
- Problemas financeiros
- Horário de funcionamento do Curso/noturno
- Outros, quais: _____

 <p>PROF-FILO</p>	<p>GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
--	---	---

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA PESQUISA
A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito

Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

ROTEIRO DESTINADO AOS (AS) EGRESSOS (AS) DO CURSO DE LICENCIATURA
EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES DO SUBPROJETO
DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013

1. De que forma o PIBID contribuiu para melhoria de sua formação inicial?

O PIBID me deu a oportunidade de ter um começo na atividade docente muito rico em termos de experiência, em que nós (os integrantes do projeto) tivemos a oportunidade de debater textos sobre as formas de avaliação, o aperfeiçoamento na atividade docente e também nos deu a oportunidade, através de um apoio financeiro, de comprar livros e entender que o professor tem que estar sempre pesquisando e lendo para mostrar ao educando que o mundo está sempre se modificando e com ele também, e principalmente, o conhecimento que temos dele.

2. Como você percebe o seu processo formativo na licenciatura em Filosofia (conteúdos específicos e pedagógicos, interações práticas, etc.), antes e depois de ter participado do PIBID?

O PIBID foi um divisor de águas para a minha licenciatura em Filosofia, isso porque a partir dele eu e todos os outros participantes começamos a estabelecer uma relação muito mais próxima entre a pesquisa e a atividade docente. Perceber isso e aproximar pesquisa e docência facilitou e ampliou as nossas possibilidades de estar sempre trazendo algo novo para a sala de aula. O PIBID me proporcionou vivenciar e discutir a prática docente, me possibilitou saber enfrentar os desafios pedagógicos e humanos no ambiente escolar de forma segura, através dos estudos e dos autores estudados durante o projeto.

3. Em que aspectos ter participado do PIBID contribuiu para sua atuação e desempenho profissional como docente?

O PIBID contribuiu de forma significativa e maravilhosa no meu desempenho profissional hoje, isso porque todos os problemas que nos deparamos em sala de aula, como: a dificuldade dos alunos em relação aos textos filosóficos, o tempo da aula de Filosofia de uma aula por semana, como pensar as metodologias que deveríamos usar nas aulas, me fez refletir, junto com o grupo quando estávamos no projeto, sabendo nós que esses problemas estariam presentes em nosso cotidiano na vida profissional e escolar. Diante disso, hoje eu acredito que tenho as bases teóricas para enfrentar essas situações graças ao PIBID.

4. A formação no PIBID contribuiu para sua atuação no estágio na disciplina de Filosofia no Ensino Médio? Se sim, como? Se não, justifique.

Sim, contribuiu bastante para o estágio, pois elaboramos planos de aula de forma coletiva, socializando os problemas e recebendo dicas de colegas e a orientação necessária da nossa supervisora Sueny Nóbrega, isso nos deixou seguro para ter sucesso durante todo o estágio. Sempre visando relacionar teoria e prática para trabalhar os conteúdos em sala de aula e dinamizar o ensino de Filosofia no Ensino Médio, através da criação e desenvolvimento de materiais pedagógicos coerentes com a proposta.

5. O PIBID contribuiu para a inovação de aulas? Se sim, como você utiliza ou utilizaria essa inovação na sua ação profissional? Caracterize.

Sim, até hoje, já estou ensinando Filosofia há mais de dois anos, sempre utilizo alguma metodologia, alguma estratégia ou algum material didático que foi fruto da nossa atuação no PIBID. Muitos desses materiais e metodologias são inovadores, pois foram pensados por todos os integrantes do PIBID.

6. Cite e caracterize algumas metodologias que foram inspiradas a partir da atuação no PIBID.



O PIBID pode nos proporcionar a criação de jogos, caracterizados pela função lúdica e didática, para serem utilizados em sala de aula, a utilização de músicas, de filmes que possibilitavam dialogar a arte com a Filosofia de maneira bem dinâmica, levando a Filosofia para dentro do mundo dos jovens.

7. Com relação à valorização da docência, o PIBID conseguiu influenciá-lo a perceber essa ação de forma significativa? Justifique.

O que posso dizer é que o PIBID conseguiu me impelir para que eu não desistisse de algo que eu sabia que era o que eu queria, no caso, ser professor. É claro que o próprio programa tem

como objetivo estimular os licenciandos a serem professores. No meu caso, o PIBID me fortaleceu para encarar os desafios da profissão.

8. Quais os impactos do PIBID sobre sua experiência inicial e continuada como docente? Os impactos foram se mostrando a partir do momento em que comecei realmente a exercer a carreira, como professor de Filosofia no Ensino Médio. Aí sim eu percebi o quanto o PIBID foi impactante e o quanto ele me deixou com “as costas largas” para peitar e enfrentar os problemas e gozar dos benefícios que ele me trouxe, me traz e ainda me trará no futuro.

 <p>PROF-FILO</p>	<p>GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
--	---	---

INSTRUMENTO PARA COLETA DE NARRATIVAS DE AUTOBIOGRAFIAS DOS/AS EGRESSOS/AS DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES DO SUBPROJETO DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013

**A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
 NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
 Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

Resgatar a história de vida nos remete a uma leitura do passado e do presente, recordando e refletindo os momentos significativos de nossas experiências. Nesse espaço solicito a você egresso/a a fazer uma viagem, no tempo passado e presente, narrando sua autobiografia, considerando sua vivência acadêmica dos primeiros momentos ao ingressar no curso de Licenciatura em Filosofia, como também a sua participação no PIBID e sua trajetória após o curso. Fique à vontade para falar do projeto, dos impactos, dificuldades e desafios pessoais e acadêmicos nessa trajetória.

Bem, minha trajetória no curso de Filosofia da UERN começou em 2008, mais especificamente no mês de maio. No início, como em qualquer coisa na vida, ouvi muitos zumbidos de pessoas niilistas, moscas de mercado, que, pensando estar alertando os calouros do Curso de Filosofia, desencorajavam os alunos que chegavam naquele curso antes mesmo de experimentarem o gosto amargo, no início, porém, doce e feliz para a toda a vida. Eu sei que experimentei a amargura e sei que soube esperar até o mel se tornar doce, porque no início eu fui metralhado por opiniões vazias de pessoas que pensam saber muito sobre os caminhos da vida, mas que na verdade quase nada sabem da vontade que está presente dentro de cada pessoa. Saí da minha cidade com 17 anos para morar na Casa de Estudantes de Caicó, um ambiente hostil para mim que sempre fui criado aos cuidados da minha amada mãe, confesso que, disso nunca esquecerei, na primeira semana que cheguei a essa casa de estudantes pensei em muitos momentos em voltar para o meu aconchego e desistir do Curso de Filosofia. Ainda bem que eu só pensei, mas não desisti e assim comecei a estudar Filosofia na UERN, com muitas

dificuldades em termos de compreensão de textos e também na escrita, consegui terminar o primeiro semestre, sem reprovação em nenhuma das cinco disciplinas que me matriculei.

As dificuldades não eram poucas, porque além das dificuldades encontradas dentro da faculdade eu ainda tinha que derrubar as dificuldades financeiras e emotivas que estavam sempre tentando me colocar no chão. Passando por cima das dificuldades e sempre atento às oportunidades, no terceiro semestre consegui ganhar uma bolsa porque passei em uma seleção para monitor da disciplina de Ética, que era ministrada pelo professor Marcos de Camargo Von Zuben. Essa bolsa era o que eu estava esperando para melhorar minha situação financeira e para eu poder investir mais nos meus estudos. Eis que as dificuldades não cessaram, porque a bolsa atrasava e sempre só saía no fim do semestre, dessa forma não podia contar com aquele dinheiro, pois nunca sabia quando ele sairia. Mesmo assim continuei, até porque eu não estava sendo monitor somente pelo dinheiro, aquela chance era também a oportunidade para que eu começasse a construir o meu currículo acadêmico. No semestre seguinte consegui mais uma vez a monitoria na disciplina de Psicologia da Aprendizagem com a professora Roberta Luna, nesse momento as minhas dificuldades em termos de compreensão de texto e escrita já tinham diminuído bastante, pois o exercício de leitura e a prática de escrever artigos já era uma rotina para mim. Eu já não pensava mais em desistir do curso, tinha outros objetivos, o principal deles era procurar aproveitar todas as oportunidades possíveis para que meu curso fosse o bastante, para fazer a diferença na minha vida profissional e pessoal.



Foi aí que, no quinto semestre, surgiu o programa PIBID, uma oportunidade única e indispensável para a minha carreira como professor de Filosofia. Dez bolsas foram ofertadas e eu consegui passar na seleção e ingressei nesse programa, além de ser uma grande chance de aprender mais ainda sobre a prática docente e sobre a importância da pesquisa, o programa ainda dava uma bolsa que era maior do que a bolsa de monitoria. Essa foi a chance que eu estava esperando para poder investir mais ainda na minha formação. Nessa época um amigo meu chamado Arthur, também do Curso de Filosofia, me ofereceu um trabalho em um posto de combustíveis, para que eu trabalhasse oito horas diárias ganhando quase um salário mínimo. Eu abri mão desse emprego para poder ficar com a bolsa do PIBID, pois eu sabia que isso faria a diferença em minha vida. Com o PIBID eu poderia me dedicar aos meus estudos e ainda estaria ganhando uma bolsa para comprar livros e participar de congressos. O programa proporcionou uma experiência muito rica em termos de estudos e planejamentos coletivos para execução do estágio supervisionado. O PIBID me fez participar mais ainda de eventos no Rio Grande do Norte e em outros estados do nosso país, me fez conhecer estudantes que também

participavam do PIBID no Rio Grande do Sul, quando participei do I Congresso Brasileiro do Ensino de Filosofia em Salvador-BA.

Quando eu já estava no fim da minha licenciatura ainda utilizei a bolsa do PIBID para custear as minhas viagens a Natal, isso porque me matriculei em uma disciplina como aluno especial no PPGFIL- UFRN, Programa de Pós Graduação em Filosofia. Esse investimento foi decisivo para, um ano mais tarde, após terminar a minha Licenciatura eu pudesse ingressar no mestrado em Filosofia da UFRN e para que também passasse no concurso público para professores do Estado do RN. Todas essas conquistas não podem ser dissociadas da minha luta e do apoio que eu tive, a partir do momento em que ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

O PIBID foi um divisor de águas para a minha Licenciatura em Filosofia e para a minha vida. Esse programa me deu oportunidades que eu não esperava que fosse encontrar na universidade. Hoje estou cursando o doutorado e sei que a minha bagagem acadêmica em grande medida se deve ao PIBID e a todos aqueles que acreditaram em mim, como os professores: Marcos Von Zuben, José Francisco das Chagas, Galileu Galilei, Dax Moraes Fonseca, Sueny Nóbrega, Maria Reilta Dantas, Benjamim Julião, José Eudo e o professor Lindoaldo Campos.

APÊNDICE I – ENTREVISTA ESCRITA DE ANA MARIA

 PROF-FILO	GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ	 LIBER VI SPINTUS
--	--	---

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS (ÀS) EGRESSOS (AS) DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES DO SUBPROJETO DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013

Solicito sua colaboração no sentido de responder ao presente questionário que tem como objetivo caracterizar os sujeitos que participarão da pesquisa de dissertação de mestrado. A mesma se propõe investigar a experiência do Subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a construção de metodologias a pensar sobre o *como fazer* no ensino de Filosofia que contribua para a relação/desejo de filosofar dos/as estudantes. As informações obtidas poderão ser usadas em futuras publicações, porém, garantido o absoluto anonimato quanto às respostas. A sua opinião é fundamental para o sucesso deste trabalho. Dessa forma, responder o questionário com atenção é de suma importância para nossa pesquisa.

1. Nome: Ana Maria	
2. Idade: 28 anos	3. Sexo: () Masculino (x) Feminino
4. Estado civil: () Solteiro (x) Casado () Outro	
5. Ano de ingresso no Curso de Licenciatura em Filosofia: 2008.1	
6. Ano de conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia: 2014	
7. Após a Licenciatura em Filosofia, cursou ou está cursando alguma pós-graduação? (Se sim, qual e em qual instituição?). Sim. Mestrado UERN	
7. Período de sua participação no PIBID: 2010 á 2013	

8. Qual (ais) o(s) motivo (s) o levou (aram) a escolher o Curso de Licenciatura em Filosofia:

Aptidão pela docência

Baixa concorrência

Oportunidades no mercado de trabalho

Interesse pelo curso específico de filosofia

Outros, quais: Na época meu namorado que é meu esposo estava cursando Filosofia e falava muito do curso a ponto de achar cansativo os diálogos. Passei um período estudando para outro curso e resolvi optar pela Filosofia perante a insistência dele em realizar o vestibular na época. O mesmo falava que tinha aptidão para a licenciatura. No início da graduação, sentia muita dificuldade e não me identificava. Já no 3º período, fiquei envolvida com a Filosofia e comecei a ficar encantada e hoje sou “casada” com a Filosofia! Não me imagino em outra função a não ser a docência.

9. Participou de outros programas, projetos de pesquisa, extensão? Se sim, quais?
Sim o PIBID- foi de suma importância para minha docência e Projeto de pesquisa e Extensão no próprio campus-UERN/Caicó.

10. Quais foram suas principais dificuldades no Curso de Filosofia:

Falta de base em conhecimentos filosóficos

Dificuldades de interpretar os textos filosóficos

Dificuldades nas disciplinas pedagógicas



Dificuldades na relação teoria e prática

Falta de incentivo dos (as) professores (as) formadores (as) do Curso

Problemas financeiros

Horário de funcionamento do Curso/noturno

Outros, quais: _____

 <p>PROF-FILO</p>	<p>GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
--	---	---

**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA PESQUISA
A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

**ROTEIRO DESTINADO AOS (AS) EGRESSOS (AS) DO CURSO DE LICENCIATURA
EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES DO SUBPROJETO
DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013**

1. De que forma o PIBID contribuiu para melhoria de sua formação inicial?
Em todos os aspectos POSITIVOS! Em elaborar, pesquisar, estruturar planos de aula, participação e atuação com alunos do Ensino Médio, juntamente com a professora da rede acompanhando e orientando, reuniões semanais com o grupo, troca de experiência e convívio em sala de aula, despertar para a graduação ao estar no PIBID e acompanhando de perto a realidade de professor/aluno em sala de aula, é um preparo fundamental para saber se realmente o aluno de graduação está apto a ser licenciado para aquela área. A Universidade compreende seu currículo 4 (quatro) estágios supervisionados, mas em minha concepção acredito ser pouco para que o aluno de graduação conheça a realidade do ensino. Como foi na experiência do PIBID que encontrei esse suporte adicional.

1. Como você percebe o seu processo formativo na licenciatura em Filosofia (conteúdos específicos e pedagógicos, interações práticas, etc.), antes e depois de ter participado do PIBID?

Confesso que o PIBID foi um grande laboratório de experiência, realmente senti na pele todas as nuances que perpassa o docente em elaborar textos, planos de aulas, provas, relatórios e principalmente participação em eventos acadêmicos.

2. Em que aspectos ter participado do PIBID contribuiu para sua atuação e desempenho profissional como docente?

Em todos os aspectos principalmente em saber olhar o aluno em sala de aula com mais atenção. Como discente ficava observando diversas situações em sala de aula e principalmente àquele aluno que o professor taxa de ‘bagunceiro’. Dentro das experiências do PIBID podemos atuar com esses alunos e através de um olhar diferenciado, conseguimos trabalhar com os mesmos de forma didática, pedagógica, filosófica e inovadora obtendo êxito total. (lembrei da turma da noite da EECCAM que trabalhei com a bolsista Allany).

3. A formação no PIBID contribuiu para sua atuação no estágio na disciplina de Filosofia no Ensino Médio? Se sim, como? Se não, justifique.

Demais! Como já tinha influência do PIBID o Estágio foi tranquilo e os alunos percebiam a diferença entre os discentes participantes do PIBID e aqueles que não participavam em relação a critérios como: desenvoltura em sala, desempenho, etc.

4. O PIBID contribuiu para a inovação de aulas? Se sim, como você utiliza ou utilizaria essa inovação na sua ação profissional? Caracterize.

Sim! Principalmente nas estratégias e elaboração das aulas como: confecção de material didático para as aulas de Filosofia, exemplos de alguns confeccionados:

Pergaminho filosófico, jogo da memória dos pré-socráticos, perguntas de verdadeiro ou falso, jogo das imagens (eram fotografias de mitos populares para os alunos argumentarem o senso comum a partir da perspectiva deles) etc.



5. Cite e caracterize algumas metodologias que foram inspiradas a partir da atuação no PIBID?

Utilização de júri simulado, pesquisa de campo, debates, diálogos. Etc.

6. Com relação à valorização da docência, o PIBID conseguiu influenciá-lo a perceber essa ação de forma significativa? Justifique.

Sim. Dentro das experiências do PIBID podemos atuar com esses alunos e através de um olhar diferenciado, realmente senti na pele todas as nuances que perpassa o docente.

7. Quais os impactos do PIBID sobre sua experiência inicial e continuada como docente? Uma estrutura em sala de aula, organização e continuar pesquisando e atuando como crescimento profissional.

 <p>PROF-FILO</p>	<p>GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO CAMPUS CAICÓ</p>	
--	---	---

INSTRUMENTO PARA COLETA DE NARRATIVAS DE AUTOBIOGRAFIAS DOS/AS EGRESSOS/AS DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA DA UERN-CAMPUS CAICÓ, EX-PARTICIPANTES DO SUBPROJETO DO PIBID FILOSOFIA 2010-2013

**A EXPERIÊNCIA DO PIBID-FILOSOFIA CAICÓ-RN
 NA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Mestranda: Sueny Nóbrega Soares de Brito
 Orientadora: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

Resgatar a história de vida nos remete a uma leitura do passado e do presente, recordando e refletindo os momentos significativos de nossas experiências. Nesse espaço solicito a você egresso/a a fazer uma viagem, no tempo passado e presente, narrando sua autobiografia, considerando sua vivência acadêmica dos primeiros momentos ao ingressar no curso de Licenciatura em Filosofia, como também a sua participação no PIBID e sua trajetória após o curso. Fique à vontade para falar do projeto, dos impactos, dificuldades e desafios pessoais e acadêmicos nessa trajetória.

Olá! Sou Ana Maria, tenho 28 anos, resido em Caicó/ RN, sou casada, tenho duas filhas especiais e um esposo também filósofo.

Adentrei no curso de Filosofia em 2008.2, tinha completado o Ensino Médio em dezembro de 2017. Fiz por curiosidade e insistência do meu esposo, na época namorado e cursava licenciatura em Filosofia. Pretendia cursar graduação em: História ou Pedagogia.

Conheci a Filosofia na 3ª série do Ensino Médio com o professor Galileu. O mesmo passou pouco período, lembro que ensinava Mitologia Grega, adorava! Mas a maioria dos alunos gaseavam e diziam que a disciplina era ‘estranha’, e minhas colegas até brincavam dizendo que: ‘Filosofia dá para Ana Maria, porque ela ler muito e gosta de fazer perguntas estranhas...’, em seguida veio o professor Moacyr, nossa! Lembro que a temática trabalhada foi liberdade. Também passou pouco tempo, acredito que um mês e novamente a troca de professor, minha turma era muito bagunceira, mas com alunos estudiosos. Nessa época estudava no antigo CEJA, era bolsista do Ensino Médio e duas vezes na semana frequentava o

UFRN no Laboratório de História. Trabalhávamos com inventários, nossa função catalogar. Em minha turma foram 5 (cinco) alunos os melhores por nota.

Após Moacyr veio a professora Janne Mag, era o máximo e a turma começou a interagir com a disciplina.

Fiz alguns vestibulares, mas por falta de recursos financeiros não pude cursar. Minha família não tinha condições.

Passei em Nutrição, História e Pedagogia. Lembro que chorei muito por não cursar História e perguntei indignada a Deus por que ele estava fazendo isso comigo? Por que gostava de interferir no destino das pessoas? Você deu o livre- arbítrio? Então pare de interferir no meu destino! Isso muito revoltada, pois sempre fui dedicada a grupos de jovens da Igreja, catequista, essas coisas... Até que por muita insistência do meu esposo, prestei o vestibular para Filosofia e passei!

A universidade é uma experiência nova, tive muitas dificuldades com as leituras, textos clássicos e não me identificava com o curso. Mas no terceiro período me encantei! Fui bolsista do PIBID durante 3 (três) anos, foi um laboratório de aprendizado e estrutura para atuar futuramente em sala de aula.

Minha professora supervisora foi Sueny, que me apresentou singelamente Silvio Gallo, que foi sumamente importante para minha formação, além de Renata Aspis e outros filósofos atuantes na área da educação.

O PIBID foi algo maravilhoso! Experiência que realmente pude perceber se era a licenciatura que queria como profissão. Planejar aula, provas, trabalhos e colocar em prática, convivência dos alunos rotineiramente... tudo isso influenciou na vida acadêmica, passamos por Estágios supervisionados e Oficinas de Atividades Filosóficas, trabalhávamos métodos, planos de aula e executávamos na turma. Os alunos percebiam a desenvoltura dos licenciandos bolsistas, os pibidianos, o desenvolvimento em sala de aula e a segurança dos bolsistas ficavam evidentes.

Outro fator positivo foram as apresentações de trabalhos acadêmicos em eventos que os bolsistas, além da prática rotineira de sala de aula com o professor supervisor, também tinha a parte do estudo teórico para enaltecer ainda mais os saberes da prática do projeto.

As dificuldades foram: olhar para o novo, o medo de atuar/apresentar atividades em eventos. Que com o passar dos tempos virou rotina dos pibidianos. Durante minha saga como aluna universitária passei por dois períodos maravilhosos, mas muito conturbados, que foram duas gravidezes. Nossa! Lembro que tive que desconstruir e construir uma rotina de estudos, amamentava na hora do intervalo e retornava para assistir aula, deixava as meninas com

parentes e viajava com ‘o coração apertado’, mas sabia que era necessário para minha formação e que lá na frente iria sentir o impacto e iria agradecer por essas oportunidades. Lembro de uma cena muito aperreada para terminar um relatório do PIBID, minha mãe olhou e disse: - Filha tranque essa faculdade e vá cuidar da sua família! Respondi: - Não, porque se eu deixar agora, não retornarei, irei perder o calor da emoção, dou um jeito! Cheguei desesperada, conversei com meu esposo que também estava cursando Filosofia e o mesmo falou: - Vamos fazer um acordo, você termina, eu vou ‘empurrando com a barriga’, quando você concluir eu termino a minha. E foi assim na correria, criança chorando de madrugada, dando mamadeira a uma, ele ninando outra e eu estudando, elaborando atividades, provas, relatórios... Não me arrependo de nada! E faria tudo de novo.

Hoje, vejo o PIBID de forma crucial para minha formação, muitas das aulas planejadas e executadas no projeto, atuo em sala de aula apenas adaptando as turmas. As metodologias que utilizo em sala de aula, os quatro passos propostos por Gallo que consistem em: sensibilizar, problematizar, investigar e conceitualizar. Isso nunca esqueci. Além desses passos utilizo como inspirações Lipman (Filosofia para crianças e comunidades de investigação) e Kohan (Filosofia com crianças), uso da palavra, a importância do pensar e experiência do pensar.

Atualmente trabalho no CDS desde 2015 exercendo função de coordenadora do Cursinho e Professora do 6^a ao 8^a ano do Ensino Fundamental II de Filosofia.

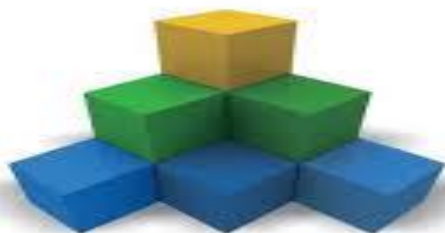
Quando entrei em 2015 lecionava Filosofia do 6^a ao 8^a ano do 1^a semestre. No 2^a semestre lecionava disciplina de Artes e Filosofia do 6^a ao 9^a ano. Em 2015 na grade era Moral e Cívica. Em 2016 a grade mudou e lecionava do 5^a ano do Ensino Fundamental I, na 1^a série do Ensino Médio e Cursinho, na disciplina de Filosofia e artes do 6^o ano do Fundamental II a 3^a série do Ensino Médio. Em 2017 assumi a função de coordenadora e passei a lecionar do 6^o ao 8^o ano, a disciplina de Filosofia. Em 2018 permaneço do 6^o ao 8^o Filosofia e na Coordenação Pedagógica.

Gosto muito de lecionar, a sala de aula é como se fosse um palco que entro, esquecendo de todos os problemas, é um universo mágico que junto com meus alunos/as vivenciamos experiências do pensar.

Caicó/RN 13/09/2018

Ana Maria

**APÊNDICE J– COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**



**BASE
NACIONAL
COMUM
CURRICULAR**
EDUCAÇÃO É A BASE

**COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS**

Competências e habilidades (BNCC):

Competências gerais²⁰:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Língua Brasileira de Sinais [Libras], e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

²⁰ Essas competências e habilidades estão implícitas na BNCC.

- 5.** Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- 6.** Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7.** Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8.** Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- 9.** Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- 10.** Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino

Médio:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

HABILIDADES

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar as tipologias evolutivas (como populações nômades e sedentárias, entre outras) e as oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/sensibilidade, material/virtual etc.), explicitando as ambiguidades e a complexidade dos conceitos e dos sujeitos envolvidos em diferentes circunstâncias e processos.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.

HABILIDADES

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas das sociedades contemporâneas (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS203) Contrapor os diversos significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas como civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo e cidade/campo, entre outras.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS206) Compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros, relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.

3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

do consumismo.

HABILIDADES

(EM13CHS301) Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção e descarte (reuso e reciclagem) de resíduos na contemporaneidade e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental e o consumo responsável.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas a uma percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo.

(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, e selecionar aquelas que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel dos organismos nacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta.

4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

HABILIDADES

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADES

(EM13CHS501) Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade).

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADES

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.



(EM13CHS602) Identificar, caracterizar e relacionar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da cidadania.

(EM13CHS603) Compreender e aplicar conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.) na análise da formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas.

(EM13CHS604) Conhecer e discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens.

APÊNDICE L – PROJETO ARTICULADORES DO SABER FILOSÓFICO

	<p>GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA ESCOLA ESTADUAL CALPÚRNIA CALDAS DE AMORIM- ECCAM NOVO ENSINO MÉDIO - NEM</p>	
---	--	---

Projeto: Articuladores do saber filosófico

Professora responsável e área de conhecimento:																
Sueny Nóbrega Soares de Brito (Filosofia)																
Público alvo:																
Estudantes da Escola Estadual Professora Calpúrnia Caldas de Amorim																
Turno matutino:																
Disciplina:	Professor/a:	1º A	1º B	1º C	1º D	1º T E C	2º T E C	2º A	2º B	2º C	2º D	2º E	3º A	3º B	3º C	3º D
Filosofia	Sueny	X	X	X	X		X		X	X	X	X		X	X	
Turno vespertino:																
Disciplina:	Professor/a:	1º A	1º B	1º C	1º D	1º E	1º F	2º A	2º B	2º C	3º A	3º B				
Filosofia	Sueny	X	X	X	X	X	X	X	X	X						
Objetivos:																
Geral:																
Contribuir para a melhoria do processo ensino e aprendizagem, promovendo a cooperação acadêmica entre estudantes e professores (as).																
Específicos:																
- Assessorar o estudante nas suas potencialidades;																
- Estreitar a relação professor (a) e estudante;																
- Orientar o (a) estudante no planejamento dos estudos no ambiente escolar e extraescolar;																
- Planejar com o/a professor/a ações de intervenção que possam dinamizar o processo de ensino e aprendizagem.																

- Estimular a participação dos (as) estudantes na execução de projetos de ensino e na vida acadêmica;
- Proporcionar melhoria na qualidade do ensino, oportunizando ao (a) estudante experiência nas atividades acadêmicas;
- Aprofundar o conhecimento do/a articulador/a sobre o conteúdo da disciplina.

Justificativa:

As disciplinas de Filosofia e Sociologia passaram a ser consideradas componentes curriculares obrigatórios na Educação Básica, a partir de 2008, com a lei de número 9.394. Com base na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), busca-se que os discentes do Ensino Médio demonstrem não só o domínio dos conteúdos dados e vistos nas disciplinas de Filosofia e Sociologia, como também que estes conhecimentos interfiram na formação positiva da cidadania. É o que relata Brasil (2011a, p. 23) como finalidade do Ensino Médio, Artigo 35, Inciso III “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

A Filosofia como disciplina do Ensino Médio se diferencia das demais, com as suas características próprias, por não ter uma linha cronológica seguida rigorosamente, ou mesmo conteúdos específicos para cada série como explica Brasil (2002, p. 41 - 42):

No entanto, não existe uma Filosofia – como há uma Física ou uma Química -, o que existem são filosofias, podendo o professor (a quem chamaríamos de filósofo-educador) privilegiar certas linhas de pensamento e de metodologia, sejam elas a dialética, a fenomenologia, a racionalista etc. Também, diferentemente das outras disciplinas, não há um ‘começo’, um pré-requisito para se introduzir a Filosofia, a não ser quando aos cuidados necessários com o estágio de competência de leitura e abstração dos alunos, bem como o universo de conhecimentos e valores que cada um deles já traz consigo.

A Filosofia como também a sociologia vem com uma proposta específica, buscando a partir do conhecimento do discente a construção do novo saber, proporcionando o desenvolvimento ético e político com eficiência. Além desta questão, outro desafio que está posto é o da reduzida carga horária semanal de aula. Fato que dificulta o desempenho dos estudantes nas referidas aulas. Para suprir essa necessidade apresenta-se o referido projeto.

Na Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim a professora de Filosofia desenvolve suas aulas em 20 turmas, o número de turmas e a carga horária dificulta o processo de ensino e aprendizagem, a ideia é que em cada turma sejam selecionados dois articuladores e colaboradores (dois estudantes de cada turma, masculino ou feminino), que acompanharão e

avaliarão as atividades da professora junto aos estudantes, serão mediadores das ações propostas, contribuindo para que os estudantes atuem como agentes ativos na busca do conhecimento. O articulador ou articuladora utilizará da tecnologia em especial, a informática para dar suporte aos outros estudantes, considerando que “as novas tecnologias, em especial na área da informática, estão cada vez mais presentes no cotidiano dos alunos”, (LAHAN; SANTOS; ZANIOLO, p. 02, 2017) sendo assim, utilizá-las para melhorar o aprendizado é fundamental.

Portanto, a implantação do projeto *Articuladores do Saber Filosófico* surgiu com o intuito de aprimorar o desempenho intelectual dos (as) estudantes. O referido projeto pretende proporcionar a consolidação de um trabalho significativo, comprometido com a educação de qualidade, permitindo o desenvolvimento da autonomia do estudante. A dificuldade de solidificar o conhecimento na disciplina, que comporta apenas uma aula semanal proporcionou o pensar em um projeto de articulação que deverá constituir-se numa intervenção, que articule a autonomia intelectual do (a) estudante. Considerando a construção do saber, a articulação é marcada pelo trabalho de estruturar, orientar, estimular e provocar o (a) participante a construir o seu próprio saber. Os articuladores e/ou as articuladoras irão mediar as atividades da professora e contribuirão para que a disciplina em que os (as) estudantes tinham contato apenas uma vez por semana, a partir do projeto através das mídias e até presencialmente, tenham uma melhor comunicação entre professora, disciplina e estudante.

Perfil do/a estudante articulador/a:

Capacidades: domínio dos conhecimentos básicos da informática, capacidade de expressão, competência para a análise e resolução dos problemas, conhecimentos (teóricos e práticos), capacidade para buscar e interpretar informações.

Valores: responsabilidade social, solidariedade, espírito de cooperação, tolerância, identidade cultural.

Atitudes: promoção da educação de outros e contribuição para o crescimento da instituição escolar.

Metodologia:

- Seleção de dois estudantes (masculino e/ou feminino) de cada turma, das séries em que a professora leciona. Como critérios para seleção serão observados dos (as) estudantes do Ensino Médio o rendimento escolar, o interesse em participar do projeto, a capacidade de liderar e se comunicar com a turma, além de ser organizado.

- Através de encontros presenciais quinzenalmente, os articuladores e ou as articuladoras junto com a professora irão analisar a importância da autonomia intelectual.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá de forma contínua e diagnóstica, a partir do desempenho dos estudantes conforme os objetivos propostos, considerando a assiduidade, participação ativa nas atividades e interesse no compromisso com a educação.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. [Lei Darcy ribeiro (1996)]. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 6. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: MEC/SFE, 2000

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio**: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2002.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

EECCAM. **Projeto político pedagógico**. Caicó-RN, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo : Paz e Terra, 1999.

LAHAN, Stelamary Aparecida Despincieri; SANTOS, Rosimeire dos ; ZANIOLO, Leandro Osni . **COMPETÊNCIAS PEDAGÓGICAS: O “OLHAR” DO TUTOR PRESENCIAL DO SISTEMA DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**. Disponível em:

<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Trabalhos/176-788-1-ED.pdf>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

TORQUATO, Ludmila Ariel; GONÇALVES, Dayane Carolina; PALLES, Camila Molina.

PROJETO TUTORES PARA ALUNOS DA REDE PÚBLICA. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/emem/files/2015/10/PROJETO-TUTORES-PARA-ALUNOS-DA-REDE-P%C3%9ABLICA.pdf>. Acesso em: 20 de jan de 2017.

ANEXO I – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A experiência do PIBID-Filosofia Caicó-RN na formação docente: impactos na construção de metodologias para o ensino de filosofia

Pesquisador: SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 79017817.4.0000.5294

Instituição Proponente: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.536.477

Apresentação do Projeto:

A referida pesquisa trabalhará os aspectos metodológicos para o ensino de filosofia na educação básica. Para o contexto de nossa pesquisa percebemos a importância de utilizar o método de pesquisa qualitativa autobiográfica, empregando como procedimentos a análise individual documental e entrevistas individuais semiestruturadas que mediante a autorização do sujeito pesquisado pretendemos além de escrever as informações coletadas também gravar em áudio para uma posterior transcrição. Empregaremos o referido procedimento, considerando os conteúdos das histórias vivenciadas pelos (as) pibidianos (as) do subprojeto de filosofia Campus Caicó, egressos (as) do referido curso que atuam na docência de filosofia no ensino médio.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as contribuições do subprojeto PIBID/UERN/Filosofia/Caicó para a formação docente dos (as) licenciados (as), a considerar os possíveis impactos do projeto na formação dos (as) egressos (as) e, posteriormente, na sua ação efetiva profissional, em aspectos relativos ao

Endereço: Avenida Professor Antônio Campos, s/nº, BR 110, km 48 - Campus Central - UERN
Bairro: Presidente Costa e Silva **CEP:** 59.610-090
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3312-7032 **E-mail:** cep@uern.br

UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE



Continuação do Parecer: 2.536.477

desenvolvimento de uma prática docente e à construção de metodologias de ensino capazes de contribuir para a relação/desejo de filosofar dos (as) alunos (as).

Objetivo Secundário:

Discutir a formação docente filosófica para o ensino médio e seus desafios.

Analisar os impactos do PIBID na formação dos (as) egressos (as) (ex-pibidianos (as)) com relação às metodologias de ensino desenvolvidas a partir da ação do subprojeto de Filosofia/Caicó/UERN e posterior prática dos (as) egressos (as) como profissionais docentes.

Refletir sobre as contribuições do subprojeto PIBID/ Caicó/UERN para a construção de metodologias que afetem os aprendentes da educação básica ao exercício do pensar filosófico.

Refletir sobre uma proposta metodológica para o ensino de filosofia no ensino médio que contemple a atividade da filosofia, considerando as metodologias identificadas no processo de coleta de dados da referida pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A presente pesquisa envolve o mínimo de risco para o pesquisado que seria a exposição dos mesmos, visto que os mesmos participarão apresentando seus métodos de ensino para possível análises e elaboração de metodologias de ensino, mas a mesma apresenta a garantia de preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Benefícios:

Visa contribuir para a elaboração de metodologias de ensino filosófico na educação básica, visto ser identificado no ensino filosófico a necessidade formativa no aspecto metodológico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram acatadas. O projeto não apresenta óbices éticos.

Endereço: Avenida Professor Antônio Campos, s/nº, BR 110, km 48 - Campus Central - UERN
Bairro: Presidente Costa e Silva **CEP:** 59.610-090
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3312-7032 **E-mail:** cep@uern.br

**UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE**



Continuação do Parecer: 2.536.477

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_984424.pdf	22/02/2018 12:07:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_SUENY_NOBREGA.pdf	22/02/2018 12:04:43	SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO	Aceito
TCLÉ / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANUENCIA_EETA_SUENY.pdf	22/02/2018 12:00:59	SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_SUENY.pdf	11/10/2017 15:59:48	SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_SUENY.pdf	11/10/2017 15:56:31	SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO	Aceito
TCLÉ / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANUENCIA_EECCAM_SUENY.pdf	06/09/2017 14:14:38	SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO	Aceito
TCLÉ / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANUENCIA_CDS_SUENY.pdf	06/09/2017 14:14:06	SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Sueny.pdf	06/09/2017 13:29:11	SUENY NOBREGA SOARES DE BRITO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MOSSORO, 10 de Março de 2018

**Assinado por:
Pablo de Castro Santos
(Coordenador)**

Endereço: Avenida Professor Antônio Campos, s/nº, BR 110, km 48 - Campus Central - UERN
Bairro: Presidente Costa e Silva **CEP:** 59.610-090
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3312-7032 **E-mail:** cep@uern.br